UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGEM: PRÁTICAS LINGUÍSTICAS, CULTURAIS E DE ENSINO

FATORES DE MANUTENÇÃO E REGRESSÃO DA LÍNGUA E CULTURA ALEMÃS NO MUNICÍPIO DE MISSAL – PARANÁ

CASCAVEL – PR

2011

ELIANE KREUTZ ROSA

FATORES DE MANUTENÇÃO E REGRESSÃO DA LÍNGUA E CULTURA ALEMÃS NO MUNICÍPIO DE MISSAL – PARANÁ

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem: Práticas Línguísticas, Culturais e de Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Ciro Damke

Cascavel – PR

2011

FATORES DE MANUTENÇÃO E REGRESSÃO DA LÍNGUA E CULTURA ALEMÃS NO MUNICÍPIO DE MISSAL – PARANÁ

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de concentração Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Drª. Telma Cristina de Almeida Silva Pereira
Universidade Federal Fluminense – UFF
Membro Efetivo

Profª. Drª. Clarice Nadir von Borstel
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Membro Efetivo

Profª. Drª. Terezinha da Conceição Costa-Hübes
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Membro Suplente

Prof. Dr. Louis-Jean Calvet
Université de Provence - Paris
Membro Suplente

Prof. Dr. Ciro Damke
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Orientador

Cascavel, 09 de novembro de 2011.

DEDICATÓRIA

A meus pais, a quem devo à vida e sempre estiveram ao meu lado.

Às minhas amadas filhas Stefanie e Letícia, pelo amor, apoio e paciência.

Ao Leocir, amado companheiro, pelo amor incondicional, apoio e "muita" paciência.

Aos meus irmãos, que acreditaram e torceram por mim.

Aos falantes das diversas variedades linguísticas, especialmente os do Brasildeutsch.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida e pela inspiração no decorrer do trabalho.

Ao meu orientador e professor Dr. Ciro Damke, por ter acreditado em mim. Com sabedoria e paciência soube conduzir a orientação de forma eficiente. Não encontro suficientes palavras para agradecer.

Às professoras Drª Clarice Nadir von Borstel, Terezinha da Conceição Costa-Hübes e Telma Cristina de Almeida Silva Pereira pelas sugestões de leitura, preciosas colaborações e pela participação nesta banca.

Ao professor Dr. Louis-Jean Calvet, pela participação nesta banca e pelo conhecimento que ultrapassa fronteiras.

Ao Leocir, Stefanie e Letícia, amada família, pelo apoio, incentivo e compreensão nos momentos ausentes.

Aos meus pais, irmãs, irmão, cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhos, pelo carinho e incentivo.

À Ineiva, pela contribuição no "bordado" inicial e final.

À Marlise, que me animou nos momentos de angústia (ela sabe o porquê).

Ao Sandro Antônio dos Santos, meu amigo, pelo apoio e pela ajuda com os recursos da informática.

À Fátima, pela compreensão durante os finais de semana das orientações.

À Gisela Lunkes, pela gentileza em disponibilizar material de apoio. Agradecendo a ela, estendo o agradecimento à Prefeitura Municipal de Missal.

Aos colegas, Eder, Olga Viviana, Vera Vilma, Adriane, Rosiane pelo apoio nos momentos difíceis e pelas alegrias compartilhadas. Tempos inesquecíveis que ficarão em minha memória. Sentirei saudades.

Aos professores do Mestrado e aos funcionários da UNIOESTE, especialmente na pessoa de Aparecida Feola Sella e Tatiane, pela atenção e compreensão dispensada.

Ao Mestrado em Letras, pela seriedade e qualidade de ensino.

Aos meus colegas, pela oportunidade em compartilhar conhecimentos.

Aos moradores de Missal, especialmente os informantes, que gentilmente me receberam. Suas histórias de vida me ajudaram a compreender um pouco a língua e a cultura alemãs. Sem vocês, este trabalho não teria sido possível.

As línguas não existem sem as pessoas que as falam e a história de uma língua é a história de seus falantes.

(Louis-Jean Calvet)

Os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem.

(Ludwig Wittgenstein)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o estudo da língua e cultura alemãs em Missal, município localizado no extremo oeste do Estado do Paraná, que apresenta um contexto expressivo de línguas e culturas em contato, algumas resultantes da situação de fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina, a chamada *Tríplice Fronteira*, outras consequência de processos migratórios. Levando-se em consideração este contexto, questiona-se o porquê e quais os fatores que levam os moradores bilíngues de Missal, passados quase duzentos anos desde sua imigração, a falarem o alemão (em sua variedade dialetal *Hunsrückisch/ Brasildeutsch*) e manifestar, por meio das festas e outras tradições locais, sua identidade linguística e cultural. A partir deste questionamento, tem-se, como objetivo principal desta pesquisa, analisar os fatores que estão subjacentes na manutenção e na regressão da língua e da cultura alemãs no referido município. Mesmo reconhecendo que a língua faz parte da própria cultura do indivíduo e do grupo social, os dois elementos – língua e cultura – serão aqui analisados de forma separada, isto é, a influência dos aspectos culturais na manutenção e regressão da língua e cultura alemãs. Pretende-se, com este estudo, contribuir com outras pesquisas já realizadas, especialmente na região oeste do Paraná acerca do tema bilinguismo, identidade e línguas minoritárias em contextos sociolinguisticamente complexos face ao bi(multi)linguismo de autores como Pereira (1999); Heye (2003); Damke (1988, 1992, 1997, 1998, 2005, 2006, 2008); Savedra (2003, 2009); von Borstel (1992, 1999, 2011). Objetiva-se também, contribuir para a valorização e da própria manutenção da língua e cultura alemãs, não somente no município de Missal, mas também em outras localidades onde há situações de bilinguismo. Neste sentido, este trabalho torna-se relevante tanto para os falantes atuais quanto para com as gerações vindouras, descendentes, ou não, de alemães. A pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, tomará como base os pressupostos da Sociolinguística, com enfoque nos conceitos de identidade, bilinguismo, língua/cultura e políticas linguísticas. Entende-se que a construção de um ser humano mais crítico, mais acessível à cultura do *outro* passa pela aceitação da diferença e, neste sentido, aceitar uma identidade diferente da sua é respeitar a do *outro*, sem estigmatizar cultura e crenças, muito menos sua língua, já que as línguas existem em função de seus falantes e suas histórias estão ligadas entre si de modo inconteste (CALVET, 2002). Com base em Calvet (2002); Napolitano (2005) e Damke (2008) atitudes de unidade na diversidade, de respeito e de coexistência pacífica neste mosaico linguístico, cultural e étnico que forma o Brasil, é possível, aceitável e normal.

PALAVRAS-CHAVE: Língua e cultura alemãs; bilinguismo; fatores de manutenção e regressão de língua.

ABSTRACT

The present work has as its theme the study of the German language and culture in Missal, a municipality located in the extreme west of the state of Paraná, which provides an expressive context of languages and cultures in contact, some resulting from the situation of border among Brazil, Paraguay and Argentina, a place called *Tríplice Fronteira*, others are a result of a migration process. Taking this context into account, we wonder why and what factors lead the residents of Missal, two hundred years after their immigration, to speak German (in its dialectal variety *Hunsrückisch/ Brasildeutsch*) and express, through parties and other local traditions, their linguistic and cultural identity. Bearing these questions in mind, the aim of this research is to analyze the factors that underlie the maintenance and regression of the German language and culture in this municipality. Although we acknowledge that language is part of individuals' own culture and social group, both – language and culture – will be analyzed separately, i.e, the influence of cultural aspects regarding the maintenance and regression of the German language and culture. With this study, we intend to contribute to other previous studies, especially in the western region of Paraná, about bilingualism, identity and minority languages in complex sociolinguistic contexts in relation to bi(multi)lingualism from authors such as Pereira (1999); Heye (2003); Damke (1988, 1992, 1997, 1998, 2005, 2006, 2008); Savedra (2003, 2009); von Borstel (1992, 1999, 2011).This study also aims to contribute to the appreciation and maintenance of the German language and culture, not only in Missal, but also in other localities where bilingualism occurs. In this sense, this work is relevant to both current speakers and future generations, German descendants or not. This qualitative ethnographic research will be based on a Sociolinguistic perspective, focusing on concepts of identity, bilingualism, language/culture and linguistic policies. It is understood that the construction of a more critical human being, more responsive to other people´s culture, is only possible through the acceptance of difference and, in this sense, accepting an identity that is different from yours is a sign of respect, without stigmatizing culture and beliefs, especially the language, since languages exist because of speakers and their history is unquestionably linked (CALVET, 2002). Based on Calvet (2002), Napolitano (2005) e Damke (2008) attitudes of unity in diversity, of respect and of a pacific coexistence in this linguistic, cultural and ethnical mosaic which constitute Brazil is possible, acceptable, normal.

KEY-WORDS: German language and culture, bilingualism, factors that influence the maintenance or regression of the language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Livro Missal 24

FIGURA 2 - Início da Colonização de Missal - Entre 1960 e 1963 61

FIGURA 3 - Missal na década de 1960: Máquinas agrícolas, benfeitorias, residências 62

FIGURA 4 - Vista aérea de Missal: entre 2005 e 2011..... 64

FIGURA 5 - Desfile de Carro Alegórico..... 67

FIGURA 6 - Concurso Casal Fritz e Frida em 2011 68

FIGURA 7 - Concurso do *Chopp* em metro em 2011..... 69

FIGURA 8 - Carrinho de *Chopp* em 2011..... 70

FIGURA 9 - Concurso do Serrote em 2011..... 71

FIGURA 10 - 19º Café Colonial em 2011..... 74

FIGURA 11 - 19º Café Colonial em 2011..... 74

FIGURA 12 - Construção de ponte em Missal na década de 1960..... 100

FIGURA 13 - Trabalho voluntário em colheitas na década de 1960..... 100

FIGURA 14 - Desfile de Carro Alegórico em 2011..... 114

FIGURA 15 - 19º Café Colonial em 2011..... 118

FIGURA 16 - Apresentação Cultural em 2011 na 19ª *Deutsches Fest*..... 126

FIGURA 17 - Padre José Backes, cantando, com alguns moradores de Missal, na década de 1960 128

FIGURA 18 - Torneio de Bolãozinho no dia 24/09/2011: Comunidade Boa Esperança, município de Missal..... 131

FIGURA 19 - Jogo de bolão, na década de 1960, em Missal 132

FIGURA 20 - Amistoso de Bolão no dia 25/09/2011, Clube 19 de Março, em Missal..... 134

FIGURA 21 - Padre José Backes, com uma família, na década de 1960 136

QUADRO 1 - Lista de Informantes..... 26

LISTA DE SIGLAS

ABRALIN.....	Associação Brasileira de Linguística
APAE	Associação dos Deficientes Físicos de Missal
AVEMI.....	Associação dos Veteranos de Missal
CELEM	Centro de Estudos de Línguas Estrangeiras Modernas
COTREFAL.....	Cooperativa Agropecuária Três Fronteiras Ltda
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PR	Paraná
PROVOPAR	Programa do Voluntariado Paranaense
SICREDI.....	Sistema de Crédito Cooperativo
SIPAL	Sociedade de Incremento a Propriedade Agrícola Limitada
TCLE.....	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

FORMAS DE TRANSCRIÇÃO

Na apresentação dos depoimentos dos informantes será usada a transcrição cursiva das conversações. No caso das falas em alemão, a apresentação será de acordo com a simbologia abaixo e nela pretende-se aproximar a transcrição o máximo possível da expressão oral dos falantes, reconhecendo que uma forma totalmente fiel, igual à fala é impossível, até mesmo na transcrição fonético/fonológica, o que também não é o objetivo do presente trabalho.

Apoiados em Marcuschi (2003) sobre a transcrição de conversações e para respeitar a fidedignidade em relação às narrativas obtidas por meio das entrevistas, optou-se pela utilização de símbolos para a compreensão quando da transcrição dos relatos dos entrevistados.

O autor recomenda que se leve em consideração "[...] detalhes não apenas verbais, mas entonacionais, paralinguísticos e outros, algumas informações adicionais, quando houver, devem aparecer na transcrição" (MARCUSCHI, 2003, p. 9).

Assim, não será transcrito somente o expressado verbalmente, e sim outros fatores, como entonação, pausas e outros que forem julgadas relevantes para a compreensão da transcrição das narrativas, conforme simbologia abaixo:

a) Interrupções do enunciado: Pausas: (...).

b) Entonação ou ênfase nos enunciados dos entrevistados: EM LETRA MAIÚSCULA.

c) Indicação de transcrição parcial ou eliminação de um trecho: [...].

d) As perguntas ou interferência da pesquisadora aparecem precedidas da letra P, em maiúsculo, seguido de dois pontos. Ex: P:

e) Trechos falados em alemão: ***negrito e itálico*** seguidos da tradução para o português entre colchetes [tradução para o português].

f) Respostas dos enunciados dos entrevistados: *em itálico.*

g) Iniciais de nomes dos moradores, além dos informantes.

SUMÁRIO

RESUMO..... 6

ABSTRACT 7

LISTA DE ILUSTRAÇÕES 8

LISTA DE SIGLAS..... 9

SIMBOLOGIA..... 10

INTRODUÇÃO..... 13

CAPÍTULO I..... 19

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA..... 19

1.1 TIPO DA PESQUISA..... 19

1.2 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DA PESQUISA..... 23

1.3 UNIVERSO E CRITÉRIO DE SELEÇÃO DA AMOSTRA..... 25

1.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS ÉTICOS DE COLETA DE DADOS..... 27

CAPÍTULO II..... 32

2 LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.... 32

2.1 SITUANDO A SOCIOLINGUÍSTICA 32

2.2 BILINGUISMO X MONOLINGUISMO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES... 38

2.3 A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE..... 43

CAPÍTULO III..... 53

3 CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ: UMA CONSTRUÇÃO APROXIMATIVA..... 53

3.1 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ PARA O BRASIL..... 53

3.1.1 A migração alemã para Missal, Paraná..... 59

3.1.2 As manifestações culturais (festas, comidas típicas, danças e cantos)..... 65

3.1.2.1 A *Deutsches Fest*..... 66

3.1.2.2 O Café Colonial..... 72

CAPÍTULO IV..... 76

4 FATORES DE MANUTENÇÃO E REGRESSÃO: ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS..... 76

4.1 ATITUDES DOS FALANTES EM RELAÇÃO À LÍNGUA E CULTURA ALEMÃS..... 77

4.2 OS FATORES DE MANUTENÇÃO: DO PASSADO AO PRESENTE..... 88

4.2.1 Identidade e pertencimento étnico..... 92

4.2.2 Do isolamento/enquistamento para a união do grupo étnico..... 95

4.2.3 A cultura como fator de manutenção..... 103

4.2.3.1 A gastronomia como identificador étnico e cultural..... 105

4.2.3.2 A *Deutsches Fest* na manifestação da cultura..... 113

4.2.3.3 O Café Colonial como fator de manutenção da cultura..... 117

4.2.3.4 Outras manifestações culturais como fator de manutenção: bailes de casais e de *Kerb*, jogos de cartas, cantos, danças, bolão, bolãozinho e atividades da Terceira Idade..... 120

4.2.4 A família..... 136

4.2.5 Políticas Públicas em Missal..... 139

4.2.6 O *Brasildeutsch* como fator de manutenção..... 148

4.3 FATORES DE REGRESSÃO: QUAL O FUTURO DA LÍNGUA ALEMÃ?.... 154

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 168

REFERÊNCIAS..... 176

APÊNDICE..... 186

INTRODUÇÃO

Este trabalho caracteriza-se pela abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, e tem por tema o estudo da língua e cultura alemãs em Missal, Paraná (PR). Apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, cujo objeto de pesquisa é a linguagem em situações reais de uso na sociedade (ALKMIN, 2005).

A língua faz parte da própria cultura da pessoa e do grupo social e para entender o objeto de estudo (fatores que contribuem para a manutenção e regressão da língua alemã) são tratados aqui os dois elementos – língua e cultura – para efeitos de análise, de forma separada, isto é, a influência dos aspectos culturais na manutenção e regressão da língua alemã.

Considera-se relevante abordar aqui a opção pela terminologia *manutenção* e *regressão* da língua e não por *conservação* e *perda.* Os dois últimos parecem, a princípio, equivalentes aos dois primeiros, porém, referindo-se à língua e sua dinamicidade (MOLLICA, 2004) as terminologias podem apresentar diferenças.

Partindo do princípio de que uma língua, e com ela sua cultura, é viva, dinâmica e em constante (trans)formação e o seu uso, pelos falantes, é que caracteriza esta dinamicidade, o termo *manutenção da língua* parece ser, para este trabalho, o mais apropriado, pois remete à um tema que perdura por mais tempo e é passado de geração em geração. Segundo Schlieben-Lange (1991, p. 39) deve-se a Fishman o termo "*language maintenance".* Justifica-se assim, esta terminologia, com apoio em Fishman (1966), citado por Damke (2008):

> Concordando com Fishman (1966), definimos o termo *manutenção da língua* (*language maintenance*) como o processo de conservação de uma determinada variedade lingüística de um indivíduo em si, ou de uma comunidade lingüística inteira, no transcorrer de várias gerações com base em sua consciência de grupo, lealidade lingüística, credo religioso etc (DAMKE, 2008, s.p.).

O mesmo vale para as terminologias *perda* e *regressão*. Assim, optou-se por *regressão* pelo entendimento de que, *perda* remete a algo que se possuía e desapareceu, a algo que "sumiu" de uma hora pra outra. Trazendo a terminologia *regressão* para o enfoque do estudo de uma língua, o termo parece ser o mais condizente, pois caracteriza

um processo lento de diminuição da utilização de uma língua. Neste sentido, concorda-se com Damke de que "[...] como regressão do uso da língua (*Sprachverfall/language shift*) [...] definimos a diminuição do uso" (DAMKE, 2008, s.p.), ou seja, a regressão (*Sprachverfall)* de uma língua pode implicar em sua perda e é decidida pelo próprio falante uma vez que "[...] *un idioma no sólo desaparece porque otro lo domina, sino también y quizás sobre todo porque los ciudadanos aceptan o deciden abandonarlo, no transmitirlo a sus hijos* (CALVET, 2000, p. 35).

Já von Borstel (2003) ao pesquisar algumas comunidades linguísticas, aborda a terminologia *perda linguística*. Em relação a esta temática, a autora afirma:

> [...] atualmente, as comunidades lingüísticas de imigrantes encontram-se em um processo de perda cultural e lingüística, pois os grupos étnicos estão limitados a pequenos grupos que falam a língua materna, restrita à rede familiar em determinadas comunidades de formação étnicas culturais. As revitalizações de redes culturais e lingüísticas regionais, só serão possíveis, se houver um programa nacional de educação bilíngüe, reconhecendo a necessidade do uso de duas variedades lingüísticas em contextos de línguas em contato no Brasil. O que se observou nestas duas comunidades interétnicas é que os jovens estão cada vez mais assimilando a cultura nacional e deixando de lado a língua e a cultura materna (VON BORSTEL, 2003, p. 144).

Entende-se, no entanto, que a autora utiliza a terminologia "perda" no mesmo sentido de "regressão" citado por Damke (*Sprachverfall)*. As perdas linguísticas das comunidades pesquisadas por von Borstel sofreram (sofrem) influências de fatores extralinguísticos. Estes fatores, no decurso de um determinado tempo, influenciam a regressão da língua e da cultura materna e sua "perda" ocorre de forma gradual e não abruptamente.

Damke (2008), sobre regressão da língua, afirma que, mesmo que haja um processo de regressão (*Sprachverfall),* isso não implica, necessariamente, na morte de uma língua (*language death)*. Para o autor:

> Alguns dos aspectos da perda lingüística ou regressão de uma língua observados no contexto sob análise, que não chegam, porém, a morte lingüística, *language death*, já foram descritos por Crystal. Ammon (1973, p. 570), já naquele ano, ligava a regressão lingüística, denominada por ele *Sprachauflösung*, à seqüência de gerações (DAMKE, 2008. s.p.).

A motivação para a realização desta pesquisa deve-se ao fato de que o referido município apresenta um contexto expressivo de línguas e culturas *em* e *de* contato (HEYE, 2003; VON BORSTEL, 2011) sendo algumas resultantes da situação de fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina, a chamada *Tríplice Fronteira*, e outras consequência de processos migratórios. Considera-se oportuno explicitar aqui a terminologia "língua *em* e *de* contato" uma vez que se tem como objeto de pesquisa a língua e cultura alemãs em um contexto onde a língua oficial é o português. De acordo com von Borstel:

> [...] se usa a terminologia "língua *em* e *de* contato" [...] justamente para designar a situação linguística provocada pelo deslocamento (i)migratório de falantes de uma dada língua para um país que tem uma outra língua padrão e, de região para região, diferentes variáveis linguísticas. Desse fato provém a necessidade da obrigatoriedade do aprendizado e do uso da língua politicamente dominante (VON BORSTEL, 2011, p. 36).

A opção pela cidade de Missal – PR justifica-se por seus moradores serem, na grande maioria, descendentes de imigrantes alemães e há na cidade um expressivo número de falantes que se consideram bilíngues em alemão/português e o bilinguismo:

> [...] merece un lugar destacado entre las investigaciones sociolingüísticas porque, si alguna situación pudiera considerarse normal sociolingüísticamente, sería aquella en las que coexisten dos o más lenguas: la mayor parte de las comunidades del mundo viven en una situación en la que conviven varias lenguas (FERNÁNDEZ, 2009, p. 217).

Para o estudo, no que diz respeito aos conceitos de bilinguismo e bilingualidade, toma-se como referência os estudos de Heye (2003), Savedra (2009) e von Borstel (2011) e também no que se refere ao "[...] contexto situacional de aquisição das línguas e pelo domínio funcional de uso delas, por grupos minoritários étnico-culturais em cenários complexos, em comunidades multilíngues" (VON BORSTEL, 2011, p. 13).

Outra justificativa pela escolha do Município de Missal é que este se localiza num contexto de diversidade cultural e plurilíngue pela proximidade da *Tríplice Fronteira* onde línguas e culturas como a alemã, espanhola e italiana, entre outras, estão presentes, caracterizando uma diversidade étnico/linguístico/cultural expressiva com vistas a uma integração possível e aceitável.

Na comunidade, entre a geração mais jovem dos descendentes de imigrantes alemães, há aqueles que não falam a língua de seus pais ou avós, mas a entendem, e

também aqueles que não a entendem, mas demostram atitudes de respeito e apreço para com a língua de seus antepassados, o que confirma que a língua, segundo Mota e Santos (2006), é fator de pertencimento étnico e identitário.

Conforme já exposto, o município de Missal encontra-se num contexto sociolinguisticamente complexo devido a sua localização na região de fronteira, ou seja, há um cenário "[...] onde se fala mais de uma língua, mas não ocorre a escrita das mesmas. Nestas comunidades, há uma forte tradição oral das línguas maternas vernáculas de base rural" (VON BORSTEL, 2006, p. 2). Levando-se em consideração o contexto de fronteira, onde várias línguas e culturas estão em contato, a pergunta que se faz é: Por que, e quais os fatores que levam os moradores de Missal, principalmente os descendentes de imigrantes alemães e passados quase duzentos anos da imigração alemã, a falarem, ainda hoje, o alemão (em sua variedade dialetal) e manifestarem, por meio das festas e outras tradições locais, sua cultura?

A partir deste questionamento e diante do exposto, tem-se, como objetivo geral, analisar os fatores de manutenção e regressão da língua e da cultura alemãs em Missal – PR.

Quanto aos objetivos específicos, foram elencados os seguintes:

a) identificar os fatores e em que medida estes influenciaram e continuam influenciando a manutenção da língua e da cultura alemãs;

b) analisar a importância destes aspectos na formação da identidade individual e coletiva dos falantes;

c) verificar os fatores que influenciam a regressão do uso da língua;

d) analisar as políticas linguísticas existentes em relação à língua e cultura alemãs.

Estes objetivos parecem ser os mais aproximativos no que concerne ao entendimento de que a língua faz parte da identidade do ser humano, de modo que, busca-se a compreensão de sua cultura e de sua história.

Para desenvolver a pesquisa, escolheram-se, como participantes, 12 moradores da comunidade de Missal, sendo seis do sexo/gênero masculino e seis do sexo/gênero feminino, compreendendo três gerações. A primeira geração abrange a faixa etária de 18 a 30 anos (quatro entrevistados), a segunda geração de 31 a 50 anos (quatro entrevistados) e a terceira geração de 51 anos acima (quatro entrevistados).

Quanto à relevância e contribuição científica, propõe-se a produção de conhecimentos com a rigorosidade exigida pelo método científico no processo de

apropriação da cotidianidade vivenciada, sendo este conhecimento construído no contexto das relações sociais e culturais. Espera-se que este trabalho contribua para uma reflexão acerca da continuidade do uso da língua dos antepassados – o alemão – ao lado da língua oficial, o português, e o papel que a sociedade ou a família têm na continuidade (ou não) da língua e cultura alemãs. Não se pretende analisar o sistema/estrutura interna das línguas alemã e portuguesa, e sim a língua enquanto veículo de comunicação e interação usado pelos falantes de uma comunidade.

Busca-se também, contribuir para a produção de conhecimentos sobre o tema e sua problematização, assim como possibilitar que outras pesquisas sejam realizadas ou trazer outros elementos que contribuam para ampliar enfoques de investigações já feitas na região oeste do Paraná acerca do tema língua, cultura e identidade. .

De acordo com a afirmação de Calvet sobre a estreita relação entre a língua e a história dos falantes (CALVET, 2002, p, 12), espera-se que este estudo possa contribuir, tanto para a geração atual quanto para às futuras, no que diz respeito à valorização ou manutenção da língua e cultura alemãs, não somente em Missal, mas também em outras localidades onde há situações de bilinguismo.

O embasamento teórico, para discussões relacionadas à identidade, cultura, sociolinguística e políticas linguísticas, estão pautados em autores como Roche (1969); Willems (1980) Rajagopalan (1998); Calvet (2000, 2002); Bauman (2001, 2005); Alkmin (2005); Meliá (2006); Hall (2006, 2007); Silva (2008); Woodward (2008); Damke (1988, 1997, 2008); Cesário e Votre (2009), entre outros, e em pesquisadores que trataram destes temas sob o aspecto regional como Teis (2004); Butzge (2006); Unser (2006); Ribeiro (2007); Jacumasso (2009); Souza (2010) e outros.

Para dar suporte ao tema bilinguismo e atitudes sociolinguísticas tomam-se, como referência, os seguintes autores: Moreno Fernández (1998); Pereira (1999); Cavalcanti (1999); Calvet (2002); Heye (2003); Tarallo (2005); Mota e Santos (2006); Aguilera (2008); Labov (2008); Damke (1988, 1992, 1997, 1998, 2006, 2008); Savedra (2009); Von Borstel (1992, 1999, 2001, 2004, 2006, 2011).

Em relação à metodologia da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico tomamos como arcabouço teórico-metodológico: Lüdke & André (1986); Marconi (1990); André (1995); Richardson (1999); Haguette (2001); Deslandes (2002); Gomes (2002); Minayo (2002); Chizzotti (2008); Flick (2009).

Este trabalho será apresentado em quatro capítulos: o primeiro – *Procedimentos Metodológicos da Pesquisa* – descreve o método da pesquisa que compreende a explicação das ações desenvolvidas durante a realização do trabalho, tais como: tipo de pesquisa, o universo e critérios de seleção da amostra, os instrumentais utilizados para a coleta de dados e procedimentos éticos para a coleta e análise de dados empíricos.

O segundo capítulo, denominado *Língua, Cultura e Identidade: revisão bibliográfica* trata do referencial teórico, isto é, da revisão da literatura em que são abordados os conceitos dos autores que embasam o presente trabalho.

No terceiro capítulo – *Contexto Sócio Histórico da Imigração Alemã: uma construção aproximativa* – será discutida a trajetória de vida, trabalho, cultura dos imigrantes alemães no Brasil que, após um longo processo de migração desde o Rio Grande do Sul, passando por Santa Catarina, se instalaram em Missal – PR.

No quarto capítulo intitulado *Fatores de Manutenção e Regressão*: *Análise dos Depoimentos* será feita a análise das entrevistas realizadas, análise de documentos e a observação participante. A partir da observação e principalmente dos depoimentos dos informantes, busca-se compreender quais são os fatores que levam à manutenção da língua materna, sua relação com a identidade individual e coletiva e quais fatores estão subjacentes na regressão da língua e cultura alemãs.

Entende-se que este trabalho não é único, exclusivo ou conclusivo, entretanto, almeja-se um maior entendimento sobre os fatores que contribuem para a manutenção da língua e da cultura alemãs, de modo que permaneça viva a história de vida, de trabalho, do modo de ser e de viver de um povo.

CAPÍTULO 1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A escolha do método de pesquisa que compreende a explicação das ações que serão desenvolvidas nem sempre é tarefa fácil. Devido à complexidade do tema, o seu desenvolvimento para a análise e descrição, a tarefa é ainda maior, uma vez que a pesquisadora é moradora da comunidade há muitos anos e falante da variedade dialetal do alemão, chamada, segundo Damke (2008) e von Borstel (2011) de *Hunsrückisch* e *Brasildeutsch*, que serão abordadas no segundo capítulo. Isso implica adotar uma postura de estranhamento para com os moradores da comunidade, ou seja, é necessário empreender "[...] um esforço sistemático de análise de uma situação familiar como se fosse estranha" (ANDRÉ, 1997, p. 8) com o objetivo de realizar um trabalho qualitativo e sem interpretações pré-concebidas ou algum tipo de pré-julgamento.

Destaca-se o termo *complexidade*, pois o tema que se propõe investigar envolve questões como língua, cultura e identidade de um determinado grupo e estas questões implicam na abordagem processual de crenças, costumes, hábitos e atitudes por parte dos falantes da comunidade a ser pesquisada.

No presente capítulo será abordado o tipo de pesquisa e seus instrumentais; a caracterização do ambiente; o universo e o critério de seleção dos informantes e os procedimentos éticos adotados em relação aos instrumentos e coleta de dados.

1.1 TIPO DA PESQUISA

Este trabalho caracteriza-se como qualitativo de cunho etnográfico, apoiado nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística que tem como objeto o estudo "[...] da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso" (ALKMIN, 2005, p. 31).

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada "[...] como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados situacionais apresentados pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos" (RICHARDSON, 1999, p. 90). Chizzotti, em relação à pesquisa qualitativa, afirma que esta:

> [...] recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais e seu termo qualitativo [...] implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível (CHIZZOTTI, 2008, p. 28-29).

Também Minayo (2002), ao abordar pesquisa qualitativa, afirma que:

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21-22)

Quanto à etnografia, entende-se que é o estudo da cultura de um povo ou de um grupo social e seu significado "[...] deriva etimologicamente do grego, de *graphein* – descrever e *ethnos* –, estrangeiro, bárbaro e depois foi utilizado para descrever um grupo cultural" (CHIZZOTTI, 2008, p 65).

Labov (1970) apud Fishman (1971) e Labov (2008) refere-se aos cuidados que o pesquisador deve ter ao entrar em contato com seus entrevistados. Para isso criou o termo *observer´s paradox*. Este cuidado também é citado por André (1997), já que, segundo o que afirma a autora, na maioria dos casos o pesquisador "[...] investiga uma situação que lhe é muito familiar" (ANDRÉ, 1997, s.p.), o que acarreta, a princípio, um risco devido à pre-concepções ou pré-julgamentos, por parte do pesquisador, frente a uma situação familiar.

No entender de Triviños (1987) e Tarallo (2005), o pesquisador se envolve e tem participação direta na mesma [na pesquisa], uma vez que se torna um integrante e participante, temporário ou não, das atividades do grupo como se fosse um membro da comunidade e sua ação é "[...] disciplinada, orientada por princípios e estratégias gerais" (TRIVIÑOS, 1987, p 121), o que gera, a princípio, certo paradoxo. Quanto ao paradoxo, Tarallo (2005) afirma que o pesquisador deve empreender o esforço no sentido de analisar uma situação, ainda que familiar, como se esta lhe fosse estranha para que se atinja o objetivo proposto do objeto a ser pesquisado.

Sobre a temática, Pereira (1999) assevera que cabe ao pesquisador adotar as medidas necessárias para estranhar o que lhe é familiar. Estas medidas são necessárias para que não se analise a cultura do *outro* sob a ótica da cultura e do pensamento do pesquisador.

O pesquisador interage diretamente com os membros da comunidade que estuda e faz parte da vida e da cotidianidade dos mesmos com o intuito de apreender e compreender ações e comportamentos das pessoas envolvidas na pesquisa ou das pessoas da comunidade. Triviños (1987), sobre a participação e as atividades do pesquisador etnógrafo afirma:

> [...] de todas as maneiras, sua atividade, sem dúvida alguma, está marcada por seus traços culturais peculiares, e sua interpretação e busca de significados da realidade que investiga não pode fugir às suas próprias concepções do homem e do mundo [...] a função do etnógrafo, assim, 'não é tanto estudar a pessoa e sim aprender das pessoas' (TRIVIÑOS, 1987, p. 121, destaques do autor).

Do mesmo modo Chizzoti (2008), afirma que o pesquisador etnográfico:

> [...] introduz-se no grupo, ocupando um lugar usualmente inexistente, ou 'acultura-se' ao grupo, participando dele como um membro natural, a fim de colher os significados contextualizados, captar a realidade complexa subsistente em particularidades, apreender o ponto de vista dos membros, tendo presente todos os aspectos éticos que as revelações e confidências dos investigados implicam (CHIZZOTI, 2008, p. 72).

Nesta perspectiva, a abordagem qualitativa tem como ponto central a compreensão da realidade humana vivida socialmente, e o pesquisador tem o ambiente natural como o espaço da coleta de dados empíricos (MINAYO, 2002). O pesquisador que vivencia com o grupo as experiências e o seu envolvimento na comunidade não deve perder o rigor teórico-metodológico no processo da pesquisa.

Quanto ao procedimento para coleta de dados empíricos, que será adotado pelo pesquisador na abordagem qualitativa, apoia-se no conceito de Chizzotti (2008), por entender que esta é a mais pertinente e que vem ao encontro do alcance dos objetivos propostos nesta pesquisa:

> O pesquisador permanece em campo envolvido, durante um período durável, na vida cotidiana dos membros de uma comunidade ou grupos hegemônicos, geograficamente determinados, partilhando de suas práticas, hábitos, rituais e concepções, sem pré-julgamentos ou preconceitos pessoais para compreender a cultura dos grupos. Este contato próximo habilita o pesquisador para alcançar um conhecimento íntimo e amplo do grupo, aprendendo não só o que ocorre no local, mas também como é visto, construído e usado pelos membros do grupo nas atividades habituais do dia-a-dia (CHIZZOTTI, 2008, p. 71 - 72).

Também Flick (2009) traz relevantes contribuições quanto à abordagem qualitativa de cunho etnográfico. Para o autor, a Etnografia tem suas raízes na Antropologia e outras disciplinas, como a Sociologia e a Educação. Enquanto estratégia metodológica, esta pesquisa tem participação extensiva no campo.

A Etnografia mistura o método da participação e observação e sua postura teórica é descrever a realidade social, o que alcança uma maior atenção quanto à pesquisa, pois se trata de uma investigação em seu ambiente natural.

Do ponto de vista metodológico a pesquisa etnográfica "[...] é marcada por uma participação extensiva no campo" (FLICK, 2009, p. 214) e a atividade hábil do pesquisador, em relação à pesquisa e seus pesquisados, torna-se importante, em cada situação, pois há uma interação e participação direta com os membros da comunidade.

Por se tratar de um estudo que tem como objeto a relação entre a língua, a cultura e a identidade de falantes da língua alemã em contexto de língua minoritária, tem-se, na pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, a opção metodológica mais coerente, uma vez que esta:

> [...] caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, para fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo de estudos (CHIZZOTTI, 2008, p. 71).

Deste modo, a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico apresenta características que dão mais ênfase ao processo e significado que as pessoas dão a sua realidade vivida e não no produto quantificável dos dados empíricos coletados. A significação que se dá para o entendimento da realidade é histórica, ou seja:

> [...] as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído (MINAYO, 2002, p. 13).

Em síntese, estas são as considerações que se julgam pertinentes sobre a caracterização do tipo desta pesquisa.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DA PESQUISA

O início da colonização da *Gleba dos Bispos*, onde se situava o que seria a chamada *Cidade Missal*, ocorreu por volta da década de 1960. As Dioceses de Jacarezinho, Palmas e Foz do Iguaçu contrataram a firma Sipal Colonizadora – Sociedade de Incremento a Propriedade Agrícola – como empresa responsável pela venda dos lotes e formação da cidade. A empresa contou, em seu quadro societário, com a participação do Padre José Pascoalino Backes, que "[...] se incumbiu de 'colonizar racionalmente' estas terras e introduzir benfeitorias, adotando o regime de pequena propriedade agrícola" (KLAUCK, 2004, p. 21). O Padre José Pascoalino Backes, na época em que Dom Geraldo Sigaud era bispo que estava à frente da diocese de Jacarezinho, loteou a área que seria, anos mais tarde, a cidade de Missal – PR.

Também Unser (2006), a respeito da cidade de Missal, diz que "[...] a maioria dos primeiros desbravadores eram descendentes de imigrantes alemães [...] e o marco inicial da colonização se deu em 25 de julho de 1963" (UNSER, 2006, p.19).

Segundo dados obtidos da Prefeitura Municipal de Missal, "[...] a maioria dos colonizadores de Missal (1961 e 1962), pertence à segunda geração de imigrantes alemães". Deduz-se daí, que hoje os entrevistados são da quarta ou quinta geração. Os primeiros colonizadores trouxeram como marca de fator étnico e identitário, características da cultura alemã. Estas características se apresentam no estilo das construções, em enxaimel, a exemplo da Casa da Cultura, na culinária, por meio de alguns pratos típicos e também no vestuário em dias de festas ou eventos representativos. Estas características foram, gradativamente, sendo adaptadas à nova realidade de acordo com as condições e as especificidades vivenciadas no cotidiano.

O nome *Missal* originou-se da decisão dos coordenadores da colonização que queriam um nome que lembrasse a algum objeto religioso, para simbolizar sua ligação à religiosidade. A terra era conhecida como *Gleba dos Bispos*, ou *Terra dos Bispos* e dentre os vários nomes escolhidos, o que prevaleceu foi *Missal* baseado no livro que o sacerdote usa para celebrar a missa, conforme a Figura 1.

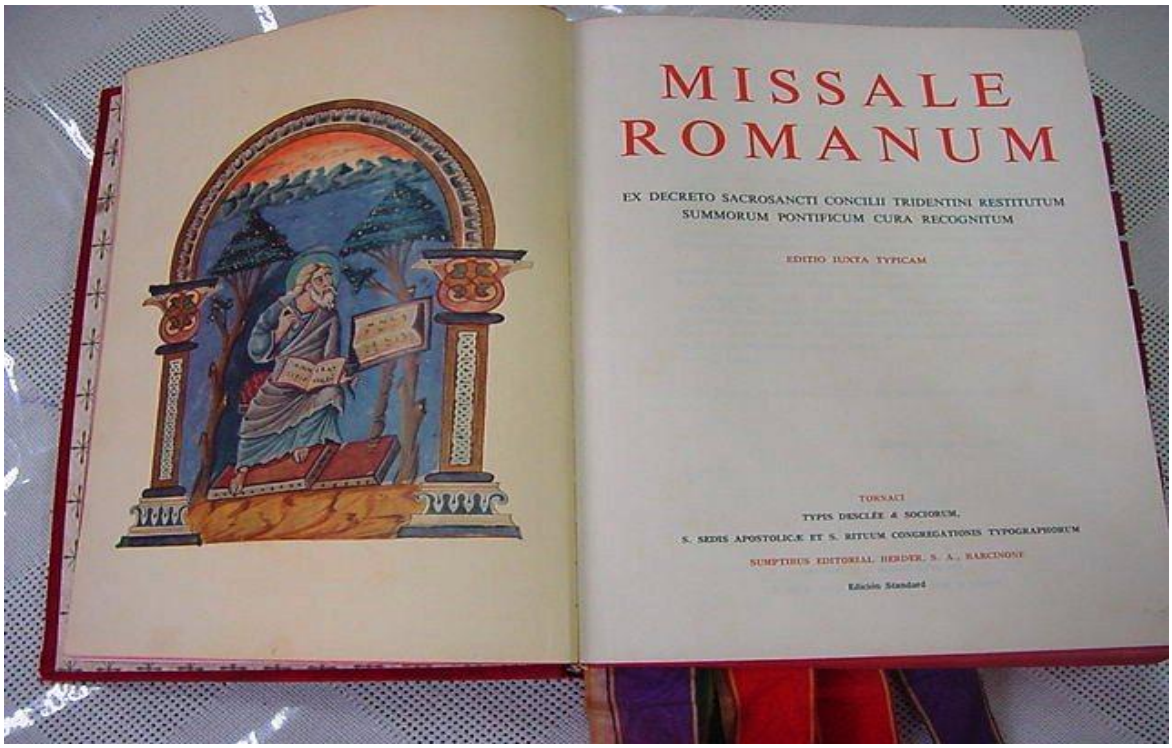

FIGURA 1 - Livro Missal
FONTE: Museu Municipal de Missal (2011)

O município de Missal está localizado no extremo oeste do Paraná, a 85 km de Foz do Iguaçu e sua população, a maior parte descendente de imigrantes alemães, é de 10.474 habitantes, segundo o IBGE - Censo 2010. Sua história tem origem nos anos de 1960 quando agricultores, oriundos dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, atraídos pelos preços vantajosos e das terras planas, instalaram-se na região (LUNKES, 2005).

Além dos alemães há também descendentes de italianos (poucos ainda falantes), alguns poloneses e os conhecidos "brasiguaios[1]" que, junto com a língua portuguesa, falam o espanhol. A presença destas etnias forma um contexto de línguas em contato. Mesmo sendo maioria em Missal, percebeu-se o respeito para com as outras etnias e isso pode ser observado pelos prefeitos da cidade. Até o momento, desde sua emancipação política, em 1982, Missal contou com Prefeitos que, no princípio, eram de descendência alemã sendo, porém, mais tarde, seguidos por prefeitos de origem italiana. Isso comprova a coexistência harmoniosa entre as etnias (RIBEIRO, 2000): Kreutz, Giehl, Kreutz, Giehl, Giehl, Stuani e Ferrari, os dois últimos de origem italiana e os dois primeiros, de origem alemã, foram reeleitos.

[1] Ver trabalho de Teis, 2004.

1.3 UNIVERSO E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE AMOSTRA

O universo da pesquisa é representado pela totalidade da população participante, porém, devido ao considerável número de falantes bilíngues do alemão/português e, neste caso, não se considerou o grau de bilingualidade (HEYE, 2003) dos mesmos, optou-se por uma amostra representativa quanto ao objeto de estudo, isso porque a pesquisa qualitativa "[...] não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade" (DESLANDES, 2002, p. 43).

Como se trata de uma pesquisa qualitativa, esta amostra representante de um total de 12 informantes selecionados parece ser adequada, pois não são utilizados dados estatísticos com objetivos quantificáveis e sim foram utilizados dados qualitativos cuja significação possibilita "[...] abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões" (DESLANDES, 2002, p. 43). Trask (2004), em relação à pesquisa qualitativa e ao número de informantes afirma:

> [...] uma abordagem qualitativa enfoca tipicamente o estudo de pequenas quantidades de falantes ou textos, porque a abundância de dados e os estudos estatísticos são considerados menos importantes do que revelar os significados sociais que as pessoas atribuem a suas atividades linguísticas, quando falam ou escrevem (TRASK, 2004, p. 16-17).

Com referência ao tema, aos objetivos e à seleção dos informantes, alguns critérios foram observados: a) residissem em Missal há mais de 10 anos; b) fossem de descendência alemã e c) falassem e/ou entendessem alemão sem se levar em conta o grau de bilingualidade (HEYE, 2003).

Optou-se por uma seleção que se baseou na amostra não probabilística (MARSIGLIA, 2002), ou seja, não foi usado o critério de seleção de forma aleatória e sim o de amostra por tipicidade, que é usada:

> [...] quando o pesquisador seleciona para a entrevista um grupo que ele considera típico da realidade. Mas isso exige um razoável conhecimento da totalidade das pessoas pelo pesquisador, para verificar se aquele grupo de pessoas escolhidas é típico ou não (MARSIGLIA, 2002, p. 24-26).

Com base no exposto, a seleção dos informantes para esta pesquisa totaliza um número de 12 participantes, conforme Quadro 1, sendo seis são do sexo/gênero masculino e seis do sexo/gênero feminino, compreendendo três gerações. A primeira geração compreende a faixa etária de 18 a 30 anos (quatro entrevistados), a segunda de 31 a 50 anos (quatro entrevistados) e a terceira geração de 51 anos acima (quatro entrevistados). Assim, têm-se o seguinte quadro:

QUADRO 1 - OS INFORMANTES

NÚMERO DE INFORMANTES	INFORMANTES	IDADE	SEXO/GÊNERO
01	M1	18 a 30 anos	Masculino
02	M2	18 a 30 anos	Masculino
03	M3	31 a 50 anos	Masculino
04	M4	31 a 50 anos	Masculino
05	M5	51 anos acima	Masculino
06	M6	51 anos acima	Masculino
07	F1	18 a 30 anos	Feminino
08	F2	18 a 30 anos	Feminino
09	F3	31 a 50 anos	Feminino
10	F4	31 a 50 anos	Feminino
11	F5	51 anos acima	Feminino
12	F6	51 anos acima	Feminino

A opção por gerações foi no sentido de se poder citar e analisar quais são os fatores que levam à manutenção ou à regressão de uma língua considerada minoritária num contexto onde a língua oficial é o português.

A divisão em faixas etárias e sexo/gênero se deu a partir dos postulados de Labov (2008), segundo os quais a linguagem possui um caráter heterogêneo e é determinada pelas relações sociais. Desta forma, para Labov os estudos linguísticos partem do pressuposto de que as línguas variam de acordo com a situação e são condicionadas por fatores extralinguísticos tais como: grau de instrução, etnia, faixa etária, instrução social, idade, entre outros (LABOV, 2008, p. 14).

Além dos informantes, constantes no Quadro 1, coletaram-se também algumas informações e depoimentos relevantes com pessoas da comunidade em relação ao objeto da pesquisa.

Os entrevistados foram informados previamente quanto ao tema da pesquisa, seus objetivos, sua justificativa e a contribuição esperada. Somente após sua confirmação em participar espontaneamente da pesquisa é que se marcou o horário das entrevistas. A escolha quanto ao local e à data para a realização das entrevistas (Apêndice I) ficou a critério dos informantes. Conforme detalhado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no Apêndice II, e para garantir o sigilo dos informantes, conforme prevê a própria legislação sobre pesquisas com seres humanos, não serão revelados os nomes dos participantes, mas siglas, conforme exposto no Quadro 1.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas envolvendo seres humanos da UNIOESTE, vinculado ao Conselho Nacional de Saúde e aprovado sob Parecer nº 081/2011 (Anexo I).

1.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS ÉTICOS DE COLETA DE DADOS

Toma-se como referência a afirmação de Chizzoti (2008), que, a coleta de dados compreende várias estratégias para a captação ou registro de informações necessárias para uma pesquisa:

> A coleta de dados em etnografia utiliza uma variedade de estratégias e diversidade de técnicas, a partir de observações participantes e contextualizadas e de anotações feitas em campo, com o objetivo de fazer uma descrição interpretativa do modo de vida, da cultura e do grupo social a ser pesquisado. Recorre assim à observação participante, entrevista, história de vida, autobiografias, práticas interacionistas de coleta de dados e quaisquer outros meios de coligir informações sugeridos pelo trabalho de campo gerados por observações atentas. Equipamentos como lápis e papel, gravadores, filmadoras, *laptops*, computadores, banco de dados etc. são usados para registrar, coligir e sistematizar informações documentais (CHIZZOTI, 2008, p. 72).

A entrevista foi o principal instrumento de coleta de dados, mas não o único. Foi utilizada, também, a Análise Documental e a Observação Participante. Em relação à Análise Documental como instrumento ou técnica de coleta de dados, Lüdke e André argumentam que esta "[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.38).

A Análise Documental serviu para a busca de informações históricas não encontradas através dos depoimentos, bem como deu o respaldo teórico no tocante às informações factuais a partir das hipóteses e foram considerados documentos "[...] quaisquer materiais escritos que pudessem ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano" (PHILLIPS apud LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 38).

O uso da Análise Documental é de relevada importância para a compreensão e proposição dos objetivos uma vez que "[...] os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam as afirmações e declarações do pesquisador" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 39). De posse de documentos, as afirmações e seu conteúdo possibilitaram um conhecimento mais amplo, dando suporte e fundamentação teórica ao tema pesquisado.

A Análise Documental se baseou em documentos obtidos na Prefeitura, Biblioteca, e Museu Municipal e também em outros órgãos competentes, quer públicos ou privados, e dentre os documentos consultados estão livros, jornais, revistas, panfletos. A maioria dos descendentes já não lembram mais com exatidão fatos relevantes da imigração, e para relembrar sua trajetória e história, buscaram-se, nos documentos, as informações necessárias.

No que se refere à observação e participação, fez-se uso desta técnica, pois se compartilha com o que diz Cruz Neto (2002):

> [...] a importância desta técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (CRUZ NETO, 2002, p. 59-60).

A observação e participação permitem ao pesquisador captar dados e informações muitas vezes não ditas pelos entrevistados, mas que são importantes, pois deixam transparecer aspectos não observáveis através da comunicação, quer oral ou escrita e o observador "[...] chega mais perto da 'perspectiva dos sujeitos'" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 26, destaque das autoras).

Ao observar as pessoas, o pesquisador adentra na vida dos mesmos e busca entender suas ações e comportamentos, no entanto, esta técnica, assim como a Análise Documental, também sofre críticas. Conforme citam Lüdke e André (1986) a observação gera algumas críticas pela sua subjetividade e o comportamento dos observados pode

mudar e sofrer alterações ao saberem que estão sendo observados. Outra crítica é que "[...] este método se baseia muito na interpretação pessoal" e que "[...] o grande envolvimento do pesquisador leve a uma visão distorcida do fenômeno ou a uma representação parcial da realidade" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 27). As críticas podem se fundamentar nas razões pelas quais cada pessoa tem suas particularidades, como: gostos, costumes, desejos, necessidades, história de vida, ou seja, são variáveis difíceis de serem avaliadas.

Considera-se importante a observação e participação, pois é por meio desta técnica que se pode acompanhar e anotar a atuação social em coletividade, o comportamento entre os falantes do alemão e com outras pessoas, as atividades culturais, enfim, pela observação pode-se "perceber" o que não está escrito e os detalhes que não são relatados nas entrevistas. A observação e participação também indicam ou sugerem pistas quanto ao pertencimento ativo das pessoas em relação à sua língua, à sua cultura e ao seu engajamento nas atividades culturais.

Quanto à entrevista, cujo procedimento para uma pesquisa do tipo qualitativa é a mais usual, procurou-se obter o maior número de informações possíveis a partir dos depoimentos dos entrevistados, e, a partir disso, interpretar os motivos pelos quais ainda se fala a língua alemã e que tipo de alemão é falado.

Por meio da entrevista, procurou-se averiguar se a língua é considerada como fator de pertencimento identitário; qual o sentimento que os falantes têm em relação a sua etnicidade[2]; o porquê da língua alemã ser (ou não) considerada como elemento de integração e interação entre seus falantes e principalmente o porquê de sua manutenção e as causas de sua regressão.

Segundo Marcuschi, é importante que se leve em consideração "[...] detalhes não apenas verbais, mas entonacionais, paralingüísticos e outros, algumas informações adicionais, quando houver, devem aparecer na transcrição" (MARCUSCHI, 2003, p. 9). Com base no que conceitua o autor, a respeito da transcrição dos depoimentos e no que se refere à fidedignidade em relação às narrativas obtidas por meio das entrevistas, optou-se pela utilização de símbolos para a compreensão quando da transcrição dos relatos dos entrevistados.

Retoma-se o já apresentado no que se refere à simbologia usada para as transcrições. Para as pausas, o símbolo utilizado será o de reticências, entre parênteses,

[2] O termo etnicidade define uma qualidade ou afiliação étnica, conforme registram alguns dicionários da língua inglesa, embora seja um neologismo ainda ausente nos dicionários brasileiros de língua portuguesa. É uma categoria social significativa da condição de pertencimento a um grupo étnico (SEYFERTH, 2000, 153).

conforme exemplo: (...). A entonação nas falas dos entrevistados será representada em letras maiúsculas e a resposta dos entrevistados, quando em língua alemã, será apresentada em negrito e itálico seguida da tradução, entre parênteses, para o português. Quando da necessidade de suprimir parte do texto, este será representado em colchetes.

Para Lüdke e André a "entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados [...] esta é, aliás, uma das principais técnicas de trabalho" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 33). Ainda segundo as autoras:

> [...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, e o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 33-34).

Também Cruz Neto em relação à entrevista, citado sua importância, uma vez que a partir dela o pesquisador:

> [...] busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de dados relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (CRUZ NETO, 2002, p. 57).

Richardson apresenta algumas indicações que o pesquisador deve adotar e seguir, ressaltando que "[...] toda entrevista precisa de uma introdução, que consiste, essencialmente, nas devidas explicações e solicitações exigidas por qualquer diálogo respeitoso" (RICHARDSON, 1999, p. 216) e que é necessária a autorização do entrevistado e de que seja informado quanto aos procedimentos da entrevista. O autor atenta para o fato de que deve ser assegurado o anonimato do entrevistado e que este poderá abster-se de responder e, inclusive, interromper a própria pesquisa, se assim desejar.

Foi exposto aos entrevistados que os riscos em relação à pesquisa, já que foram adotadas as medidas para manter o sigilo e as providências para que nada pudesse identificá-los, pois, se faria uso de siglas e números, respeitando-se, assim, a identidade dos participantes da pesquisa, como por exemplo: M1, M2, F1, F2, conforme explicitado no Quadro 1.

A realização das entrevistas ocorreu nos locais designados e de acordo com a vontade, disponibilidade e horário escolhido pelo informante, mediante leitura prévia, consentimento e posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a leitura do TCLE aos participantes, este foi assinado em duas vias, permanecendo uma via com o informante e outra com a pesquisadora. Quanto ao uso do gravador nas entrevistas, após consentimento do entrevistado/a, foi deixado em local o mais discreto possível com o objetivo de reduzir o desconforto que causa o gravador ao entrevistado. Em relação a este procedimento, tomou-se como referência o que diz Tarallo:

> [...] seja qual for a natureza da situação da comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua presença com o elemento estranho à comunidade (TARALLO, 2005, p. 21).

O tema da pesquisa foi explicado previamente aos entrevistados, dando-se ênfase a possibilidade de que a mesma poderia ser interrompida a qualquer momento e que teriam a liberdade de não mais participar da investigação, se assim o desejassem. O tempo aproximado da entrevista foi em torno de 30 a 45 minutos, e lhes foi assegurado o sigilo de suas identidades.

Ainda no tocante aos procedimentos éticos para coleta de dados, a abordagem utilizada foi (e deve continuar sendo) a de respeito e de ética para com a expressão das ideias, pontos de vista distintos e para com as crenças e atitudes dos envolvidos na pesquisa, respeitando-se sempre a informação dada, o ponto de vista, as ideias e, acima de tudo, a pessoa do entrevistado(a).

CAPÍTULO 2 - LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Tem-se como objetivo, neste capítulo, abordar alguns aspectos relacionados ao bilinguismo/multilinguismo; língua *em* e *de* contato; língua, cultura e identidade; crenças e atitudes e políticas linguísticas. Considera-se a abordagem destes aspectos necessária uma vez que se tem como objetivo analisar os fatores de manutenção e regressão da língua e cultura alemãs e como a identidade dos falantes se apresenta frente ao tema sob análise.

Para tanto, as contribuições teóricas da Sociolinguística darão o suporte necessário no que concerne às reflexões, análises e conceitos nos quais se fundamenta teoricamente a presente pesquisa. Por se tratar de um estudo baseado nos pressupostos teóricos da Sociolinguística, inicia-se o presente capítulo com uma breve abordagem de seu surgimento, seus precursores e seu objeto de estudo.

2.1 SITUANDO A SOCIOLINGUÍSTICA

Nesta pesquisa, tendo por base o pensamento de Labov (2008), parte-se da premissa que o melhor estudo da língua é o uso dela na sociedade. A linguagem está fundamentada na interação social, sendo determinada, segundo Alkmin (2005), pelas relações sociais e se apresenta como heterogênea, pois são heterogêneas, também, as formas de interação, tanto sociais quanto verbais.

A partir desta assertiva, e na afirmação de Alkmin (2005), sobre a estreita relação entre linguagem e sociedade, entende-se que a língua não deve ser analisada como matéria estanque e homogênea e sim em suas múltiplas variações. Para tanto, em qualquer trabalho que envolva a língua(gem)[3] e suas variações, é necessário abordar o precursor dos estudos linguísticos em sua forma variacionista, William Labov.

Segundo Labov (2008) a Sociolinguística se encarrega de estudar a linguagem e sua diversidade na sociedade. O autor afirma que as línguas variam de acordo com a situação e são condicionadas por fatores extralinguísticos: faixa etária, etnia, classe social,

[3] Baseados em Damke (1992) utiliza-se o termo *língua(gem)* pelo entendimento de que a língua, como estrutura, só existe por meio de seu uso, ou seja, da linguagem.

gênero/sexo, grau de instrução, entre outros, e estes fatores influenciam o uso da língua no cotidiano.

Também Alkmin, em relação ao seu objeto de estudo, assegura:

> Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos (ALKMIN, 2005, p. 31, destaques do autor).

A linguagem e sua relação com a sociedade vêm sendo estudada desde a antiguidade e data "[...] do período clássico na Grécia antiga e em Roma; da Idade Média; do século XVIII até o século XX, no qual os estudos lingüísticos se intensificaram e construíram sua base, aperfeiçoando postulados e acrescentando novas teorias" (HORA, 2004, p. 13).

Porém, é na década de 1960, com William Labov, que a Sociolinguística surge como resultado da insatisfação e inquietação "[...] dos modelos existentes que afastavam o objeto da linguística da realização da língua e de suas diversas manifestações" (CEZAREO e VOTRE, 2010, p. 146). Os autores, em relação ao surgimento da Sociolinguística, afirmam que:

> O termo "sociolinguística" surge pela primeira vez na década de 1950, mas se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, especialmente com os trabalhos de Labov, bem como os de Gumperz e Dell Hymes e a conferência de *The Dimensions of Sociolinguistics*, de Willian Bright, publicada em 1966 sob o título de *Sociolinguistics* (CEZAREO e VOTRE, 2010, p. 141, destaquesdo autor).

A Sociolinguística tem participado de modo expressivo do entendimento das relações sociais entre os falantes e, segundo Mollica, "[...] a Sociolinguística é uma das áreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala" (MOLLICA, 2004, p. 9).

Sobre variedades linguísticas, Bortoni-Ricardo assegura que "[...] no Brasil, as diferenças lingüísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para o ensino da língua dominante, em detrimento às demais variedades linguísticas existentes e os antecedentes linguísticos e culturais do educando" (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 9). Neste sentido a variedade padrão é considerada superior à

variedade linguística que o aluno traz de berço há uma valorização dos aspectos culturais relacionados à norma padrão em oposição à linguagem informal, ou não padrão.

A linguagem usada no cotidiano apresenta uma dinamicidade e se adequa de acordo com o contexto, quando e com quem é usada. Sobre esta dinamicidade, concorda-se com o que afirma Mollica sobre o caráter heterogêneo da língua:

> Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe, da morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático discursivo (MOLLICA, 2004, p. 9).

A Sociolinguística Variacionista, subárea da Linguística, parte do pressuposto de que a linguagem tem variações não podendo, portanto, ser vista como homogênea e sim como heterogênea, pois cada região, cada comunidade de fala mantém características peculiares da língua enquanto uso e interação e cada falante a usa de acordo com suas habilidades. Algumas das características regionais também foram comprovadas na presente pesquisa.

As comunidades de fala, segundo Labov (2008), integram um grupo de pessoas que compartilham um mesmo conjunto de normas no uso da linguagem. Sob o mesmo enfoque, von Borstel (2011), conceitua o seguinte:

> [...] *comunidade de fala* (originalmente utilizado por Hymes, em 1967, como *speech community*) serve para quando o uso da linguagem é conceituado como formas externas de regulamentação da comunicação verbal. Assim, portanto, eventos de fala não são considerados o sistema, e sim o uso linguístico na interação comunicativa entre os usuários de um grupo sociolinguístico plurilíngue (VON BORSTEL, 2011, p. 103, destaques da autora).

Labov (2008), ao abordar a concepção estruturalista da linguagem enquanto sistema, pautado nos estudos de Ferdinand de Saussure (2003), argumenta que a língua usada no dia a dia pelos falantes torna um tanto difícil o estudo focado apenas na sua estrutura, como pretendiam preconizadores desta abordagem. Após haver trabalhado por uma década fora do ambiente universitário, como químico industrial, o autor observou que a linguagem, em seu cotidiano, se apresentava de maneira diferente e seu estudo deveria

ser pautado na heterogeneidade, uma vez que a linguagem era determinada pelas relações sociais.

Ainda de acordo com Labov "[...] existiam diversas barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária" e uma delas é a de que "[...] Saussure tinha enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham que ser estudadas separadamente" (LABOV, 2008, p. 13-14).

A inquietação diante da visão da linguagem como sistema/estrutura levou estudiosos como Gumperz, Hymes, Bright e principalmente Labov a uma visão diferenciada a respeito dos estudos linguísticos. Esta visão estuda a linguagem em suas manifestações e variações, ou seja, estudar "[...] a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos" (LABOV, 2008, p. 13).

Para Hymes (1972), a Sociolinguística dialoga com outras disciplinas, tais como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Educação, mas seu objeto de estudo se diferencia destas, pois interessa à Sociolinguística identificar, descrever e interpretar as variações linguísticas presentes nas comunidades de fala. O autor (Ibidem) afirma que o falante adquire, ao longo do tempo, uma competência comunicativa que o faz interagir em diferentes contextos e com diferentes pessoas. Para Hymes, a competência comunicativa é a capacidade pessoal que o falante tem de incluir tanto o conhecimento de um código em comum, quanto à habilidade de usá-lo.

Um falante aprende o que dizer e como dizer algo a qualquer interlocutor e em qualquer circunstância a partir do uso linguístico que adota nos diferentes contextos. A competência comunicativa faz com que o falante interaja em diferentes situações, sendo, portanto, condicionadas pelo contexto social da interação verbal. Em relação à competência comunicativa, Hymes afirma que**:**

> [...] a capacidade do usuário da língua inclui alguns, mesmo inconscientes, conhecimentos de probabilidade e mudanças que estão nela inclusas como indicadores de estilo, resposta, etc.[...] em resumo, o objetivo de uma larga teoria de competência pode ser dita para mostrar os meios nos quais a sistemática possibilidade, a viabilidade e a apropriação estão ligadas para produzir e interpretar a atual ocorrência do comportamento cultural (HYMES, 1972, p. 286, tradução nossa).

Também von Borstel (2011), assegura que os estudos deste autor:

> [...] contribuíram para um melhor entendimento da situação de bilinguismo, pois o indivíduo bilíngue, através da competência comunicativa, tem a habilidade de selecionar códigos gramaticalmente normativos até a escolha de formas apropriadas que reflitam as normas sociais de conduta em determinadas situações. Por isso, em situações de bilinguismo, deve-se partir da premissa de que as interações verbais vão, sempre, muito além dos condicionamentos gramaticais (VON BORSTEL, 2011, p. 38).

A crescente pluralidade étnica/cultural traz uma gama de variedades linguísticas, o que gera, por vezes, problemas na comunicação e interpretação entre falantes, tanto na língua portuguesa, quanto nas consideradas *línguas de herança*, portanto, para o processo de interação e comunicação, o falante faz uso das habilidades linguísticas citadas por Hymes (1972) e von Bortel (2011).

Utiliza-se aqui o termo *língua de herança* de acordo com Grosjean citado por Silva: "[...] nos contextos de imigração, quando os pais adotam a política de manter sua língua nativa em casa, seus filhos adquirem ou continuam adquirindo essa língua como herança cultural de seus pais" (GROSJEAN, 1982, citado por SILVA, 2011, p. 123).

Também Fritzen usa o termo *língua de herança*:

> Utilizo o termo 'língua de herança' para referir-me provisoriamente à língua do lar, língua aprendida em casa pelos teuto-brasileiros, termo que tem sido empregado em pesquisas e programas de educação bilíngüe nos Estados Unidos e no Canadá. Reconheço que qualquer nomenclatura utilizada pode gerar problemas, principalmente quando se pesquisam contextos de imigração, pois as línguas faladas pelos grupos étnicos são, não raro, estigmatizadas (FRITZEN, 2007, p. 2, destaques da autora).

Para que um falante tenha a habilidade de interagir com o outro, é necessário que faça uso de estratégias comunicativas para atingir seu intento. Neste sentido, Gumperz (1991) afirma que o falante torna-se hábil para dar pistas ou sinais que garantem a interação. Os sinais dados pelo falante ao seu interlocutor minimizam os problemas gerados pela comunicação entre as variedades ou diferenças linguísticas em contextos bilíngues. No depoimento abaixo é possível observar "as pistas" abordadas por Gumperz (1991):

> *Porque (...) se tu vem num lugar que sabem que falam alemon, claro que você entra e logo fala alemon e se tu entra num lugar que tá assim (...)*

> *capaiz que tu vai começa a falá alemon, tú tem que primero entrá DAÍ DESCOBRÍ, daí tu entra na jogada de falá alemon, senão não (...) Eu sô assim* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Entende-se que, estudar uma língua e seu uso não significa apenas incorporar um conjunto de itens de vocabulário ou aprender e apreender um conjunto de normas para a estruturação de um enunciado, e sim, estudá-los como objeto contextualizado, levando-se em consideração os falantes-interlocutores e as circunstâncias nas quais a linguagem é usada. Sob este enfoque, Alkmin (2005) enfatiza que:

> [...] a linguagem é, eminentemente um fato social. Tem-se, freqüentemente repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em conseqüência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo substancial, isto não significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, lingüística e social (ALKMIN, 2005, p. 24).

Seguindo o pensamento da autora é possível afirmar que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam e como este estudo trata da relação língua/cultura em uma comunidade bilíngue, objetiva-se investigar e compreender as atitudes dos falantes em relação à língua e cultura alemãs.

A língua falada entre eles não é mais o alemão em sua forma original e sim um falar *hibridizado*. Von Borstel afirma que "[...] em nosso país, a estrutura linguística não é mais o falar dialetal e os traços formais da língua alemã em sua forma original, mas, sim, um falar hibridizado, de traços linguísticos regionais, sociais, familiares e culturais de dois códigos" (VON BORSTEL, 2011, p. 22).

Ao estudar a língua e a cultura de um povo, entra-se num terreno *complexo*, pois estão envolvidas neste contexto as identidades, as preferências, a cultura e a língua usada por outras pessoas. Busca-se, portanto, na Sociolinguística, o suporte teórico e metodológico haja vista que esta tem como objetivo estudar "[...] a língua em seu uso real, levando em consideração [...] os aspectos sociais e culturais da produção linguística" (CEZAREO e VOTRE, 2010, p. 141). Deste modo, prima-se pelo respeito à cultura, à língua, à identidade e às atitudes dos falantes da língua alvo pesquisada.

2.2 BILINGUISMO X MONOLINGUISMO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como o objetivo principal deste trabalho está centrado no estudo dos fatores que levam à manutenção e regressão da língua e da cultura alemãs, deve-se levar em consideração que tipo de línguas são usadas pelos falantes. Considera-se relevante abordar alguns conceitos de bilinguismo, uma vez que há uma situação bilíngue alemão/português na comunidade.

No ato das entrevistas foi questionado aos participantes qual seria o nome dado à variedade que falam. Nesse contexto, foram nomeados o *Niederdeutsch* e o *Plattdeutsch*, porém, a grande maioria se refere à variedade falada como *Hunsrickisch*[4]:

> *Eu falo o Hunsrickisch* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).
>
> *Sim. Eu falo, eu falo. Quer dizer, eu falo aquele alemão, como é que chama esse é [...] o alemão cachorro, é esse mesmo, o alemão do mato né*. P: Mas por que você acha que é o alemão cachorro, o alemão do mato? *É o que eles falam isso pra gente né (*INFORMANTE M2 - 48 ANOS).
>
> *Hunsrickisch (*INFORMANTE F3 – 79 ANOS).
>
> *Hunsrickisch* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).
>
> *Hunsrickisch* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

Independente do nome dado pelos entrevistados a esta variedade, assim como toda língua, também esta resulta em alterações com o passar do tempo, sendo cada vez menos falada, ficando restrita a ambientes familiares ou pequenos grupos. Por isso, a língua alemã falada em Missal pode ser considerada como uma *língua de herança*, conforme firmado pelas informantes:

> ***[...] Tas keet fun Érepchaft, fun te Eltre hea, fun te avôs*** [Isso vem de herança, vem dos pais, dos avós] (INFORMANTE F3 – 79 ANOS).
>
> [...] ***Tuut ma tas net mitérbe?*** [Isso a gente não traz como herança?] *Isso vem dos pais, aquele dom, aquela coisa que puxa o alemão* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

[4] Cita-se *Hunsrickisch* (e não *Hunsrückisch*), por ser desta maneira que os informantes falam.

Os falantes interagem, em diversos contextos e com diversas pessoas em sua língua materna, definida, por eles, como *a língua que aprenderam em casa*. Ao serem perguntados sobre o motivo de ainda falarem "a língua que aprenderam em casa", os entrevistados, de maneira geral, afirmaram que falam alemão por esta ser a língua dos pais e avós, sendo, portanto, a língua de sua origem e isso vêm ao encontro do que afirma Grosjean (1982) de que a língua é uma herança cultural de seus pais.

A comprovação acerca da presença do bilinguismo, nesse contexto, se dá a partir do relato dos informantes, pois, ao serem questionados se gostariam de responder as perguntas em alemão ou português, a grande maioria afirmou que preferiria responder *ales tórich nana*, que pode ser traduzido como "tudo misturado":

> ***Ales tórich nana*** [tudo misturado] (INFORMANTE M2 – 48 ANOS).
>
> *Vou responder em português. Fica mais fácil* (INFORMANTE M4 – 27 ANOS).
>
> ***Ales pische tórich nana*** [Tudo um pouco misturado] (INFORMANTE F1 – 37 ANOS).
>
> ***Ales tórich nana*** [Tudo misturado] (INFORMANTE F2 – 25 ANOS).
>
> *É claro, melhor* ***Taitsch spreche.Tii fremte Véda tuun ich net fasteehn*** [É claro, melhor falar em alemão, as palavras estranhas eu não entendo] (INFORMANTE F3 – 79 ANOS).
>
> ***Ales tórich nana*** [Tudo misturado] (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).
>
> ***Ales tórich nana*** [Tudo misturado] (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

Será abordada, no quarto capítulo, a variedade usada entre os falantes, denominada por eles de *Hunsrickisch* ou, segundo alguns autores, de *Brasildeutsch.* Também será tratada a possibilidade de esta variedade ser considerada como elemento formador da identidade do falante bilíngue alemão/português de Missal.

Pelo expressivo número de falantes, não somente em Missal, mas em várias regiões brasileiras, considera-se relevante fazer algumas reflexões sobre o mito do monolinguismo existente no Brasil.

Considerar o Brasil como um país monolíngue, onde "[...] a ideologia da 'língua única', desde os tempos coloniais, tem camuflado a realidade plurilíngue do país" (CALVET, 2007, p. 7) é ir contra a realidade do país, já que existe um considerável

número de variedades linguísticas no território brasileiro. Napolitano, falando de cultura no geral, mas que vale também para a língua, afirma que o Brasil é "[...] lugar de mediações, fusões, encontro de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional" (NAPOLITANO, 2005, p. 7).

Diante da diversidade de etnias existentes no Brasil, a presença de variedades linguísticas é um fato que não pode ser ignorado. O mito de que no Brasil só se fala português, contestado por Bagno (1999) e também por Cavalcanti (1999), ainda está muito presente no imaginário das pessoas, porém, aquém da realidade brasileira. O mesmo anula a diversidade linguística existente e eclipsa as línguas consideradas minoritárias como as línguas indígenas, a língua de sinais e a língua dos imigrantes:

> [...] existe um mito de monolinguismo no país [...] esse mito é eficaz para apagar as minorias, isto é, as nações indígenas, as comunidades imigrantes e, por extensão, as maiorias tratadas como minorias, ou seja, as comunidades falantes de variedades desprestigiadas do português (CAVALCANTI, 1999, p. 387).

Em relação ao mito da língua portuguesa como língua de supremacia hegemônica em detrimento às demais consideradas línguas minoritárias, desprestigiadas e estigmatizadas, Cavalcanti e Cézar afirmam que a língua deve ser vista como caleidoscópio:

> Em relação à língua portuguesa enquanto língua histórica no Brasil, o que se verifica é a tensão entre os interesses da nação hegemônica e os interesses das sociedades (ou nações) minoritárias, que convivem no mesmo território sob o manto do Estado brasileiro. O país mantém interna e externamente o mito de nação "monolíngue", tornando, assim, invisíveis, suas "minorias" linguísticas e socioculturais. [...] Neste contexto é que se instala o prestígio de determinada norma da língua portuguesa e o apagamento das línguas nacionais minoritárias (CAVALCANTI e CÉZAR, 2007, p. 49-50).

De acordo com Cavalcanti (1999), o tema bi/multilinguismo deve ser trabalhado nas salas de aula em oposição ao pensamento hegemônico de que o Brasil é um país monolíngue e que somente a norma institucionalizada é considerada "correta". Neste sentido, cabe ao profissional da educação a tarefa de desmistificar estereótipos, envolvendo preconceitos em relação à fala do outro para que o respeito, haja vista a diversidade linguístico/cultural, permeie as relações sociais.

Pela presença e pelo dinamismo das variedades linguísticas existentes no Brasil, acredita-se que, se for desmistificada a noção equivocada do monolinguismo, pode ocorrer, gradual e naturalmente, a valorização e revitalização de todas as variedades linguísticas, e possivelmente das línguas consideradas minoritárias ou as *línguas de herança* decorrentes de processos migratórios.

Considera-se, portanto, oportuno trazer alguns conceitos de bilinguismo. Não se pretende, porém, levar em consideração os graus de bilingualidade, citados por Heye (2003) e Savedra (2009) como os diferentes graus de bilinguismo que cada falante tem.

Não há, entre os teóricos, um conceito único para o termo bilinguismo e sua definição é difícil de ser dada pela complexidade que o próprio termo sugere. Mello diz que o conceito de bilinguismo é complexo, amplo e "[...] difícil de ser definido, uma vez que são várias as abordagens e os critérios usados para caracterizar uma situação de bilinguismo" (MELLO, 1999, p. 30).

Para von Borstel (2011) e Heye (2003), o bilinguismo deve ser relativizado:

> [...] há, especificamente entre os lingüistas, uma grande distinção nas definições do termo bilingüismo, que varia de uma exigência máxima do domínio das línguas, isto em cem por cento, até o extremo oposto, o domínio de um pouco mais de zero por cento das línguas. Uma das definições clássicas e mais rigorosas é a de Bloomfield que diz que *"bilíngüe é o indivíduo que tem habilidade de falante nativo em duas ou mais línguas"* Na definição de Oestreicher, igualmente exigente, bilingüismo implica no *"domínio completo de duas línguas diferentes sem interferência entre os dois processos linguísticos"* (VON BORSTEL, 1999, p. 42, destaques da autora).

Sob o enfoque da dificuldade e impossibilidade de um único conceito para o bilinguismo e os falantes bilíngues, von Borstel apresenta as seguintes reflexões:

> a) Até que ponto o falante é bilíngue e qual é o seu domínio sobre cada uma das línguas usadas? b) Em que situações os falantes usam as duas línguas e, em que situações usam uma língua e em que situações usam a outra? c) Até que ponto os falantes trocam as duas línguas e sob quais condições passam de uma para outra? d) Até que ponto o falante emprega as duas línguas separadamente? e) Qual é o momento que se faz a fusão das línguas num único sistema? f) Quais os fenômenos de interferência manifestados pelo uso alternado das duas línguas? g) Como o uso de uma língua influencia o uso da outra? (VON BORSTEL, 1999, p. 08).

As reflexões apresentadas pela autora levam a um questionamento acerca da amplitude que o termo bilinguismo oferece. Também é preciso atentar para o contexto histórico, situacional, familiar e social, no qual os falantes bilíngues se encontram.

Heye, ao abordar o bilinguismo, define o falante bilíngue como:

> [...] não sendo "necessariamente 'ambilíngue' (tendo competência nativa em duas línguas), mas um bilíngue de um tipo específico que, junto com outros bilíngues de muitos outros tipos, pode ser classificado ao longo de um contínuo". Desse modo, os bilíngues podem apresentar mais ou menos domínio das duas línguas nas habilidades orais e escritas (HEYE, 2001, p. 37).

Ainda em relação ao bilinguismo, Bloomfield, citado por von Borstel (2011) afirma que bilíngue é aquele que tem o domínio, como um nativo, de duas línguas. Esta definição apresenta uma visão que não condiz com a realidade, nem mundial, nem brasileira, pelo expressivo número de línguas existentes. De acordo com esta afirmação também em Missal não haveria falantes bilíngues.

Segundo Calvet, estima-se que o número de línguas seja "[...] entre 4.000 e 5.000 para cerca de 150 países" (CALVET, 2002, p. 35). Com base no que afirma há uma evidência clara de um contexto plurilíngue no mundo e esse contexto "[...] faz com que as línguas estejam constantemente em contato" (CALVET, 2002, p. 35).

Outro fator que gera situações bilíngues ou plurilíngues advém da globalização, pois com o intercâmbio de pessoas e produtos, fruto das relações comerciais e turísticas, o bilinguismo se torna cada vez mais uma realidade concreta entre as populações, situação presente em contextos de fronteira, a exemplo da região oeste do Paraná, pela proximidade com a Argentina e Paraguai.

Para Mackey (1968), o bilinguismo pode ocorrer em graus variados, desde a competência mínima até o domínio total de mais de uma língua e que o bilinguismo é uma característica individual, sendo, portanto, algo muito particular e específico, que pode mudar de pessoa para pessoa. Já para Weinreich (1976), bilíngue é aquele que utiliza duas línguas alternadamente e o seu uso tem relação com o contexto social no qual o falante está inserido.

Para Mackey (1968), um falante bilíngue não precisa dominar com perfeição as habilidades de ler, escrever, ouvir e falar, pois deve ser levado em consideração que o

falante usa a língua de acordo com a situação e que cada falante possui características individuais que podem ocorrer em graus variáveis.

Concorda-se com Leão (2007), citando Romaine (1995), que o bilinguismo é um potencial a ser explorado e não um problema a ser resolvido. O termo bilinguismo sugere, pela sua amplitude, multiplicidade de conceitos e pela sua relevância nos estudos de línguas em contato, uma abordagem mais aprofundada. A intenção que se teve, neste tópico, não foi a de fazer uma análise pormenorizada e sim apresentar alguns conceitos a partir dos autores citados pela verificação da situação de bilinguismo alemão/português existente em Missal.

2.3 A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

Para Labov "[...] a língua é uma forma de comportamento social [...] ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, idéias e emoções uns com os outros" (LABOV, 2008, p. 215). A partir das considerações do autor, entende-se que a língua é usada pelos falantes como um mecanismo de interação verbal e que os constitui, tanto individualmente quanto socialmente.

A partir destas afirmações é mais fácil estabelecer e entender a relação entre os conceitos de língua, cultura e identidade.

De acordo com von Borstel "[...] a língua de um dado grupo é, sem dúvida, um fator decisivo na determinação da identidade étnica de um indivíduo" (VON BORSTEL, 2011, p. 20), assim, entende-se que os grupos étnicos compartilham uma origem e uma história de vida em comum. Em relação à identidade étnica, cita-se a definição dada por Durango (1993), segundo o qual é:

> [...] o sentimento de pertencer a um grupo étnico [é] uma identificação étnica gerada por um sistema específico de produção cultural, cimentada por uma língua em comum entre os membros de um grupo étnico (DURANGO, 1993, apud MEY, 1998, p. 74).

A continuidade das tradições e costumes é possível por meio da transmissão geracional de uma língua e cultura em comum, como é o caso dos descendentes de

imigrantes alemães em Missal. Mesmo em um contexto onde existe a presença de outras etnias e seus respectivos costumes, estes descendentes preservam (ou tentam preservar) o uso da língua e da cultura alemãs, que pôde ser verificada tanto nos depoimentos dos informantes quanto na participação expressiva nas atividades culturais presenciadas.

Uma língua em comum não é necessariamente a língua falada por um grupo de maneira idêntica nem da mesma forma e sim baseada numa "[...] visão pragmática: a língua é o que nós, os usuários, fazemos no contexto das nossas possibilidades sociais" (MEY, 1998, p. 81). Neste sentido, a língua pode ser considerada como fator de identificação dos grupos étnicos, conforme o depoimento abaixo:

> *Quando a xente nota alquém falá em alemon, nunca pensava que potía falá (...) COMO a xente acha ponito isso [...] A xente pensa que não fala em alemon e te repente começa a falá em alemon, eu acho ponito isso (...) muito ponito* (INFORMANTE F3 – 79 ANOS).

Os moradores de Missal, ao longo do tempo, mantiveram muitas de suas características de origem e, mesmo estando em constante contato com os costumes e tradições de outros grupos étnicos, presentes no contexto da diversidade linguística e cultural da região oeste do Paraná, continuam falando a língua materna, o que confirma as palavras de Damke:

> [...] o uso da língua alemã está em regressão (*Sprachverfall*), no entanto, se se olhar para os quase 200 anos desde a vinda dos primeiros imigrantes desta etnia, deve-se concordar que a conservação (*Spracherhalt*) desta língua e cultura é bem mais longa do que seria de se esperar (DAMKE, 2008).

Segundo Hall "[...] as nações modernas são, todas, híbrido culturais" (HALL, 2006, p. 62), porém, alguns grupos ou comunidades étnicas procuram preservar, por meio das tradições e costumes, características de sua cultura como forma de valorizar sua etnia. Os descendentes de imigrantes alemães, ao usarem, ainda hoje, a língua de seus antepassados e preservar (ou tentar preservar) características de sua cultura, o fazem por um sentimento de pertencimento para com a língua e cultura de herança do grupo étnico do qual fazem parte.

Este sentimento de pertencimento pôde ser observado no relato dos próprios falantes. Alguns entrevistados disseram que, mesmo não falando o alemão que se falava há

tempos atrás e sim um "*alemão misturado*" com o português, a língua alemã ainda é usada como a tentativa de preservar a cultura dos antepassados e por ser a língua que aprenderam em casa, a língua de sua origem.

Com base no exposto considera-se oportuna a abordagem de alguns conceitos sobre identidade e cultura uma vez que a língua faz parte da identidade e das práticas culturais do ser humano e ambas estão em constante transformação e interação.

A identidade, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, segundo Hall (2008), Silva (2008) e Woodward (2008), não mais se apresenta como pronta e acabada, e sim definida como fragmentada, não fixa, mas em contínua (re)construção, transformação e alicerçada na diferença para com o outro.

As identidades, ao passarem por este estado de *fluxo*, se transformam constante e ininterruptamente pela própria e natural transformação da sociedade e pela própria cotidianidade. De acordo com Bauman (2001, 2005), a modernidade fragmenta e dilui o que antes era fixo e estável, assim, saindo de um estado sólido para um estado de identidades líquidas, maleáveis e mutáveis o falante adquire, ao longo de sua vida, na pós-modernidade, várias identidades.

Estas diferentes identidades, quer pessoais ou profissionais, entram então em conflito com a identidade individual e a identidade coletiva o que leva o ser humano ao constante estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998). Moita Lopes, a respeito das identidades fragmentadas afirma:

> As identidades sociais têm sido descritas como fragmentadas, portanto, complexas, no sentido de que não são homogêneas. [...] Dependendo das relações de poder existentes exercidas em práticas sociais particulares, o mesmo indivíduo pode estar posicionado em identidades sociais contraditórias. [...] Elas estão sempre sendo construídas ou reconstruídas através dos esforços de construção de significado nos quais nos engajamos (MOITA LOPES, 2002, p. 138-139).

Na construção da identidade do ser humano, aspectos linguísticos e culturais se fazem presentes e segundo Damke:

> Não se pode falar em língua [...] sem que esteja ligada à identidade do próprio falante. Por outro lado, também não é possível falar em construção do sujeito ou da identidade do indivíduo, sem se falar também da identidade étnica, *do aspecto cultural*, e portanto também, da própria identidade linguística (DAMKE, 1998, p. 19, grifo próprio).

Entende-se que a identidade está relacionada também à cultura, e a cultura se materializa em diversas manifestações, tais como: danças, cantos, música, teatro, cinema, literatura e também a gastronomia. Estas são formas de manifestação cultural que as pessoas assumem para mostrar à que etnia pertencem.

Woodward comenta que os seres humanos assumem posições e diferentes identidades em diferentes instituições. Os posicionamentos diferentes "[...] constituem aquilo que Pierre Bourdieu chama de 'campos sociais'" (WOODWARD, 2008, p.30) que, neste contexto, podem ser denominadas, também, de esferas sociais. A autora afirma que as diferentes identidades podem se apresentar de diferente formas a cada dia e em cada uma dessas esferas sociais, mesmo que "[...] em todas estas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa" (WOODWARD, 2008, p. 30).

A afirmação de Woodward pode ser interpretada da seguinte maneira: em cada uma das diferentes esferas em que o ser humano se encontra, este assume uma identidade diferente de acordo com o ambiente em que está: em casa, a mulher assume a identidade de dona de casa e de mãe; no trabalho, assume-se a identidade profissional, e assim por diante. Assim também ocorrem nas outras esferas sociais, tais como: igreja, trabalho, grupos de amigos, encontros familiares, escolas, clubes sociais, entre outros. Baseados no que afirma Woodward, pode-se dizer que em diversas situações que o homem se encontra, diferentes identidades podem se apresentar, mesmo sendo a mesma pessoa. Também Hall, na mesma temática, afirma que "[...] somos diferentemente posicionados, em diferentes ocasiões e diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo" (HALL, 2007, p. 30). Também Bauman afirma que as identidades se marcam pela diferença e diz que "[…] todas as identidades, incluindo a das idéias, estão constituídas por diferenças e continuidades" (BAUMAN, 2005, p. 11).

A construção da identidade não é algo pronto e acabado, que surge da noite para o dia, nem algo que vem unicamente do berço ou das relações familiares (DAMKE, 1998). A identidade, baseada nas afirmações dos autores, é construída e modificada constante e cotidianamente por fatores étnicos, religiosos, políticos, pessoais, culturais ou sociais que fazem parte da história de vida da pessoa e de sua relação com o outro. Damke, a este respeito afirma:

> [...] assim como a própria língua/linguagem, em parte [...] é trazida do próprio berço e em parte ela vai se formando ao longo da vida, de acordo com a realidade da vivência do indivíduo. A construção da identidade,

> pois, é resultado de fatores individuais, mas também depende de fatores coletivos, sociais (DAMKE, 1998, p. 22).

Devido à sua subjetividade e ambiguidade, é impossível encontrar um conceito unívoco, um único conceito que englobe todos os aspectos relacionados à cultura. Bauman diz que:

> A persistente ambigüidade do conceito de cultura é evidente. O que é muito menos a idéia de que essa ambigüidade não surge tanto na forma como as pessoas definem a cultura como da incompatibilidade entre muitas linhas de pensamento que, historicamente, tem convergido para o mesmo termo (BAUMAN, 2002, p. 95, tradução nossa).

Meliá (2010) conceitua cultura como o conjunto de crenças, hábitos e atitudes. Para o autor, a cultura não pode ser desvinculada da identidade e está diretamente ligada à territorialidade. A cultura é comparada a uma teia de muitos significados que o homem cria e recria constantemente.

Para o autor, a cultura é a "pele" que nos cobre e estamos envolvidos nesta "pele" que é fina, sensível e transparente na qual sentimos as sensações. "É a 'pele' que habitamos que nos delimita enquanto indivíduos e que nos faz ser diferentes[5]."

Woodward em relação à cultura afirma:

> Cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por "cultura" (WOODWARD, 2008, p. 41).

O conceito de cultura para Geertz é essencialmente semiótico, ou seja, a cultura envolve um conjunto de interpretações e significações, um sistema ordenado nos quais os indivíduos definem seu mundo, expressam seus sentimentos e formulam juízos de valor. O autor define cultura da seguinte maneira:

> O conceito de cultura eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas

[5] BARTOLOMEU MELIÁ, 2010. Palestra Aula Magna no Mestrado Ciências Sociais- Unioeste -Toledo em 26 de Agosto de 2010.

> como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p. 4).

Geertz (Ibidem), em relação à cultura, faz a seguinte observação:

> De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual eu me atenho não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 2008, p. 66).

Para Certeau a cultura é "[...] mais do que um conjunto de 'valores' que devem ser defendidos ou idéias que devem ser promovidas, a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social" (CERTEAU, 2005, p. 192).

Outro conceito de cultura é o de Melo. Para o autor, a cultura é:

> [...] um patrimônio de idéias, de ideais, de conceitos científicos ou de conhecimentos empíricos, de costumes, de criações ou concepções artísticas. Esse patrimônio social transmite-se, de uma geração para outra, ao longo do tempo, com perdas e conquistas novas, com empobrecimento e com enriquecimento (MELO, 1974, p. 19).

Já Thompson conceitua cultura da seguinte maneira:

> [...] cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças (THOMPSON, 2000, p. 176, tradução nossa).

No contato entre as culturas alemã e brasileira, como todo processo natural de transformação cotidiana, há uma absorção de elementos culturais de ambas as culturas, o que fez surgir a cultura teuto-brasileira. Sobre o assunto, Willems comenta de uma *cultura marginal*, não no sentido pejorativo em si, mas como uma cultura que é formada a partir do encontro de outras duas culturas – a germânica e a luso-brasileira – e que, segundo ele, gerou uma cultura híbrida nas zonas de colonização alemã:

> Diante do que acaba de ser exposto já não pode haver dúvida quanto à existência de uma cultura híbrida, nas zonas de colonização germânica. [...] Em qualquer hipótese, os grupos humanos que habitam essas áreas participam de combinações várias de elementos oriundos de culturas diferentes. Trata-se, portanto de uma *cultura marginal* que cobre certo

> número de áreas e subáreas não contíguas (WILLEMS, 1980, p. 182, destaques do autor).

A afirmação de Willems pode ser interpretada na seguinte perspectiva: cada povo possui uma cultura que lhe é característica e, ao entrar em contato com a cultura do outro, ocorre, gradualmente, pelo contato e pela aproximação, uma incorporação de elementos culturais do "outro", o que gera uma cultura híbrida:

> A marginalidade afigura-se, portanto, como uma fase de transição de uma cultura para outra. Duração e intensidade dessa situação de conflito estão em razão direta à heterogeneidade das duas culturas em cujas margens o imigrante está colocado [...] este é o caso de muitas comunidades teuto-brasileiras (WILLEMS, 1980, p. 9).

O mesmo também ocorre em relação à língua. De acordo com Mello (1999), os movimentos migratórios são uma das principais causas da formação de contextos bilíngues ou multilíngues. Na grande maioria dos casos, a língua do país de adoção acaba, lentamente, absorvendo e modificando a língua do país de origem. Mello também afirma que "[...] a língua de origem continua sendo usada entre familiares e aqueles que compartilham as mesmas raízes, enquanto a língua da comunidade local é adquirida para uso nas demais interações" (MELLO, 1999, p. 34).

A língua portuguesa passou lentamente a ser falada também pelos descendentes de imigrantes alemães e a língua materna vernácula ficou restrita a ambientes mais familiares ou reduzidas a pequenos grupos, principalmente com as pessoas mais idosas, que ainda tem o costume de falar alemão:

> [...] *hoje os locais que falo o alemão (...) aonde (...) é na terceira idade, aqui, no nosso munícipio, aqui na secretaria também tem uma e outra pessoa que falam o alemão [...] e (...) fora disso é só no convívio com o pessoal de mais idade* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

> *[...] Com a mãe eu falo bastante em alemão. Quando eu vou lá na mãe ela diz:* ***Alo, tuu toch [Taitsch] fatseele, tan tunich fasteehn***. [Vamos, conversá em alemão, assim eu entendo] *A mãe é assim, bem fechado mesmo, o português dela é bem ruim* (INFORMANTE M2 – 48 ANOS).

Os imigrantes alemães, ao chegarem ao Brasil, trouxeram consigo, não só a sua língua, mas também sua cultura. Devido ao isolamento geográfico, os grupos de

imigrantes, alocados em regiões distantes e pouco povoados, mantiveram, por algum tempo, as características de sua cultura original trazida da Alemanha.

O isolamento geográfico, segundo Willems (1980) fez com que os imigrantes participassem ativamente da comunidade e se organizassem internamente de modo a organizarem um sistema educacional religioso e mercantil na língua alemã. Assim, o grupo manteve-se etnicamente homogêneo, por algum tempo, fazendo com que a língua e a cultura se preservassem de maneira que, mesmo morando em solo brasileiro, permanecia, entre os alemães, um vínculo com a pátria mãe, a Alemanha.

Devido à homogeneidade étnica, num primeiro momento, alguns elementos culturais alemães permaneceram quase que em sua originalidade. Esta "originalidade" deu-se, de um lado, pelo pouco contato com os luso-brasileiros, e de outra parte, por tentarem manter as características de sua origem, de sua pátria natal. Isso se deve, segundo Willems (1980), ao grau de isolamento:

> Não parece demais insistirmos sobre o fato de que, originariamente, quase não havia população luso-brasileira nas zonas de colonização germânica. A nova sociedade integrada quase que exclusivamente por imigrantes alemães, seus descendentes, e por fragmentos étnicos culturalmente absorvidos por eles, constituía-se sem que houvesse possibilidades de integrar, em grande escala, valores culturais brasileiros. [...] a maioria das zonas de colonização estrangeira permanecia, por longas décadas, voltada sobre si. Os laços que os ligavam ao sistema político-administrativo e educacional da nação eram extremamente tênues. Quanto maior o isolamento geográfico das áreas teutas, quanto mais rarefeitos os sítios e núcleos e quanto mais homogênea a sua organização econômica tanto mais acentuado o seu insulamento cultural. Como ilhas culturais as diversas áreas permaneciam também isoladas umas em relação às outras (WILLEMS, 1980, p. 105).

Paradoxalmente, o mesmo autor cita também a presença da heterogeneidade entre os próprios alemães, que, segundo ele, se dá pelo fato de que os imigrantes não vieram somente de uma parte da Alemanha, e sim de várias regiões e até de outros países de língua alemã. O autor acrescenta ainda que, grande parte dos imigrantes chegou ao Brasil antes da unificação da Alemanha, em 1871 vindos, tanto da Alemanha setentrional (Pomerânia, Baixa-Saxônia e Westfália), quanto da Alemanha ocidental (Renânia, Palatinado e Hesse) (WILLEMS, 1980, p. 36 a 40).

Embora a migração dos alemães para o Brasil tenha ocorrido por pessoas de diferentes lugares, "[...] o elemento predominante entre os colonos de São Leopoldo vinha

da Alemanha ocidental, de uma região chamada Hunsrück e situada no triângulo montanhoso formado pelos rios Reno e Mosela" (WILLEMS, 1980, p. 38). O autor afirma que os "[...] processos de fusão cultural subsequentes faziam com que as formas culturais do Hunsrück absorvessem as demais, deixando assim a impressão de uma homogeneidade que a princípio não existia" (WILLEMS, 1980, p. 38).

Mesmo tendo assimilado elementos da cultura brasileira com o passar dos anos, e sofrendo o processo de hibridização linguística e cultural, os entrevistados disseram que a língua e a cultura alemãs fazem parte de sua identidade:

> *[...] foi assim uma coisa que sempre me inspirei [...] lá na Vista Alegre, quando eu tinha meu mercadinho, eu falava em alemão com as pessoas, por isso eu não perdi o meu alemão né. O alemão faz parte, não tenho vergonha de falá, falo em qualquer lugar, não tenho vergonha* (INFORMANTE M2 – 48 ANOS).

> *Ahh sim...[...] com certeza. Eu me sinto até, assim, vamos dizer orgulhoso por ter vindo dessa descendência* (INFORMANTE M4 – 27 ANOS).

Pelo relato dos informantes percebe-se a existência de um sentimento que remete à sua origem. Este sentimento foi passado de geração em geração, e está, segundo alguns imigrantes, no sangue. O sentimento étnico e cultural que os descendentes têm em relação à sua origem é retratado por Seyferth (1982), quando a autora aborda a germanidade[6] do povo alemão, que, mesmo já em solo brasileiro, manteve um vínculo muito forte para com a terra natal de seus antepassados:

> Volkstum expressa a etnia de um indivíduo e não diz respeito ao seu local de nascimento. É a ascendência (sangue), a cultura e a língua de um indivíduo. É a essência de um povo ou raça. Deutschtum é a Volkstum alemã, germanismo ou germanidade, a essência da Alemanha, representando o mundo teutônico. Deutschtum engloba a língua, a cultura, o Geist (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo o que está relacionado com ela, mas como nação e não como estado. Representa a solidariedade cultural e racial do povo alemão. Na tradição popular alemã do século XIX, os dois termos representavam a cultura popular germânica que fez com que os alemães tivessem consciência de uma grande fraternidade alemã a exemplo dos primitivos germanos. Volkstum e Deutschtum, portanto, trazem consigo a idéia de que a nacionalidade é herdada [...] ainda que tenha nascido em outro país (SEYFERTH, 1982, p. 45-46, apud RAMBO, 1994, p. 47).

[6] Optou-se, neste trabalho, pelo conceito de germanidade dado por Seyferth: "O conceito de germanidade ou *Deutschtum* inclui tudo o que pode ser entendido como étnico por referência à idéia de origem comum, ancestralidade e herança cultural" (SEYFERTH, 1982, p. 3, citada por WOLF e FLORES, 1994, p. 217).

Os relatos dos informantes confirmam que este vínculo com a terra natal na Europa é praticamente inexistente nos dias atuais. A terra natal, sua *Heimat*, é hoje a chamada Colônia Velha[7], no RS, donde veio à maioria dos idosos.

Aos poucos, as relações econômicas entre alemães e brasileiros começam a se estreitar e o contato linguístico e cultural os aproxima levando a uma hibridização de culturas. Não somente elementos culturais alemães foram aceitos por brasileiros, a exemplo das comidas típicas integradas à culinária brasileira, mas também ocorreu o inverso. Segundo Mauro (2005) "[...] por outro lado, valores culturais brasileiros também foram aceitos pelos imigrantes, dentre eles aspectos relacionados à adaptação ao meio ambiente, à necessidade de utilização da língua, aos efeitos dos meios de comunicação, etc" (MAURO, 2005, p. 22).

Na temática da hibridização de culturas, oriundas do contato entre grupos étnicos diversos, Seyferth afirma que "[...] mantém-se certo grau de pluralismo étnico, apesar do contato constante entre os diversos grupos que compõem a sociedade brasileira" (SEYFERTH, 1990, p. 77, apud MAURO, 2005, p. 21). Acrescenta que:

> [...] uma verdadeira simbiose de elementos culturais estrangeiros e brasileiros, certas características das culturas de origem dos descendentes de imigrantes são mantidas apenas ao nível de cada grupo, sendo usadas como marcas de diferenciação étnica (SEYFERTH, 1990, p. 77, citada por MAURO, 2005, p. 21).

A partir dos vários conceitos de cultura apresentados e partindo do pressuposto que não há uma cultura no singular, e sim, que há, segundo Certeau (2005), uma "cultura no plural" concorda-se com a amplitude e a subjetividade que a palavra "cultura" carrega. Entende-se que o termo cultura não pode receber um conceito único uma vez que este engloba "[...] o conjunto de crenças, hábitos e atitudes" (MELIÁ, 2010). A isso se acrescenta que cultura é também, a vestimenta, a religião, as normas de comportamento, os costumes e a maneira de ser de cada um ou de um grupo.

Mesmo de forma sintetizada, são algumas considerações teóricas sobre a conceituação de língua, cultura e identidade.

---

[7] Colônia Velha ou *Alt Kolonie* é "[...] é uma região formada por em torno de 30 a 40 municípios na fase de expansão da colônia mãe (São Leopoldo) a partir de 1845." Segundo Roche (1969, p. 344) os principais municípios pertencentes à Colônia Velha são: São Leopoldo, Caí, Lajeado, Estrela, Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul (DAMKE, 1997, p. 30).

CAPÍTULO 3 - CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ: UMA CONSTRUÇÃO APROXIMATIVA

3.1 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

A decisão de migrar, de mudar-se de um lugar para o outro está, na grande maioria das vezes, relacionada a uma série de fatores, dentre os quais podem ser citados os emocionais, econômicos, políticos e religiosos. Os seres humanos se movem no que pode ser denominado *(i)migrações*, e que podem ser livres ou forçadas. As últimas motivadas, às vezes, por decisões conflitantes, no intuito de uma perspectiva melhor de futuro, como por exemplo, sair de sua terra natal em busca de outra terra onde o (i)migrante encontre melhores condições de vida, às vezes, até de sobrevivência.

Segundo Woodward a globalização faz com que as pessoas transitem mais pelo mundo e "[...] a migração internacional é parte de uma revolução transnacional que está remodelando as sociedades e a política ao redor do globo" (CASTLES E MILLER, 1993, apud WOODWARD, 2008, p. 21).

Damke (1997) também comenta as migrações do povo alemão e que sua *Ortsgebundenheit* (fixação/ligação à localidade) não é muito consistente e data dos povos bárbaros.

Autores como Porto (1934), Grothe (1936), Oberacker (1955), Roche (1969), Fouquet (1974), Willems (1980), Jochem (1997) e Damke (1997) afirmam que o êxodo dos alemães e sua migração para o Brasil deve-se ao fato que a Alemanha, no século XIX, passava por períodos de instabilidade política e econômica, o que levou os imigrantes a buscarem, no Brasil, uma nova perspectiva de vida. A instabilidade econômica, aliada à propaganda dos agentes enviados pelo governo brasileiro, levou as pessoas, entre camponeses e citadinos, a migrarem para o Brasil em busca de nova perspectiva de vida e de trabalho.

A Alemanha, afetada pela crise econômica foi palco, num primeiro momento, de migrações internas (do campo para as cidades) e depois, de migrações para o exterior. As últimas coincidem com a política de ocupação de terras brasileiras, consequência da

chegada do príncipe Regente Dom João. As terras eram quase que exclusivamente ocupadas por portugueses. De acordo com Jochem:

> [...] em 1808, um edital do Príncipe Regente concedeu aos estrangeiros o direito, até então reservado aos portugueses, de receberem terras estatais – as chamadas sesmarias. Assim, muitos se fizeram agricultores – servindo-se desta oportunidade oferecida pelo Governo – entre eles os alemães (JOCHEM, 1997, p. 57).

Willems (1980) e Damke (1997), porém, afirmam que não foram somente as instabilidades econômicas as causas da migração dos alemães para o Brasil. De acordo com Willems, seria:

> [...] um erro considerar fatos econômicos ou administrativos como motivos únicos da emigração, pois 'frequentemente não eram os mais pobres que emigravam, e a emigração continuava mesmo quando a situação do país já se havia tornado favorável, mais favorável, às vezes, do que a situação do país de imigração' (WILLEMS, 1980, p. 34, destaques do autor).

Segundo o autor, os agentes das companhias de imigração convenciam os alemães sobre as vantagens concedidas aos imigrantes, e muitos colonos, mesmo em situações até relativamente estáveis, vendiam sua propriedades e "[...] tais promessas levaram os camponeses a venderem suas propriedades a fim de procurar uma vida mais fácil na América" (WILLEMS, 1980, p. 35).

Conforme já citado, não foram somente as promessas de vida melhor na América que fizeram os alemães migrarem, mas também "[...] que em muitas regiões já se havia estabelecido uma tradição emigratória, fato que reforçava, singularmente, a eficiência de tal propaganda" (WILLEMS, 1980, p. 35). A afirmação de Willems vem ao encontro do que diz Damke: a *Ortsgebundenheit* (fixação/ligação à localidade) não é consistente e é motivada pelo *Wanderlust* (gosto pelas migrações/mudanças) (DAMKE, 1997, p.147).

As propagandas das terras devolutas que precisavam ser ocupadas eram atrativas. Segundo Willems "[...] nas regiões do sul e sudeste da Alemanha 'depois de cada colheita má' [...] a fome forçava milhares de sitiantes alemães a emigrarem, tornando-se presas frágeis de agentes estrangeiros" (WILLEMS, 1980, p. 33, destaques do autor).

Os imigrantes alemães chegaram ao Brasil com a expectativa de construírem uma nova vida e, repletos de esperanças, deixaram para trás familiares, aldeias ou comunidades inteiras, em busca de terras e de uma nova pátria. Em sua terra natal, as terras eram,

segundo Jochem (1997), passadas de geração em geração. Ao contrário do que acontecia na Alemanha, no Brasil o solo era um bem disponível para ocupação e transação. Nas colônias recém-criadas, as chances de prosperidade eram maiores, mesmo em meio aos desafios que a nova realidade apresentava.

A data oficial da imigração alemã no Brasil é o ano de 1824, com a chegada de um grupo de imigrantes às margens do Rio dos Sinos, onde foi fundada, em honra de Dona Leopoldina, esposa de Dom Pedro I, a *Colônia Alemã de São Leopoldo*. Igualmente Damke afirma este mesmo ano como o início da colonização alemã, e diz: "[...] mesmo que já houvesse a presença de alemães no Brasil muito antes desta data, o ano de 1824, [...] é reconhecido, oficialmente, como o início da imigração alemã para o Brasil" (DAMKE, 2008, p. 6). Da mesma forma Jochem assegura que já em 1820, o governo "[...] acha por bem estabelecer colônias no reino do Brasil, concedendo terras, por doação, aos imigrantes" (JOCHEM, 1997, p. 58).

Segundo Damke, em praticamente todas as épocas e em todas as regiões "[...] os alemães e seus descendentes participaram através de seu trabalho e de sua dedicação da construção e do desenvolvimento da nação brasileira" (DAMKE, 1997, p. 11). O autor cita o historiador Buarque de Holanda, que também aborda a importância da imigração alemã no Brasil:

> Trata-se aqui não somente de reconhecer o grande desenvolvimento das comunidades de imigração alemã no sul do Brasil, que foram fundadas na época da nossa emancipação política, como se poderia supor, porém, deve-se ir muito mais além, isto é, analisar a presença do homem alemão desde a época de descobrimento e até mesmo muito antes do próprio descobrimento da América do Sul (BUARQUE DE HOLANDA, 1955, p. 4, citado por DAMKE, 1997, p. 11, tradução própria).

Também Seyferth afirma que é o ano de 1824 que marca oficialmente o início da imigração alemã no Brasil. Segundo a autora utiliza-se como "[...] marco inicial a data de fundação de São Leopoldo – 25 de julho de 1824 –, a primeira 'colônia alemã' do sul do Brasil" (SEYFERTH, 1994, p. 12).

O objetivo do governo brasileiro, ao conceder terras e algumas concessões aos imigrantes era fomentar as atividades produtivas na agricultura no interior do país e povoar as extensas terras na região sul do Brasil. Para Seyferth:

> A decisão do governo imperial de implantar no sul um sistema de colonização com imigrantes agricultores, a partir de 1824, tinha motivação geopolítica - povoar uma região problemática do território nacional, ainda sujeita a disputas fronteiriças com países vizinhos - e um propósito de diversificação econômica, objetivando estimular o progresso com a vinda de camponeses e artífices europeus, que havia estimulado os primeiros empreendimentos coloniais autorizados por D. João VI em 1818. Nesse caso, o relativo fracasso de algumas tentativas anteriores à independência - caso dos assentamentos de suíços na colônia de Nova Friburgo (RJ), em 1819, ou das colônias fundadas por alemães na Bahia em 1818 - não foi determinante do encaminhamento de colonos estrangeiros para o sul, embora o clima tropical apareça em discursos da época como obstáculo adaptativo para os europeus (SEYFERTH, 2000, s.p.).

A imigração se deu, basicamente, por dois motivos: povoar as extensas terras brasileiras, constantemente ameaçadas de invasão por países vizinhos e estimular a agricultura, baseada em pequenas propriedades e na força de trabalho familiar, de modo que se produzissem gêneros alimentícios para o abastecimento interno (SEYFERTH, 2000).

De acordo com a afirmação de Seyferth (2000), ainda que houvesse uma tentativa de imigração para outras regiões, foi a *Colônia Alemã de São Leopoldo* que se destacou no contexto da imigração alemã no Brasil.

Damke (1997), baseado em historiadores como Porto (1934), Grothe (1936), Oberacker (1955), Roche (1969), entre outros, comenta que um dos fatos importantes na imigração foi a decisão da implantação da cultura do linho cânhamo no Rio Grande do Sul. Após duas tentativas "frustradas" desta cultura, a primeira em 1783, no *Rincão de Cangussu*, no município de Pelotas, cujo empreendimento fracassou em razão de mão de obra inadequada (escrava) e a segunda, em 1788, em Faxinal de Gourita, restava apenas uma esperança para se salvar o projeto: "[...] a mão de obra livre. A imigração de colonos alemães foi considerada solução do problema" (DAMKE, 1997, p. 21).

O autor continua sua análise dizendo que há controvérsias em relação ao número exato dos primeiros imigrantes que chegaram: 39 para alguns autores, porém contestado por outros autores como Porto (1934); Fouquet (1974) e Staub (1983)[8], que falam em 38 imigrantes. Os primeiros alemães chegaram às margens do Rio dos Sinos, em 25 de Julho de 1824, onde se ergueu a *Colônia Alemã de São Leopoldo*, em homenagem à Princesa

[8] Ver Damke 1997, p. 21-22.

Dona Leopoldina. Neste dia se comemora também do Dia do Colono, que antigamente era chamado Dia do Imigrante Alemão (DAMKE, 1997, p. 21-22).

A importância dessa Colônia para a história do Rio Grande do Sul e do Brasil está num relatório escrito, em 1840, pelo Presidente da Província José F. F. Pinheiro, que recebeu o título de Marquês de São Leopoldo:

> A fundação da *Colônia Alemã de São Leopoldo* foi um dos fatos mais marcantes de meu governo; ... e a cada dia aumenta a satisfação em poder ver o desabrochar e o desenvolvimento dessa promissora colônia, a primeira e a mais importante de todo o Brasil (DAMKE, 1997, p. 22).

Em relação às Colônias, termo não oficial, mas usado principalmente em relação à imigração alemã, considera-se relevante fazer algumas considerações quanto aos termos *Colônia Velha, Colônias Velhas e Colônias Novas.* De acordo com Damke:

> *Colônia Velha,* em sentido restrito, indica a *colônia-mãe [...] a Colônia Alemã de São Leopoldo.* Com a denominação *Colônias Velhas* e também seguidamente com o singular *Colônia Velha* se indica uma região atualmente composta de 30 a 40 municípios [...] que foram fundados na fase da expansão da colônia após 1845 nas imediações da colônia-mãe (DAMKE, 1997, p. 30, destaques do autor).

Em relação às *Colônias Novas*, o autor afirma que são as "[...] colônias fundadas mais tarde, na região noroeste do Rio Grande do Sul, conhecida como *Região das Missões"* (DAMKE, 1997, p. 30) e continua dizendo que a expansão dessas colônias se deu, praticamente, por dois motivos: o grande número de filhos, causa da explosão demográfica e a má utilização que enfraquecia o solo rapidamente, levando os colonos em busca de novas terras agricultáveis.

Os imigrantes, ao chegarem às terras brasileiras, tiveram que se adaptar ao clima, às condições de vida rudimentares e à dificuldade com a língua nacional. Assim que chegaram, foram alocados em regiões distantes de outras colônias ou aglomerações urbanas, ou seja, ficaram isolados geograficamente, o que foi um dos motivos, de maneira bastante expressiva, da manutenção da língua e dos costumes de seu país de origem.

Sobre a exata procedência dos primeiros 38[9] (ou 39) imigrantes que chegaram à São Leopoldo, Damke (1997) afirma que não há consenso em relação à região de onde

[9] Ver Damke 1997, p. 21-22.

vieram os imigrantes. Diversos autores falam que vieram principalmente do *Hunsrück*, porém Grothe (1936) contradiz esta afirmação:

> O mais antigo grupo de imigrantes (1824/25) que se fixou principalmente na região de colonização de São Leopoldo no Estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul, era formado, principalmente por imigrantes provenientes de Hamburgo, Holstein e Mecklenburgo. Nos dois anos seguintes vieram alemães provenientes de Hessen, de Coburgo na Saxônia. Somente de 1827 em diante começaram a predominar os assim denominados *Hunsrücker* (GROTHE, 1936, p. 47, citado por DAMKE, 1997, p. 23, tradução nossa).

Entre as diversas variedades do alemão faladas pelos imigrantes, o *Hunsrückisch* parece ter sido a que predominou na maioria das regiões, uma vez que, de acordo com alguns autotes, os primeiros imigrantes vieram, em grande maioria, da região do *Hunsrück*. Também Damke afirma que não somente desta região vieram os primeiros imigrantes:

> [...] das mais variadas regiões da Alemanha e de outros países onde se falava o alemão [...], no entanto a maioria dos autores [...] afirmam que o imigrante provindo da região do *Hunsrück* predominou sobre os demais e, por isso, seu dialeto teria predominado sobre as outras variedades (DAMKE, 2010, p. 119).

Não há estatísticas precisas sobre o número de pessoas que consideram o *Hunsrückisch* sua língua materna, ou como sua *língua de herança*, nem dados que comprovem ou que avaliem em que grau de inteligibilidade os falantes se comunicam.

Atualmente, diferente dos tempos iniciais da imigração alemã, a maioria dos falantes do *Hunsrückisch* são também falantes do português, e, devido a isso, em muitos casos, o dialeto alemão fica reservado à utilização na esfera familiar ou nas comunidades mais ou menos fechadas, étnica e culturalmente, como uma *língua de herança*, e esta língua, a partir do contato entre o alemão e o português fez surgir, segundo Heye (1979), Damke (1997) e von Borstel (2011), a mescla linguística chamada *Brasildeutsch*, que será abordada no quarto capítulo.

A maioria dos brasileiros descendentes de alemães carregam, até o momento presente, alguns traços da língua/cultura de seus antepassados. Apesar de passados quase 200 anos da imigração alemã no Brasil, ainda hoje a língua de seus antepassados, *língua de herança* ou *a língua que aprenderam de berço*, é falada em várias regiões do Brasil, como por exemplo, em Missal.

3.1.1 A migração alemã para Missal, Paraná

Para a melhor compreensão deste item, cabe destacar a divisão feita pelo autor Roche (1969), que acena para a existência de quatro fases da imigração alemã no Brasil. Destas, somente a quarta fase mantém relação direta com a fundação e colonização de Missal. Assim, baseados em Damke (1997), fazendo referência à Roche (1969) tem-se:

> 1ª fase: de 1824 a 1850: a expansão da colônia nas imediações de São Leopoldo (DAMKE, 1997, p. 31).
>
> 2ª fase: de 1850 a 1890: a chamada *marcha para o oeste* da província, quando foram fundadas, entre outras, as seguintes colônias (hoje municípios): Nova Petrópolis, Santa Cruz do Sul, Estrela, Lajeado, Caí, Montenegro. Novo Hamburgo, Venâncio Aires, Arroio do Meio, as quais representam as *Colônias Velhas* (DAMKE, 1997, p. 31, destaques do autor).
>
> 3ª fase: de 1890 a 1914: o assim chamado *salto para o Planalto*, quando, entre outros, foram fundados os seguintes municípios: Ijuí, Carazinho, Panambi, (inicialmente *Neu Württemberg*), Erechim, Três Passos, São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo, Santa Rosa, Cerro Largo [...] etc, os quais formam as *Colônias Novas* (DAMKE, 1997, p. 31, destaques do autor).
>
> 4ª fase: a partir de 1914: *o êxodo do Rio Grande do Sul* para os Estados de Santa Catarina e Paraná. Esta fase é denominada pelo autor de *febre do Paraná* e foi vista como uma verdadeira catástrofe sócio-econômica para as *Colônias Velhas* (DAMKE, 1997, p. 31, destaques do autor).

Damke cita ainda uma 5ª fase, a partir da década de 1970, quando houve uma migração para o Paraguai e para Estados do Mato Grosso, Goiás, Amazonas, Rondônia, Acre, Bahia.

Em relação à imigração alemã no Paraná, Willems comenta que a maioria dos imigrantes que aqui se estabeleceram vieram de outras regiões do Brasil. De acordo com o autor "[...] a primeira leva chegou em 1829 a Rio Negro. Seguiu para Dona Francisca, em 1850 [...] entre 1908 e 1913 houve uma imigração alemã direta que recomeçou depois de 1919. Mais recentemente, em 1932, iniciou-se a colonização alemã no norte do Paraná" (WILLEMS, 1980, p. 44).

Sobre o início da colonização e das dificuldades enfrentadas pelos pioneiros, considera-se relevante a exposição a seguir, de um dos pioneiros pertencente à sétima

família a fixar residência em Missal. O relato mostra a influência que teve a Igreja Católica na colonização das terras da chamada *Gleba dos Bispos*:

> *[...] Uma vez ele tava, ele era pároco em Goiorê (...) ele tava almoçando num restaurante em Cascavel aí chegaram os Bispo lá, de Toledo, Jacarezinho e Palmas estas três Diocese (...) aí eles almoçaram juntos (...) aí eles contaram que o Moisés Lupion deu pra cada um deles cem colônias de terra pra colonizá a troco de política só que tinha que localizá onde tivesse terra (...) é...revoluta, terra do Estado. [...] Aí ele localizô a terra e fundaram aquela Sipal Colonizadora e ele era de confiança dos Bispos e ele ficô como diretor da Sipal Colonizadora [...] eles eram os sócios da Sipal Colonizadora era o Padre José, Artur Gerck [...] e um tal de Brandão. O Artur Gerk era o corretor, ele com uma caminhoneta ele trazia os colono do Sul, principalmente, pode cuidá, que aqui é (...) os primeros assim, os tradicionais era de Itapiranga, Cerro Largo e Santo Cristo [...] e Caibaté, perto de Cerro Largo (...) dalí o Gerk trazia o pessoal pra vendê terra. Ele era o corretor, o Padre José era o diretor e o Jobal Paulo Thums era o contador, era (...) era economista e o Brandão esse era o agrimensor e arquiteto* (I.K. – MORADOR E PIONEIRO DE MISSAL – 74 ANOS, em 29/09/2011).

Em relação às dificuldades passadas pelos primeiros moradores, o pioneiro conta o seguinte:

> *Dos remanescentes, dos pionêros, sou o único ainda [...] dos patriarcas, dos chefes de família, como se diz não sei se ainda resta algum a não ser eu. Porque eu era um guri novo quando vim pra cá, eu tinha 26 anos (...) abrí um bolicho*[10]*. Eu tenho história, esse trajeto dessa estrada daqui a Medianera pra mim tem muita história. Eu e o falecido Elmundo Brod eu ia a pé pra Medianeira só pra fazê compra porque a nossa estrada aqui era um carreador tinha passado o trator de estera (...) não tinha buero não tinha sarjeta não tinha nada enton nas baixada alí empoçava água e formava um atolador (...) enton nóis tinha que (...) com três dias de sol pra entrá o caminhão TOCO né, trucão nem falá (...) aí fizemo as compra (...) isso era segunda fera né, terça de tarde, às duas da tarde nós tinha carregado um caminhonzinho daí nós viemos. Sabe que (...) quando isso (...) saímo de Medianeira terça fera às duas hora (...) QUARTA fera às dez da noite chegamos aqui. Saímo de Missal segunda de manhã, às cinco hora da manhã e cheguemo quarta às dez da noite [...] Atolava o caminhão, tinha que descaregá, cavocá, e tirá o caminhão e assim foi indo* (I.K. – MORADOR E PIONEIRO DE MISSAL – 74 ANOS, em 29/09/2011).

[10] Bolicho, para os colonos e antigos moradores, era uma casa comercial onde se vendia de tudo, desde tecidos, ferramentas, alimentos diversos, principalmente farinha e grãos que ficavam em uma tulha de madeira, com divisórias, que eram vendidos, por quilo, para os pequenos colonos. Esse "bolicho" deu origem ao estabelecimento comercial que este pioneiro tem ainda hoje na cidade de Missal, porém, administrado por um de seus filhos.

Pela narração do pioneiro vê-se que as dificuldades eram enormes nos primeiros anos da colonização de Missal. Também Lunkes (2005), sobre a história de Missal, diz que esta tem origem nos anos de 1960, quando agricultores, oriundos dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina instalaram-se na região atraídos pelos preços vantajosos e pelas terras planas. Unser afirma que "[...] e o marco inicial da colonização se deu em 25 de julho de 1963" (UNSER, 2006, p. 19). A Figura 2 mostra Missal no início de sua colonização.

FIGURA 2 - Início da Colonização de Missal - Entre 1960 e 1963
FONTE: Museu Municipal de Missal (2011)

De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Missal, o início da colonização da *Gleba dos Bispos*, onde se situava o que seria a chamada *Cidade Missal*, ocorreu por volta da década de 1960. As Dioceses contrataram a *Sociedade de Incremento à Propriedade Agrícola Limitada* - SIPAL Colonizadora, como empresa responsável pela venda dos lotes e formação da cidade. A empresa contou, em seu quadro societário, com a presença do Padre José Pascoalino Backes. Uma das primeiras casas construídas foi a do o Padre José Pascoalino Backes, que aparece na Figura 2 acima.

De acordo com Klauck o referido padre "[...] se incumbiu de 'colonizar racionalmente' estas terras e introduzir benfeitorias, adotando o regime de pequena

propriedade agrícola" (KLAUCK, 2004, p. 21, destaques do autor). Destaca-se que, no início da colonização, a condição de ser católico era determinante para que estes colonizadores pudessem fixar residência na *Gleba dos Bispos*.

Assim como em outros movimentos migratórios, também os descendentes de imigrantes alemães que chegaram ao Brasil, e, posteriormente em Missal, construíram uma nova identidade na pátria que os acolheu.

Estes agricultores, descendentes dos primeiros imigrantes alemães, em busca de novas fronteiras e de novas perspectivas de trabalho e ascensão financeira, aqui estabeleceram seu novo lar, marcando e deixando impregnadas estas terras com seu suor, seu sangue, suas lágrimas, seu trabalho, sua língua, sua cultura e principalmente, sua história. Nesta terra, estão, segundo alguns de seus moradores, suas melhores lembranças.

FIGURA 3 - Missal na década de 1960: Máquinas agrícolas, benfeitorias, residências.
FONTE: Museu Municipal de Missal (2011)

A Figura 3, da década de 1960, mostra famílias já estabelecidas em Missal, com suas residências, algumas benfeitorias e máquinas agrícolas. Alguns filhos de pioneiros relataram que no início as dificuldades pelas quais passaram seus pais eram muito grandes, mas o espírito de solidariedade e a união étnica "amenizavam" as dificuldades iniciais bem como o sofrimento de ter deixado sua *Heimat*. Com dedicação e árduo trabalho

conseguiram, aos poucos, melhorar suas casas, comprar máquinas, motosserras e outros pequenos implementos agrícolas que ajudavam na "destoca" das terras facilitando o plantio da lavoura.

Conforme relato de alguns pioneiros, um dos quesitos para a aquisição de terras em Missal era a de que as famílias fossem de origem alemã e católica, o que é confirmado também por Pereira e por um dos pioneiros de Missal:

> Havia critérios para que as pessoas se habilitassem a adquirir terras e pelo menos um destes não se encontra escrito. Era, no entanto, observado, aceito e se explicitou de forma decisiva na formação de uma comunidade com características germânicas. O perfil esperado para os compradores de terras era o seguinte: 1º) pessoas de religião católica; 2º) agricultores; 3º) que concordassem com as bases cooperativistas do projeto de colonização (PEREIRA, 1999, p. 23).

> *Ele* (o pioneiro referia-se ao Padre José Backes) *não vendia terra nem lotes pra quem não era origem alemão e religião católica [...] veio lá de Iraí [...] uns colono forte eles queriam se instalá aqui e organizá em suinocultura de grande escala, aquele tempo não existia (...) eram de origem alemão mas não católico [...] non, non* (I.K. – MORADOR E PIONEIRO DE MISSAL – 74 ANOS, em 29/09/2011).

Também o informante M3 – 28 anos, a este respeito diz que: *no início, o município de Missal, você sabe que pra vir morá aqui existiam dois [...] requisitos primeiros deles tinha que ser alemão e (...) tinha que ser da religião* (o informante se referia à religião católica).

Um dos fatores que contribuiu para a chegada destes pioneiros à Missal foi o *Volksverein*, uma "[...] organização social filantrópica criada em 1912, no Rio Grande do Sul. Tinha como objetivo reunir os alemães para preservar os bons costumes, a cultura e a religião católica" (LUNKES, 2005, p. 89). Esta organização apoiava o processo migratório e ajudou na vinda das primeiras famílias alemãs e católicas.

A maioria dos pioneiros da cidade, pertencentes à 5ª geração, vieram no período de 1955 a 1975 dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para a região oeste do Paraná, para a chamada *Bischofsland*, ou *Gleba dos Bispos* (LUNKES, 2005).

Roche (1969) comenta que os alemães e seus descendentes distinguiam-se pela religiosidade e pela coesão familiar e que a manutenção da língua materna deu-se, em grande parte, pelo isolamento dos imigrantes ao chegarem ao Brasil. Diante do exposto, é

possível afirmar que a língua materna foi passada de geração em geração, e a vinda dos descendentes de imigrantes alemães, do Rio Grande do Sul para o Paraná, especificamente para Missal, comprova a transmissão intergeracional tanto da língua quanto da religiosidade.

Nota-se, também, a importância da Igreja Católica na colonização de Missal, verificada pelo nome da avenida principal: Avenida Dom Geraldo Sigaud. Após a doação de uma área de 3.000 alqueires paulistas pelo Governo de Moisés Lupion (KLAUCK, 2004), o Bispo Dom Geraldo de Proença Sigaud foi encarregado pela documentação das terras doadas pelo governo. Pela sua participação na colonização de Missal, a avenida central da cidade recebeu, em sua homenagem, seu nome (LUNKES, 2005).

FIGURA 4 – Vista aérea de Missal: entre 2005 e 2011
FONTE: Museu Municipal de Missal (2011)

Não somente esta avenida, mas também outras ruas da cidade receberam o nome de religiosos, como por exemplo: Rua Padre Amstad, Rua Padre Anchieta, Rua João Paulo I, Avenida João Paulo II, Rua Dom Cláudio Kolling e Rua Padre José Backes, este último em homenagem ao Padre que foi o responsável pelo loteamento, assistido pelo Bispo Dom Geraldo Sigaud, da hoje cidade de Missal.

Além do nome das ruas, a homenagem religiosa está presente também no nome de um distrito e de outras pequenas comunidades rurais. O distrito de Dom Armando, localizado em torno dez quilômetros de Missal tem este nome em homenagem ao Bispo

Dom Armando Círio, que esteve frente à Diocese de Jacarezinho. Além deste distrito, outras comunidades menores receberam seus nomes em homenagem aos santos da Igreja Católica: Linha São Sebastião, Linha São José dos Pinhais, Linha São Francisco, Linha Santa Catarina, Linha São João, Linha São Silvestre, Esquina São Paulo, Linha Pe. Feijó, Linha Pe. João Rick, Linha Santa Cecília, Linha São José, Linha São Pedro e Assentamento Santa Isabel. O mesmo mostram os nomes dos rios: Rio São Vicente e Rio São João.

Os nomes dados a estas comunidades demonstram, portanto, a influência e participação da Igreja Católica na colonização das terras da denominada *Bischofsland*, ou *Gleba dos Bispos*, hoje Missal.

3.1.2 As manifestações culturais (festas, comidas típicas, danças e cantos)

As festas, as comidas típicas, os cantos e as danças representam, para os descendentes dos imigrantes alemães, uma volta às raízes, uma maneira de valorizarem os costumes, a língua, a cultura e as tradições que fizeram (e ainda fazem) parte da história de vida destas pessoas.

Mesmo sendo a favor da pluralidade linguística e da cultura no plural (CERTEAU, 2005), são destacadas aqui as manifestações culturais, como a *Deutches Fest*, o Café Colonial, os bailes de *Kerb*, os cantos, as danças e a culinária alemã, entre outros, como elementos integrantes e constitutivos da identidade alemã de grande parte da população do Município de Missal.

Até o momento presente, a maioria dos descendentes de alemães carrega alguns traços da língua e da cultura de sua origem. Apesar de passados quase 200 anos da imigração alemã para o Brasil, ainda hoje a língua dos antepassados é falada e considerada, conforme já citado, como *língua de herança*.

Os moradores de Missal, ao longo do tempo e em meio a outras culturas e etnias presentes, mantêm muitas de suas características de origem ainda em meio aos costumes e tradições de outros grupos étnicos presentes no contexto da diversidade linguística e cultural da região oeste do Paraná.

Neste sentido, vale destacar o estudo de Damke (2008), sobre a regressão (*Sprachverfall*) e a conservação (*Spracherhalt*) da língua e cultura alemãs. O estudo deste

autor merece atenção e é também relevante para o contexto ora analisado uma vez que a regressão do uso da língua alemã entre os descendentes desta etnia pode ser percebida, principalmente os mais jovens, porém, ao mesmo tempo, a língua ainda é bastante falada pela maioria dos idosos.

Surge, então, o questionamento: Qual é o motivo da manutenção da língua e de costumes, mesmo passados tantos anos da vinda dos primeiros imigrantes alemães? Ainda que os teuto-brasileiros sejam considerados, hoje, pertencentes a grupos minoritários, percebeu-se que, em Missal, há sentimento de pertencimento que os une.

Mesmo nascidos no Brasil, a solidariedade cultural dos descendentes de imigrantes alemães é mostrada e manifestada em eventos como: os bailes de *Kerb*; os encontros de famílias, a participação, principalmente dos mais idosos e descendentes de alemão, no coral da Terceira Idade e, acima de tudo na *Deutsches Fest* e no Café Colonial. Eses dois últimos são as manifestações culturais alemãs mais representativas do município de Missal.

3.1.2.1 A *Deutsches Fest*

A história da *Deutsches Fest* tem origem no ano de 2002, quando um grupo de pessoas se reuniu no sentido de preservar a cultura alemã. Na tradicional festa alemã da cidade e nos dias que a antecedem, os estabelecimentos comerciais são enfeitados com as cores da Alemanha e as pessoas usam trajes típicos para demonstrar o pertencimento e o respeito à tradição alemã.

É valido comentar também que não é apenas uma festa para relembrar as tradições passadas, e sim que há também um interesse econômico envolvido. A divulgação da festa alemã e do Café Colonial tem fins lucrativos e comerciais, no sentido de divulgar turística e economicamente a cidade. Participam destes eventos entidades como a Associação dos Deficientes Físicos de Missal (APAE), a Associação dos Pescadores, o *Lions* Clube de Missal e Associação dos Veteranos de Missal (AVEMI).

Um dos pontos altos da festa é o desfile de carros alegóricos, cujo objetivo é mostrar a tradição alemã, retratar a vida, os costumes e o trabalho dos imigrantes.

Neste desfile, os carros são enfeitados com as cores preto, vermelho e amarelo, que simbolizam a terra natal e que remetem à lembrança da pátria mãe dos ancestrais, a

Alemanha. A temática, em relação à ornamentação dos carros, varia de acordo com os grupos ou "blocos"[11], dentre os quais há um número expressivo de jovens.

Foi possível, durante a pesquisa, presenciar a ornamentação dos carros alegóricos para a 10ª edição da *Deutsches Fest* neste ano de 2011. Observou-se um clima de cordialidade e ao mesmo tempo de competitividade entre os integrantes dos diversos "blocos" concorrentes. Percebeu-se, também, uma "disputa e uma rivalidade saudável", porém acirrada, em relação ao tema e à ornamentação dos carros alegóricos.

No momento do desfile, as pessoas da comunidade prestigiaram o evento trazendo seus familiares. Segundo informações obtidas, e que pode ser observado *in loco*, os moradores trazem de suas casas cadeiras e o tradicional chimarrão, para sentados, ver o desfile.

FIGURA 5 - Desfile de Carro Alegórico em 2011
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

Após o desfile, a população se reúne no Centro de Eventos da cidade, onde, na noite de abertura, há a escolha da Rainha e Princesas da Festa. A candidata eleita representa o munícipio em eventos diversos, tanto locais, quanto regionais.

[11] Pessoas que integram um determinado grupo e que se reúnem, vestidos com trajes característicos que lembram a cultura germânica, para participar das festividades da *Deutsches Fest.*

Aqui merece ser repetido o que disse a informante F3. Quando da entrevista, foi perguntado se a *Deutsches Fest* pode ser considerado um evento que ajuda na manutenção da língua alemã. No decorrer de sua fala é possível perceber que a festa é considerada importante. Contudo, parece demonstrar certa indignação pelo fato de as rainhas da festa não falarem o alemão:

> *Ahh. A Toitch* [Deutsches] *é uma coisa que eles tem (...) tem que vê né.* ***Is en Taitsch Fest, musma Taitsch spreche*** [É uma festa alemã, tem que falar o alemão] *e ainda tem rainhas e tudo que não fala nada em alemon (...) isso não é certo tampém* (INFORMANTE F3 – 79 ANOS).

Foi perguntado então se, por ser uma festa típica alemã, as candidatas deveriam saber falar em alemão e qual a sua opinião a respeito. Segundo ela: ***Ioo*** [Sim] ***Ti miste farichtich [...] óoch Taitsch spreche kél,*** [Elas deveriam também falar em alemão né] *a festa é de alemon (...) otras festas não vô tizê, eu acha* (INFORMANTE F3 –79 ANOS).

O concurso do casal Fritz e Frida – Figura 6 – é outro fato de destaque. Um dos quesitos para concorrer ao casal Fritz e Frida é de que estes sejam integrantes da Terceira Idade.

FIGURA 6 - Concurso Casal Fritz e Frida em 2011
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

O casal vencedor usa o traje típico alemão e representa o município nos eventos locais e regionais que ocorrem durante o ano. Percebe-se, entre os concorrentes, um clima de satisfação no tocante à demonstração de suas raízes étnicas.

A Figura 7 apresenta duas integrantes do "bloco" *Main Chopp nachmoole* participando do concurso do *Chopp* em metro na 10ª edição da *Deutsches Fest.* Uma leitura imagética que se fez sobre a cor da camiseta deste bloco é a união das cores verde e amarela, que simbolizam as cores da bandeira do Brasil e as cores vermelho e amarelo que fazem parte da bandeira da Alemanha. A justaposição das cores da camiseta pode representar a união entre os descendentes de imigrantes alemães e os brasileiros uma vez que nem todos os integrantes do referido "bloco" são de descendência alemã. Esta leitura teria como significado o respeito para com as outras etnias e a coexistência pacífica de línguas e culturas diferentes, o que foi confirmando pelos representantes do bloco *Main Chopp Nachmoole*, de que as cores da camiseta lembram o Brasil e a Alemanha.

FIGURA 7 - Concurso do *Chopp* em metro em 2011
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal

Outro atrativo da festa é o "tradicional jogo do barril". Neste jogo de futebol o jogador que comete falta dá o direito à equipe contrária de beber *Chopp* em um barril que fica no centro do gramado. Os que servem o *Chopp* – Figura 8 – são descendentes, falantes alemães e pioneiros da cidade.

FIGURA 8 - Carrinho de *Choop* em 2011
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

O jogo de futebol serve como elemento integrador da população missalense haja vista que descendentes de outras etnias se vestem com roupas que lembram a Alemanha. O jogo serve, portanto, não somente como um atrativo a mais nas festividades, mas também, como um encontro e confraternização entre etnias. Às vezes um dos times é formado por autoridades: prefeitos, deputados, vereadores que jogam contra um time local.

O concurso do serrote também faz parte da *Deutsches Fest*. Ainda que a princípio a atividade seja vista como meramente recreativa, nela está implícita a valorização do trabalho. Os primeiros imigrantes, ao chegarem à nova pátria, tiveram que "abrir clareiras" para o cultivo de produtos agrícolas e o serrote era um dos instrumentos de trabalho utilizados. Segundo Seyferth "[...] o mito da união espiritual e cultural de todos os alemães, e seu passado original, serve de base para a formulação do *Deutschtum que* também incorpora um outro mito, o da capacidade inata de trabalho que produziu uma sociedade civilizada em plena selva" (SEYFERTH, 1993, s.p.).

Chama a atenção, pela observação empírica e pelo relato dos moradores, que a cada ano, mais jovens participam do concurso do serrote, conforme Figura 9. Percebe-se que não somente os mais idosos mantêm viva a memória dos antepassados em relação à cultura do trabalho (SEYFERTH, 1993). A participação ativa dos mais jovens no concurso do serrote pode ser interpretada como respeito aos que tiveram que "abrir as clareiras" nos primeiros anos da colonização.

FIGURA 9 - Concurso do Serrote em 2011
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

Outro fato que merece ser destacado são os nomes dos "blocos" da *Deutsches Fest*, que são formados por grupos de amigos, participam das festividades, do concurso do Carro Alegórico, do Concurso do Serrote e do *Chopp* em Metro. A maioria dos "blocos" tem nomes em alemão ou *Brasildeutsch*: *Net Stressiat* (Sem Stress); *Noore Verheiret* (Só Casados); *Main Chopp Nachmoole* (Meu *Chopp* do Céu) – em alusão à *Main Got nachmoole*: (Meu Deus!) –; *Ales Torich Nana* (Tudo Misturado); *Chopp Machine* (Máquina do Chopp)*; Gute Leute* (Gente Boa); *Oone Grenze* (Sem Limites).

Segundo D.B, um dos responsáveis pelo "bloco" *Net Stressiat*, que conta atualmente com aproximadamente duzentos integrantes, a origem do nome ocorreu pelo seguinte motivo:

> *[...] na primeira* ***Doitsch*** *a gente foi convidado pra fazer a divulgação da festa né e no segundo ano da festa a gente resolveu montar o bloco. Foi na verdade uma sátira, a gente tentô dar, tipo, falando na nossa língua aqui, dá uma ALEMÃOZADA (...) na época, era 2003, existia a marca No Stress que era uma marca muito forte né, uma marca de ropa e tudo, aí surgiu da gente dá uma alemãonzada nessa marca e aí ficô Net Stressiat. Na verdade o Net Stressiat (...) no começo ele era o primeiro bloco [...] durante quatro anos só existia o Net Stressiat depois foram formando os outros grupos e gente de tudo que é origem* (D.B. INTEGRANTE E UM DOS RESPONSÁVEIS PELO BLOCO *NET STRESSIAT* – 26 ANOS).

O integrante do bloco relatou que o nome *Net Stressiat* lembra a língua alemã. Disse também que poucos são os jovens que falam o alemão, mas o respeito para com a língua e a cultura é bastante expressivo. Foi perguntado o que ele sente em relação à língua alemã:

> *Ahh, eu acho legal, a minha mãe mesmo, ela é alemoa, tipo, 100%, ela fala alemão todo dia só que eu mesmo não aprendi né* (D.B. INTEGRANTE E RESPONSÁVEL PELO BLOCO *NET STRESSIAT* – 26 ANOS).

Assim como o bloco *Net Stressiat*, o bloco *Gute Leute,* que conta com aproximadamente cem integrantes, é formado, em sua grande maioria, por jovens de faixa etária variando entre 18 a 35 anos. Segundo E.S., um dos responsáveis, o bloco surgiu em 2007 e é composto não somente por filhos de descendentes alemães, mas também por pessoas de outras etnias que prestigiam as manifestações culturais alemãs.

Outra atração da festa são os pratos típicos, que lembram a gastronomia alemã. Dentre os muitos pratos servidos na *Deutsches Fest* está o *Eisbein* (joelho de porco cozido com especiarias), o Chucrute (repolho fermentado naturalmente por aproximadamente 8 a 10 dias), o Salsichão e a Cuca Missal, um tipo de pão doce, assado e polvilhado com açúcar e uvas. A Cuca Missal foi escolhida, em concurso, como uma iguaria que demonstra a tipicidade do Município.

3.1.2.2 O Café Colonial

Parte-se da premissa que o alimento é algo essencial para a vida. Conseguir e consumir este alimento data dos primórdios da humanidade e tem sido uma questão de sobrevivência, pois:

> [...] como organismos biológicos, precisamos de comida para sobreviver na natureza, mas nossa sobrevivência como seres humanos depende do uso das categorias sociais que surgem das classificações culturais que utilizamos para dar sentido à natureza (WOODWARD, 2008, p. 42).

A autora ainda enfatiza que “[...] a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando uma mudança nos padrões de produção e consumo" (WOODWARD, 2008, p. 20). Esta interação gera transformações também na gastronomia o que origina novos hábitos alimentares e que culmina em um mosaico gastronômico.

Os alimentos e pratos típicos da culinária alemã também acompanharam as mudanças e são hoje, apresentados, nem sempre em sua forma original, e sim adaptados, porém, tendo a mesma importância sentimental para os descendentes de imigrantes alemães.

Se “[...] aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos” (WOODWARD, 2008, p 42) pode-se dizer que, neste caso, a culinária alemã está associada a uma volta simbólica às raízes e o alimento identifica étnica e culturalmente um povo.

A partir do que diz a autora, pela observação empírica e pelo relato dos informantes e moradores, pode-se dizer que as comidas típicas, são elementos representativos e formadores da identidade, da cultura e da etnicidade dos moradores, principalmente dos descendestes de imigrantes alemães de alemães de Missal.

Kreutz argumenta que “[...] o étnico é elemento de diferenciação social, influi na percepção e na organização da vida social. Ele não se dá no abstrato. Manifesta-se nos símbolos, nas representações e na valorização de grupos” (KREUTZ, 1999, p. 79-96), portanto, entende-se que a gastronomia, como elemento étnico, faz parte da cultura de um povo e sua manifestação os *identifica* e os *diferencia* etnicamente.

O tradicional Café Colonial de Missal[12], realizado anualmente, é considerado um importante evento gastronômico referente à cultura alemã no município. A *Deutsches Fest* e o Café Colonial são considerados os elementos mais representativos da cultura, da identidade e gastronomia alemã em Missal, pois presentificam um passado e fazem referência à história e à tradição do povo alemão.

[12] Mais dados sobre o Café Colonial e a *Deutsches Fest* serão abordados no Capítulo 4.

FIGURA 10 - 19º Café Colonial em 2011
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

FIGURA 11 - 19º Café Colonial em 2011
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

Esta tradição – Café Colonial - poderia ser considerada como "inventada", uma vez que não se apresenta tal e qual como eram as tradições dos tempos da antiga pátria, e sim como uma tentativa de referência a uma situação vivida no passado. Nas palavras de Hobsbwan:

> [...] na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições 'inventadas' caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória [...] Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBWAN, 1984, p. 10, destaques do autor).

As tradições inventadas, segundo Hobsbawn, se referem, então, a uma série de relatos, histórias ou acontecimentos transmitida de geração em geração. A partir das tradições inventadas é possível estabelecer-se um paralelo entre as gerações passadas e as futuras já que se tem como objetivo (re)lembrar as tradições e costumes dos antepassados, como uma referência étnica, identitária e cultural.

Também Certeau (1995) afirma que a transformação natural das sociedades afeta as culturas e têm-se, na volta às tradições, uma tentativa de "resgatar" ou revitalizar a cultura como era no passado. O autor, porém alerta sobre o perigo de que esta cultura pode se "folclorizar", ou seja, volta como outro "alterado" e não mais como original pois:

> [...] se nos prendermos a esse elemento cultural, mais dia, menos dia, seremos fatalmente recuperados, justamente porque a manifestação cultural é apenas uma superfície de uma unidade social que ainda não encontrou sua própria consistência político-cultural (CERTEAU, 1995, p.146).

Assim, entende-se por tradição a prática ou a tentativa de reviver os costumes e tradições dos antepassados. Uma tentativa válida, uma vez que o objetivo é dar um sentido e perpetuar as tradições e os costumes herdados e neste sentido, os descendentes dos imigrantes alemães que vivem em Missal, têm e veem, tanto na língua, quanto na cultura, manifestada pela gastronomia, uma referência étnica e identitária.

CAPÍTULO 4 - FATORES DE MANUTENÇÃO E REGRESSÃO: ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

Este capítulo destina-se à análise e discussão dos depoimentos de 12 informantes em relação aos fatores de manutenção e regressão da língua e cultura alemãs em Missal. Os depoimentos foram obtidos por meio de um roteiro de entrevistas, cujos procedimentos éticos foram abordados no primeiro capítulo.

As transcrições dos depoimentos se apresentam de forma cursiva, não sendo, portanto, transcrições fonético/fonológicas. Procurou-se respeitar as pronúncias dos entrevistados por considerar que a linguagem possui características muito particulares, idiossincráticas, e conforme relatado pelos entrevistados, faz parte de "sua maneira de ser".

Além dos dados dos informantes, a observação e participação direta possibilitaram uma coleta de dados significativa para o objetivo proposto.

Serão analisados e discutidos os relatos dos informantes e também outros dados e informações relevantes sobre as atitudes dos falantes, dos moradores e principalmente dos descendentes de imigrantes a respeito da língua e da cultura em diversas situações presenciadas no cotidiano das pessoas, portanto, em sua informalidade.

Considera-se relevante esta observação já que é na informalidade, no dia a dia e em situações corriqueiras que o comportamento e o sentimento dos falantes em relação ao uso da língua e a da prática da cultura se mostram mais autênticos.

Para uma melhor estruturação no que se refere à análise dos dados, optou-se por dividir este capítulo em três partes. Na primeira serão apresentadas as atitudes dos falantes no que se refere à língua e à cultura alemãs. Na segunda, serão analisados os fatores (considerados os mais importantes desta pesquisa) de manutenção da língua alemã e sua relação entre língua, cultura e identidade, ou seja, se o uso da língua e a prática da cultura podem ser considerados como fator de pertencimento identitário. A terceira parte destina-se a analisar quais os fatores e as causas que levam (que estão levando) à regressão no uso da língua, principalmente entre as pessoas da geração mais jovem.

4.1 ATITUDES DOS FALANTES EM RELAÇÃO À LINGUA E CULTURA ALEMÃS

É possível afirmar, a *grosso modo*, que atitude é uma conduta que o ser humano assume diante de algo ou de alguma coisa. De acordo com o Dicionário *Houaiss*, atitude *é o comportamento ditado por disposição interior, maneira de agir em relação à pessoa, objeto, situação, etc.* A escolha pelo uso de determinada língua implica na adoção de atitude linguística, que, conforme alguns autores, está intimamente ligada à identidade da pessoa e esta atitude pode ser tanto positiva quanto negativa.

A relação de atitude positiva ou negativa para com determinada língua é algo muito particular, pois uma língua pode ser importante para uns e não para outros. Concorda-se com Damke, quando define atitudes linguísticas como: "[...] posicionamentos e avaliações positivas e negativas com relação às variedades linguísticas" (DAMKE, 1997, p. 193).

O estudo sobre atitudes linguísticas teve início na década de 1960, com Lambert e Lambert, no campo da psicologia social. Para o autor:

> Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais, ou mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir (LAMBERT e LAMBERT, 1972, p. 77-78).

Também Aguilera afirma que as atitudes estão relacionadas à identidade:

> [...] a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro (AGUILERA, 2008, p. 105-106).

Sobre a temática, Moreno Fernández mantém:

> […] la actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y, al hablar de "lengua" incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes (FERNANDEZ, 2009, p. 177 – 178, destaques do autor).

As atitudes apresentam três componentes: o cognitivo (pensamento), o afetivo (emoções) e o conativo ou comportamental (reações) que "[...] se encontram de tal forma inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar" (LAMBERT e LAMBERT, 1972, p. 78). Também Aguilera, fazendo referência à Lambert e Lambert (1972) e aos elementos que compõem a atitude afirma: "[...] a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística" (AGUILERA, 2008, p. 106).

Para este trabalho, além do fator *atitude*, considera-se relevante fazer algumas considerações sobre *motivação*, que Mello define como "[...] relacionada ao desejo ou ao impulso que move a ação do indivíduo/aprendiz para atingir um objetivo específico" (MELLO, 2011, p. 149). Mello refere-se à motivação no sentido do aprendizado de uma língua, mas, neste caso, a motivação pode ser trazida para o contexto da cultura e sua manutenção.

Para a autora os estudos sobre atitudes e motivação destacaram-se a partir dos trabalhos de Lambert e Lambert (1972). Segundo Mello, os estudos dos autores centravam-se na tríade *língua-atitude-motivação* e o "[...] comportamento linguístico do indivíduo bilíngue [...] é afetado não somente pelas suas reações individuais, mas também por influências sociais e pela repercussão que o seu comportamento tem no meio social". Mello afirma que as atitudes "[...] dizem respeito ao modo como o falante se julga ou é julgado pelos seus pares com referência ao seu comportamento linguístico" (MELLO, 2011, p. 149).

Mello (2011), fazendo referência a Lambert e Lambert (1972), afirma que os autores identificaram quatro tipos de motivações para o aprendizado (ou interesse) em outra língua: a) *intrínseca* (fatores internos/aspectos da personalidade); b) *extrínseca* (fatores externos/variáveis sociais/culturais); c) *integrativa* (desejo no aprendizado para ser integrante de um grupo) e d) *instrumental* (orientação utilitarista/recompensa) (MELLO, 2011, p. 150).

Percebeu-se, em Missal, principalmente entre as pessoas mais idosas, uma motivação intrínseca pela manutenção da língua e da cultura por fazerem parte de sua *identidade*, de sua *personalidade*. Já entre a população mais jovem, notou-se uma

motivação instrumental, ou seja, a preferência pelo aprendizado da língua inglesa por ser a de *status e prestígio*, ideia que circula amplamente na mídia, e que é, segundo alguns jovens, a mais *importante hoje*. Nesta motivação instrumental "[...] o aprendiz é movido pelo desejo ou pela necessidade de aprender/usar uma segunda língua para fins específicos, por exemplo, acadêmicos ou ocupacionais" (MELLO, 2011, p. 150), o que se confirma pelo interesse da maioria dos jovens pela língua inglesa.

Estas afirmações convergem para outra consideração: nem sempre o aprendizado de uma língua está diretamente ligado à motivação, e sim condicionado e influenciado por outros fatores de ordem social (MELLO, 2011). De acordo com a autora:

> [...] os indivíduos altamente motivados nem sempre aprendem a língua-alvo, assim como o contrário pode ser verdadeiro. Por isso, as orientações devem ser consideradas em relação a outras variáveis como idade, sexo, aspectos de personalidade, objetivos do aprendiz, interesse na atividade, crenças sobre si, sobre o outro [...] políticas linguísticas e educacionais (MELLO, 2011, p. 151).

Entende-se a citação de Mello da seguinte maneira: nem sempre a pessoa que é motivada a aprender uma língua, consegue (ou gosta) desta língua. Há casos em que o objetivo e o interesse são outros daqueles que motivam e o interesse por esta ou aquela língua é uma escolha que cabe ao falante.

Se as atitudes linguísticas estão ligadas à língua e à identidade dos falantes, e, uma vez existindo esta relação, nada mais óbvio, num primeiro momento, pensar que a identidade linguística se manifesta pelas atitudes das pessoas frente à língua: se é de origem alemã, fala, portanto, alemão, porém, como afirma Fernández (2009):

> No hay que perder de vista, sin embargo, que la relación entre *lengua e identidad*, sobre todo cuando se trata de una *identidad étnica*, no obliga a tratarlas como realidades circunstanciales, dado que la existencia de una entidad étnica muy diferenciada de otros no siempre supone el uso de una lengua muy diferenciada de otras (FERNANDEZ, 2009, p. 178, destaques do autor).

Segundo Fernández, não se pode *perder de vista* a relação entre língua e identidade, ainda mais quando se refere a uma identidade étnica, porém isso não implica na obrigatoriedade do uso desta mesma língua. Ou seja, um descendente de alemão não é obrigado a falar alemão para sentir-se parte do grupo étnico ou para diferenciar-se dos demais. A decisão de falar, ou não, implica em uma conduta linguística adotada pelo

falante a partir de uma série de ações que revela "[...] *tanto su identidad personal como la búsqueda de una posición dentro de un grupo social*" (FERNÁNDEZ, 2009, p. 178), e o grupo social nem sempre é o grupo de sua descendência.

Os relatos a seguir apresentados mostram atitudes positivas em relação à língua alemã, tanto por parte de falantes quanto de não falantes.

A grande maioria das pessoas entrevistadas, e em outros depoimentos colhidos durante a observação, afirmou ter aprendido alemão em casa, no contexto familiar, o que confirma que a família é uma das grandes responsáveis pela manutenção da língua e da cultura alemãs em Missal. Quando questionados a respeito do que sentem quando falam a língua alemã, relataram:

> *[...] não adianta eu querê falá diferente que é meu jeito e pronto [..] às vezes teve aqueles momentos de tirá um sarrinho pelo fato de não pronunciá coretamente o português [..] mas em momento algum (...) eu me senti assim (...) ahh eu queria falá diferente, [...] eu acho que a gente tem que ser o que é e acho que tem muito mais a somá do que...* (INFORMANTE F1 – 38 ANOS).

> *Eu gosto, ME SINTO BEM. me sinto bem à vontade, parece que isso é natural da pessoa (...) eu (...) eu se é prá falá com quem sabe falá o alemão eu faço QUESTÃO, eu acho importante (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).*

> *É pom (...) é pom conhecê mais línqua. Isso pertence pro mundo também. Quando a xente nota alguém falá em alemon, nunca pensava que potía falá (...) COMO a xente acha ponito isso [...] A gente pensa que não fala em alemon e te repente começa a falá em alemon, eu acho ponito isso (...) muito ponito.* (INFORMANTE F3 – 79 ANOS).

O informante M5, ao ser perguntado sobre o que pensava a respeito da língua alemã e se considerava importante continuar a aprendê-la e usá-la, demonstrou uma atitude positiva de valorização da língua. Fez questão de contar um pequeno fato que aconteceu na cidade de Bonito – MS, quando o Grupo da Terceira Idade de Missal fez uma viagem de lazer:

> *Tinha dois casais que eram austríacos né que eles falavam o alemão clássico né daí enton no caminho o nosso guia falava o português e MUITO mal o espanhol e daí a gente ouviu eles* (os casais austríacos) *comentá entre eles* ***Vema mo to noore en PISCHE fasteehn*** [Esta foi a maneira de falar dos austríacos, segundo o informante que fala o *Hunsrückisch/Brasildeutsch*, no entanto, como ele mesmo afirma, eram

> austríacos e provavelmente falavam o seu dialeto regional ou o *Hochdeutsch*] [Se ao menos a gente entendesse um pouco]. *De repente eu falei pra mulher eu vô tentá ajudá eles (...) os dois casais entre eles comentaram que se a gente pudesse AO MENOS tirar o tempo do que ele* (o guia) *tá falando. Daí enton eu falei:* ***van sii Ketuld haben vil ich aich Pische helfe*** *(...)* [Se vocês tiverem um pouco de paciência vou tentar ajudar vocês] *daí comecei a traduzí (...) fiquei bem atento captá lá e passá aqui (...) mas contudo eu consegui fazê com que eles entendessem (...) daí fiz o papel assim, com toda simplicidade, de fazê eles entendê. Queria que tu visse a alegria desses dois casais. Nóis tivemo que dá autógrafo, foto, nos filmaron, queriam assim, pagá (...) a gente viu uma alegria que brotô dum nada, de uma coisa tão simples (...) ficô uma coisa que acho que até hoje comentam isso. Então ISSO FAIZ com que a gente pensa quanto é importante o alemão em certas ocasiões* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

A alegria e a emoção do informante, ao relatar este pequeno fato, demonstrou uma atitude positiva em relação à língua alemã. O informante seguiu seu relato dizendo que sua filha, que atualmente trabalha na Petrobrás, Rio de Janeiro, conseguiu o primeiro emprego na Itaipu Binacional e que a língua alemã a ajudou muito, pois quando vinha alguém da Alemanha, eles a chamavam para ajudar nas traduções. Atitudes como esta, de respeito e positividade, relatada pelo informante, foram observadas também em outros moradores.

Se, conforme já citado, as atitudes tem relação com língua e identidade, demonstrar uma atitude positiva é valorizar esta identidade.

Não somente entre as pessoas mais idosas encontram-se atitudes positivas em relação à língua alemã. Um professor, relativamente jovem, quando perguntado se gostava da língua alemã e se achava importante aprendê-la, disse que além de gostar, se sente muito orgulhoso por ter vindo desta descendência. Disse também que optou por cursar alemão em faculdade por gostar da língua e é professor de língua alemã no CELEM:

> *Nossa, eu acho MUITO IMPORTANTE senão não teria procurado essa área e tudo mais* (Professor de Língua Alemã no CELEM). *Eu até queria saber muito mais pra poder falar, meu Deus. Conseguir conversar com as pessoas mais velhas, que envolve toda uma questão cultural, também elas que são a cultura, elas que vão repassando cada vez mais conteúdo [...] enfim, conhecimentos* (INFORMANTE M4 – 27 ANOS).

O informante M3 disse que não fala alemão, mas que gostaria muito de saber falar, o que demostra, pelo depoimento, uma atitude positiva quanto à língua alemã. Questionado sobre o motivo de ele não falar, disse que em parte foi pela situação familiar, já que seu pai faleceu há muitos anos, e sua mãe, com eles (os dois filhos) falava pouco em alemão. No

depoimento, percebeu-se um interesse e até certo "arrependimento" de não ter sido motivado para aprender a língua:

> *Eu acho que tem outros fatores que influenciam, Eu, na verdade, igual eu falei, eu gostaria de falá fluentemente, eu gostaria mesmo. Não tive ainda o capricho, de (...) de repente até porque não tá acessível pra nós, até melhorô um pouco nos últimos anos (...) parece que tem aula aqui que é convênio com o Governo do Estado (CELEM) então até, até foi disponibilizado esse, essa possibilidade pra gente, mas, fora essa dificuldade de a gente tá aprendendo efetivamente, acho que faltô sim, lá no início, um poco de motivação em casa né de a gente não tá querendo falá* (INFORMANTE M3 – 28 ANOS).

No depoimento do informante M3 percebeu-se que um dos motivos de não saber falar a língua alemã com maior fluência, se deve, em grande parte, ao fato da língua não ter sido ensinada em casa, no contexto familiar, ou no domínio familiar. Segundo Prudente (2011) um dos primeiros a abordar os domínios linguísticos foi Fishman. A autora diz que:

> Fishman (1968), um dos primeiros a lidar com a noção de domínios linguísticos, categoriza cinco domínios principais: a família, o trabalho, a educação, a religião e a vizinhança. A cada um desses domínios sociais vincula-se um certo comportamento linguístico, ou seja, nessa perspectiva, o comportamento linguístico do bilíngue é em função do contexto sociointeracional imediato (PRUDENTE, 2011, p, 184).

A partir desta citação, percebe-se que o informante M3 não aprendeu a falar a língua alemã, pelo "não uso" no domínio familiar, seguido pelos outros domínios citados por Fishman, o que não implica, todavia, numa atitude negativa. O fato de dizer que *gostaria*, *gostaria mesmo de falá* a língua alemã, por si só, já explicita e implica numa atitude positiva em relação à sua língua materna.

Em outro depoimento coletado um jovem de 26 anos, que será identificado como D.B., integrante de um dos diversos "blocos" que fazem parte da *Deutsches Fest*, disse que não fala alemão, mas que sua mãe fala. Disse também que Missal deveria ser "*até mais respeitada".*

> P: Vocês jovens, falam o alemão?
>
> D.B. – 26 anos: *Muito pouco, muito poco se fala.*
>
> P: Mas vocês entendem?

> D.B. – 26 anos: *Um pouco.*
>
> P: O que vocês sentem, assim, principalmente esses jovens desses blocos, o que vocês sentem em relação à língua alemã?
>
> D.B. – 26 anos: *Ahh, eu acho legal.*
>
> P: Mas você não tem nenhuma vergonha, por exemplo, se alguém fala da onde você é, o que você diz?
>
> D.B. – 26 anos: *De MISSAL.*
>
> P: Então você não tem nenhuma vergonha ou alguma coisa assim?
>
> D.B. – 26 anos: *Nunca. Não, porque, por primeiro eu acho que Missal deveria sê MUITO mais respeitada do que é, porque as pessoas que saem daqui [...] só um exemplo mesmo, os gerentes da SICREDI, eu conheço uns cinco ou seis que são gerentes da região toda nossa que saíram aqui de Missal, nossos, origem nossa aqui*.

Outros exemplos sobre língua e cultura alemãs poderiam ser elencados aqui, porém, estes parecem ser suficientes para que se possa ter uma visão geral das atitudes positivas dos falantes de Missal.

Em relação às atitudes negativas, estas, como em qualquer outra situação de bilinguismo, também são encontradas em Missal, porém em menor intensidade.

No depoimento da informante foi observada uma atitude negativa. A informante disse ter dois filhos e que *os criou* da mesma maneira, porém, somente sua filha aprendeu e se interessou em falar alemão. Seu filho, de 28 anos, não teve o mesmo interesse:

> ***Tii L. hat kelént Taistch spreche, te J. net***. [A L. aprendeu a falar o alemão, o J. não]. *Fala direito ele sempre falava se eu falava em alemon. Eu queria que ele aprendesse (...) um poco pra se defendê sempre (...) Ah mãe, fala direito* ***hôra kesóot*** [ele falava] *mas eu TÔ falando direito. Ele não qué sabê do alemon, ele acha MUITO complicado [...] ele nem se interessa, nem qué sabê* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Foi perguntado à informante F4 o motivo do desinteresse do filho com relação ao aprendizado da língua: "*Ahh, isso é a amisade, a companhia (...) non, non praticá taí eles acha isso (...) achava que não era necessário, eles acha isso passado".* Segundo Fernández:

> Las actitudes lingüísticas son reflejo de unas actitudes psicosociales; de hecho, *son* actitudes psicosociales. Si, como hemos comentado, las lenguas tienen un significado o unas connotaciones sociales, es natural que sean apreciadas y evaluadas de acuerdo con lo estatus o las características sociales de sus usuarios (FERNÁNDEZ, 2009, p. 179, destaque do autor).

O desinteresse apresentado pelo filho pode se dar pelo reflexo de uma atitude psicossocial (FERNÁNDEZ, 2009), ou seja, o não interesse dele pela língua está relacionado ao *status* e às características do grupo, no caso específico, é a *amizade, a companhia*, um grupo não falante de alemão, ao qual pertence. Outro fator que deve ser levado em consideração, neste caso, são as diferenças linguísticas entre os dois grupos: o grupo familiar (falante de alemão) e o grupo de amigos (não falantes de alemão).

Fishman (1999, p. 161), citado por Fernández, diz que o autor afirma que a sociolinguística ajuda a reconhecer algumas variáveis que "[...] *relacionan los hechos de la lengua más significativos socialmente con la identidade étnica"* (FERNÁNDEZ, 2009, p. 178) e duas variáveis podem se relacionar ao fato de o filho da informante F4 não demonstrar interesse: o contraste na interação de dois grupos linguísticos diferentes e o processo de modernização. Verifica-se uma atitude linguística, por parte do filho, em não querer aprender o alemão, pois "seu grupo" de amizades também não fala e porque a globalização e a modernização fazem com que o inglês seja a língua "mais procurada".

Também Calvet afirma que "[...] existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimento dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam" de modo que as "[...] atitudes linguísticas exercem influência sobre o comportamento linguístico" (CALVET, 2002, p. 65), ou seja, o falante é quem determina qual a língua que quer falar, ou que considera como a mais apropriada para suas relações, tanto pessoais quanto profissionais, pois, como afirma o autor, as línguas devem servir aos homens e não o contrário (CALVET, 2000, p. 35). Foi perguntado para um dos informantes o motivo de os jovens falarem cada vez menos a língua materna. O objetivo era tentar averiguar o motivo de não mais falarem a língua de seus antepassados. O informante relatou que hoje os jovens procuram mais o inglês por questões profissionais e que o alemão é muito "complicado":

> *Olha, eu ACHO que até da língua alemã em si até que tá regredindo porque você pode ver desde aquela vez que começô essa questão de eles*

> *(...) repreendê o povo que falava a língua alemã, acho que desde lá né, porque você pode ver agora quantos jovens que falam a língua alemã [..] eu conheço, vamos dizer, dá pra contar nos dedos [...] quantos são falantes, a não ser as pessoas mais velhas, com certeza essas falam* (INFORMANTE M4 – 27 ANOS).

No caso do filho da informante F4, mas que serve também para os outros jovens, conforme depoimento do informante M1, abaixo, o interesse em aprender a língua inglesa está na motivação instrumental:

> *[...] houve resistência da juventude (...) a juventude tem uma certa resistência, eles falam:* ***Ich prauch net Taitsch spreche,*** [Eu não preciso falar alemão] *quero aprendê o inglês. Eu digo? Mas que que tem? Então aprende tua língua mãe (...) a alemã* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

O fato de não falarem mais o alemão vêm de algumas atitudes, tanto por parte dos próprios falantes quanto de outros do grupo. No primeiro relato está subjacente a ideia de que os pais ou avós não ensinaram ou não incentivaram seus filhos a aprenderem a língua materna pela repressão sofrida por eles, o que fez com que, talvez inconscientemente, não ensinassem seus filhos. Já o segundo relato mostra uma atitude desfavorável ao aprendizado da língua materna e favorável ao inglês, por esta ser a "*língua do comércio e das relações internacionais*".

Em conversas informais colhidas a partir da observação e participação, chama atenção o relato de uma jovem de 16 anos, filha de uma moradora local, falante do alemão, ao ser perguntado se havia interesse, por parte dela, em aprender a língua alemã, disse o seguinte:

> *Não, o alemão é muito difícil, quero aprender o inglês porque é a língua mais falada, porque ela é apresentada desde cedo para as crianças e é a língua que normalmente a gente aprende desde a primeira série, você se acostuma mais com ela, pois já tem maior contato e é mais incentivado que outras línguas* (Anotações da pesquisadora).

Van Dijk argumenta que os estereótipos são "[...] representações mentais das experiências pessoais que se vão armazenando a partir de ações, fatos ou situações específicas" (VAN DIJK, 2008, p. 213). Também Jacumasso afirma que "[...] o estudo sobre as atitudes linguísticas dos falantes está relacionado ao estudo dos estereótipos, do preconceito

linguístico e dos aspectos relacionados a fatores identitários" (JACUMASSO, 2009, p. 101).

Com base no que afirmam os autores, percebe-se que a atitude de um falante frente à determinada língua nada mais é que um reflexo de situações vivenciadas, que em se tratando de preconceitos e estereótipos, são situações que nem sempre o falante consegue esquecer e tratar com naturalidade.

Outra atitude que chamou a atenção foi a de um dos pioneiros entrevistados. Segundo ele, quando chegou em Missal, na década de 1960, quase não falava português: *pois aqui todos falavam só o alemão*. Ao ser perguntado se ainda hoje falavam alemão em casa, respondeu afirmativamente, ressaltando que somente ele e a esposa praticam, pois os filhos não sabem falar. Disse que entendem "*poucas palavras".* Perguntado qual o motivo disse que não os ensinou porque sofreu muito, com deboches e chacotas, por parte de outras pessoas, por "*falar com sutaque".*

O texto a seguir mostra o preconceito pelo qual passou o pioneiro e a atitude, por ele tomada, em não ensinar o alemão para seus filhos, relaciona-se com a atitude afetiva (LAMBERT e LAMBERT, 1972), ou seja, a sentimentos e emoções:

> I.K. – Pioneiro: *Pra te dizê a verdade, a gente mesmo já não domina mais bem o alemão (...) mas, por isso eu vô te falá em português que hoje Missal não é mais aquela nova Alemanha e enton a gente se constrange em falar perto de otras pessoas que eles não entendem.*
>
> P: Mas o senhor acha que se constrange por quê?
>
> I.K. – Pioneiro: *Mas, podes ter certeza que se tu fala (...) o teu marido te conhece (...) mas fala em alemon perto de otros italiano eles já non fiquem costando já começam a remedá (...) Vai em Medianeira e fala em alemon em Medianeira*.
>
> P: **Tuunse spode?** [Tiram sarro?].
>
> I.K. – Pioneiro: *Mas e como, porque nóis temo, por exemplo (....) vocêis que tiveram é (...) escolaridade não, mas (...) nóis, nóis infelizmente (...) isto non tem cura nóis temos aquele SUTAQUE daquele alemon que nóis falamo o Hunsrickisch né, ENTON os italiano já fiquen (...) comecen a remedá como nóis falamo né, como nóis falamo o português né, porque nóis temos dificuldades na expressão, não na expressão, mas o sutaque, esse não muda (...) isso é mesma coisa que o sutaque nordestino, catarina, e assim nóis temo aquele sutaque que vem de berço porque nós fomos educados só falando em alemon a gente começô a falá o português quando começô a frequentá a escola né [...] Eu cometo muitos eros de ortografia, no português né, muitos eros ortografia, [...] e eu dei a culpa a isso por eu ter falado primero, de berço, tê aprendido o alemon e o português depois e (...) e enton eu atribuo isso a isso por isso é um*

> *motivo que nossos filhos não aprenderam o alemon. Eu não fiz questão de ensiná o alemon pra eles (...) eu dizia, eles vão aprendê o alemon na rua.*
>
> P: Então você não teve vontade de ensinar à eles?
>
> I.K. – Pioneiro: *Não. Eles hoje me (...) me culpem eu de eles não falá o alemon eles me culpem eu e eles têm um poco razão.*
>
> P: **Tan tuun tii anre Lait spode?** [Então as outras pessoas tiram sarro?].
>
> I.K. – Pioneiro: *De otras raças, como se diz, de otras nacionalidades como mesmo o próprio, aquele que se diz o brasileiro (...) esse também, agora o MAIS que (...) olha, o que eu notei quando os primeiros tempos que eu tava aqui, que aqui era, só, só alemon, quando eu ia a Medianeira praticamente duas vez por semana EU NOTAVA o quanto eles assim debochavam, remedavam como eu falava né que dirá otros que tem de origem alemon aqui que falam o português MUITO pior ainda do que eu. Enton quando tu me pergunta quantos idiomas tu fala: bem nenhuma, mal duas, dois.*

No depoimento ficou bastante evidente o preconceito linguístico por ele sofrido quando do uso da língua materna. O que chama a atenção é que o pioneiro e sua esposa, que fez questão de estar presente no momento da entrevista, conversaram e responderam a maior parte das perguntas em português, mesmo sendo falantes do alemão.

Segundo Butzge, "[...] o efeito do preconceito, é, portanto, o estigma de variedades linguísticas desprestigiadas, gerando problemas para o sujeito falante" (BUTZGE, 2006, p. 92). Percebeu-se que foi o preconceito sofrido pelo pioneiro que o levou a não ensinar a língua materna à seus filhos. Também Souza comenta que:

> [...] o preconceito para com os descendentes de alemães se funde com o preconceito em relação à variedade linguística utilizada por esses descendentes, indo ao encontro do que expõe Calvet (2002), o qual afirma que as atitudes linguísticas referem-se aos sentimentos e comportamentos para com suas línguas, variedades de língua e, como relatado, para com os usuários das línguas (SOUZA, 2010, p. 76).

Em relação às variedades linguísticas desprestigiadas, Alkmin afirma:

> A intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais, etc. A rejeição a certas variedades lingüísticas, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções

> gramaticais e de usos vocabulares, é compartilhada sem maiores conflitos pelos não especialistas em linguagem (ALKMIN, 2005, p. 42).

Atitudes, como explicitado acima, fazem parte da vida das pessoas, quer sejam negativas ou positivas. O que se observou, em Missal, foi um maior número de atitudes positivas referentes à manutenção da língua e da cultura alemãs do que negativas. As atitudes negativas, porém, deve-se a diversos fatores, principalmente relacionados à população mais jovem que veem na língua inglesa maiores possibilidades de trabalho. Porém, não quer dizer que não valorizem a sua identidade linguística ou não tenham respeito para com a mesma. A decisão de não falar, ou não se interessar pela língua de seus pais não quer dizer que tenham vergonha dela. A opção pelo uso de determinada variedade linguística, ou ainda pelo uso de um ou outro idioma está atrelado à possibilidade de ascensão social ou a possibilidade de se integrar a outro grupo linguístico/cultural, diferente do seu, com outros objetivos e outras perspectivas.

Assim, a decisão de usar esta ou aquela língua é uma decisão a ser tomada pelo próprio usuário, que após analisar as vantagens ou desvantagens, decidirá que atitude tomar.

4.2 OS FATORES DE MANUTENÇÃO: DO PASSADO AO PRESENTE

Conforme já afirmado anteriormente, a diversidade linguística e cultural existente no Brasil caracteriza-o como um mosaico de etnias (NAPOLITANO, 2005) e a diversidade fundamenta as inúmeras formas de manifestações culturais, dentre as quais, o uso de línguas e a prática de culturas diferentes é a mais latente.

Estudos recentes mostram a preocupação no que se refere à preservação das línguas consideradas minoritárias, porém, paradoxalmente, há também uma preocupação, por parte de alguns governos, para que se mantenha a hegemonia das línguas majoritárias, sob pena de que sofram interferências e empréstimos de outras línguas.

Bjeljac-Babic (2000) afirma que todo ano desaparecem em torno de dez línguas. A autora discute a necessidade da preservação destas línguas uma vez que elas são um *patrimônio em perigo* e um *tesouro cultural* ameaçado de desaparecimento. O

desaparecimento deve-se, em parte, à globalização, que exige cada vez mais, uma língua de difusão internacional. A este respeito, afirma que:

> En tiempos más recientes, la internacionalización de los mercados financieros, la difusión de la información por medios de comunicación electrónicos y los demás avatares de la mundialización han contribuido a acentuar las amenazas que pesaban ya sobre las lenguas "pequeñas". Una lengua que no está en Internet es una lengua que casi "ha dejado" de existir". Queda al margen del "comercio" (BJELJAC-BABIC, 2000, p. 18, destaques da autora).

No que se refere à invisibilidade e ameaça de desaparecimento das línguas minoritárias (e neste caso, aliada à língua está sua cultura) Mota e Santos (2006) comentam que a invisibilidade se apresenta em favor da cultura hegemônica e elitista, não somente do inglês, mas também de outras línguas e culturas consideradas majoritárias. De acordo com as autoras, "as línguas hegemônicas passam a ser consideradas como as de "norma", enquanto que as demais ficam sujeitas aos efeitos de discriminação continuada" (MOTA e SANTOS, 2006, p. 357). As autoras enfatizam, porém que, "[...] em direção contrária, como resistência aos efeitos que conduzem à homogeneização cultural, a globalização vem estimulando movimentos de revitalização étnica" (MOTA e SANTOS, 2006, p. 357).

Consideram ainda a existência de um recente interesse em se aprender línguas africanas em Salvador, e relatam que isto se deve, principalmente, a dois motivos: motivação integrativa e instrumental. Na motivação integrativa entra em questão o pertencimento identitário para com a cultura de seus ancestrais e na motivação instrumental se incluem os interesses relacionados a vantagens pessoais e/ou profissionais (MOTA e SANTOS, 2006). Ribeiro comenta que a atitude integrativa "[...] consiste no desejo de aprender uma segunda língua com o intuito de conhecer e ter contato com membros de tal comunidade" (RIBEIRO, 2007, p. 34).

Hobsbawn comenta que "[...] as tradições 'ocupam' um lugar diametralmente oposto às convenções ou rotinas pragmáticas" (HOBSBAWN, 1984, p. 13). Pode-se entender a citação do autor da seguinte maneira: quando uma tradição não mantém sua rotina ou, por um ou outro motivo, esta tradição tende a ser esquecida, há uma preocupação no tocante à sua revitalização e à sua permanência.

Com base na citação de Hobsbawn (1984), nas observações de Mota e Santos (2006) e a partir das observações feitas na comunidade, percebeu-se a preocupação, por

parte dos falantes, quanto à manutenção - ou continuidade - do uso da língua e da prática da cultura alemãs em Missal:

> *É essa questão de sempre tá resgatando o que era antigo, resgatar a cultura em si pra não acabá assim, se perdendo os costumes, porque cada vez mais tá chegando novas coisas [...] e certos costumes e usos não deviam caí, deviam ser preservados (*INFORMANTE M4 – 27 ANOS).
>
> *[...] as coisas estão decaindo, mas a gente tem que resgatar um pouco, né. Porque hoje a gente tem que ter orgulho da origem da gente, a gente tem que mais é se orgulhá [...] quanta marca os alemães não deixaram e quanto sangue não derramaram para a gente estar aqui hoje* (INFORMANTE F1 – 37 ANOS).
>
> *Na verdade assim, introduzir na escola, junto à escola, só que só que o grande problema tá hoje na juventude o interesse né* (INFORMANTE M2 – 48 ANOS).

Considera-se relevante trazer à tona a abordagem feita por Mota e Santos (2006) sobre o interesse em aprender a língua dos antepassados, pelo entendimento e percepção de que, tanto as línguas africanas em Salvador quanto a língua alemã em Missal podem ser consideradas fator de pertencimento étnico e identitário.

Esta abordagem vem ao encontro do questionamento que originou a presente pesquisa: Por que, passados quase duzentos anos da vinda dos primeiros imigrantes ao Brasil, ainda hoje se fala o alemão e quais as causas que levam à manutenção ou à regressão desta língua?

Um dos informantes, ao ser perguntado sobre a importância de se aprender ou falar a língua alemã, relatou a história de um sobrinho, também descendente de imigrantes alemães:

> *Quando ele foi estudar em Florianópolis, né (...) ele dizia: tio, por que que eu não aprendi a falar em alemão né? Quando ele foi lá fazer a faculdade dele de engenharia LÁ que ele viu o quanto que fez falta a língua alemã pra ele. Aí, como ele entrou numa multinacional ele teve que correr atrás de uma língua, ele correu atrás do inglês né. [...] Tivesse o alemão, NOSSA. Só que lá em Floripa ele optou mais pelo inglês, porque o inglês é uma língua que você se defende em praticamente no mundo inteiro né? [...]* (INFORMANTE M2- 48 ANOS).

O informante M1- 60 anos, ao ser perguntado se a juventude demonstra interesse em sua aprendizagem, em relação à revitalização da língua alemã, disse:

> *O resgate (...) eu não sei porque (...) vô dizer que essa evolução caiu (...)Nós aqui no munícipio, anos atrás, em vez de tê aulas de origem alemã nós tivemos [...] aulas de inglês e depois foi parado e isso também influenciou quanto ao alemão. Isso era cafona, hoje eles tão se dando conta do que perderam* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

Percebe-se, pelo relato do informante, que a língua alemã está em regressão, mas ao mesmo tempo há uma preocupação para que a língua dos antepassados seja mantida. No caso da grande maioria dos jovens, segundo as observações e em conversas no cotidiano, em sua, informalidade, percebeu-se que é cada vez menor o número de pessoas que a falam:

> *Hoje os locais que falo o alemão (...) aonde (...) é na terceira idade, aqui, no nosso munícipio, aqui na secretaria também tem uma e outra pessoa que falam o alemão com a [...] E mais umas pessoas que falam o alemão e (...) fora disso é só no convívio com o pessoal de mais idade.* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

Outra observação relevante é quando o informante M1 – 60 anos diz que:

> *[...] nós tamo morando em outro país, fala o português, mas de forma nenhuma devia se perdê a origem da nossa língua mãe, da nossa origem, da onde é que nós viemos (...) mas dentro do munícipio, sim (...) regredimos* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

A fala do informante comprova o que diz Romaine (1995): os imigrantes, a princípio monolíngues, passam a ser bilíngues pela necessidade de adquirirem a língua do país que escolheram pela necessidade de comunicação com os moradores da atual pátria. Já seus ascendentes passam, após algumas gerações, a monolíngues, porém da língua majoritária, que neste caso, é o português.

Também confirma que, mesmo sendo descendente de alemães, sua pátria é o Brasil, pois, assim como afirma Schneider, citado por Damke (1997): "somos brasileiros", este é o contexto maior, "descendentes de imigrantes alemães" (DAMKE, 1997, p. 277).

O relato dos informantes confirma o apresentado pela Revista da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO, 2000) sobre o fato de o inglês ser a língua hegemônica e das relações internacionais. Entretanto, deve-se observar,

que, mesmo com a mundialização e a imposição de algumas línguas em detrimento das outras, o uso da língua alemã ainda se dá, de forma expressiva, principalmente entre a geração mais velha, em algumas comunidades onde a colonização deu-se, principalmente, por imigrantes alemães e seus descendentes.

4.2.1 Identidade e pertencimento étnico

Mesmo com a transformação natural das sociedades, da globalização e da aproximação, cada vez maior, de etnias e culturas diferentes, cada grupo procura (ou tenta) manter características de sua origem. A este respeito, Certeau (2005), destaca que há grupos minoritários ou algumas etnias que se identificam por serem, normalmente, de uma mesma genealogia e ascendência ou que mantêm entre eles, laços históricos. Estes grupos ou etnias estão normalmente unidos por práticas linguísticas, culturais, comportamentais ou religiosas.

Para que a identidade étnica e a história de vida de um grupo se perpetuem entre as gerações, os membros de uma comunidade com traços linguísticos e culturais em comum projetam, para o futuro, a continuidade dos costumes, valores e crenças de seu passado. Esta projeção se dá por meio de manifestações culturais, dentre elas o uso da língua materna vernácula.

O sentimento de pertencimento étnico faz com que o uso da língua e a prática da cultura alemã se perpetuem no decorrer dos anos, levando, também, os falantes de alemão expressarem sua identidade através da língua, cultura, comidas típicas, etc.

Para Rajagopalan (1998), língua e identidade estão ligadas, dependentes uma da outra e afirma que:

> A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior ou fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42).

Já para Damke (1998), a língua é:

> [...] parte integrante do ser humano, assim como a capacidade de se locomover, de se reproduzir, a necessidade de se alimentar, de se defender...o homem, para viver em sociedade tem necessidade de se comunicar com os seus semelhantes, não consegue viver sem a língua e a linguagem (DAMKE, 1998, p. 20-21).

A respeito da afirmação de a língua ser parte integrante e constitutiva do ser humano é pertinente destacar o que foi relatado pelos informantes. Para eles, a língua faz parte de sua maneira ser, de sua identidade e é também um elemento integrador do grupo étnico. As respostas dos entrevistados confirmam o afirmado por Damke (1998):

> *COM CERTEZA, porque é a minha pronúncia, meu jeito de ser do jeito que eu vim, da família que eu pertenço e isso eu assumo 100%, eu não sei ser diferente (...) ela faz parte de minha personalidade* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).
>
> *Eu acho que sim [...] acho que ela faz parte da minha identidade (*INFORMANTE M2 – 48 ANOS).
>
> *Ahh, com certeza faz, porque, como a gente falô no início, ela foi a minha língua materna. Faz parte da minha maneira de ser* (INFORMANTE F1 – 38 ANOS).
>
> *COM CERTEZA, COM CRTEZA, tenho orgulho da raça, se alguém me chama de alemão batata, batata, nem ligo, me chamô de alemão já é grande coisa* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

Para os descendentes, a língua faz parte de sua maneira de ser e está intimamente ligada à cultura uma vez que:

> Não se pode dissociar uma língua de sua cultura e do contexto da sociedade em que existe. Tudo interage: a língua faz a sociedade, isto é, as pessoas e suas relações, que na sua vez fazem a língua, adaptando-a a suas necessidades; uma língua constitui uma "janela pelo mundo", compreendido e vivido a partir de um ângulo de visão original (BLANCHET, 1998, p. 34 *apud* NARDI, 2003, p. 4, destaques do autor).

Fazendo referência às palavras de Blanchet (1998), de que a língua faz a sociedade, as pessoas e que suas relações estão imbricadas, pode-se afirmar que a língua une as pessoas de um mesmo grupo social ou étnico. Em relação a esta união, a informante F4 confirma, dizendo que:

> ***IOOO, tii hale sama (...) véma mo êene fint wo Taitsch sprecht*** [SIIIM, elas ficam juntas (...) quando a gente encontra alguém que fala o alemão]

> *com ela você (...) você procura sempre tá perto dessa pessoa (...) você te acha segura* ***tuu khanst dich auslose*** *né,* [Você se sente segura, consegue desabafar né] *(...) tu sabe que ela te entende e eu entendo ela, daí a gente se sente bem* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Deste pensamento comungam também outros informantes, que afirmam que a língua faz parte de sua identidade, de sua maneira de ser e de viver com a comunidade e a língua materna representa um vínculo de pertencimento étnico.

> *Aonde eu passo, que a xente (...)* ***vuu di Lait khene*** [onde eu conheço as pessoas] *eu falo em alemon* (INFORMANTE F3 – 79 ANOS).

> *A gente tem que ter orgulho da origem da gente, a gente tem que mais é se orgulhá [...] quanta marca os alemães não deixaram e quanto sangue não derramaram para a gente estar aqui hoje* (INFORMANTE M3 – 37 ANOS).

> *Ahh sim.[...] com certeza. Eu me sinto até, assim, vamos dizer orgulhoso por ter vindo dessa descendência* (INFORMANTE M4 – 27 ANOS).

> *Totalmente. [...] eu acho que o alemão me une mais a minha família, porque estou incluída nesse círculo que entende* (INFORMANTE F2 – 25 ANOS).

Durante a observação, se presenciou a alegria no convívio de algumas senhoras, que, durante as tardes se encontram para jogar baralho:

> *Falemo,* ***tórich nana ales*** [Falamos tudo misturado]. ***Tii Spescha sin tii schenste*** *em alemon* [As piadas são melhores em alemão] *elas rima melhor* (INFORMANTE F3 – 79 ANOS).

> *Ahh, se eu saio onde que eu tenho CERTEZA que falam em alemom eu começo a falá em alemon (...) porque me puxa mais isso né (...) E isso no jogo de baralho 95% só alemoa lá dentro. Eu falo* ***TAITSCH*** [ALEMÃO] (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Conforme o relato dos informantes, a opção de falarem a língua alemã com aqueles que lhe são conhecidos traz um sentimento de pertencimento e alegria ao ver que, entre a população mais jovem, mesmo em menor intensidade, o uso da língua alemã ainda está presente. A informante comentou que se sente alegre quando encontra alguém que fala a língua alemã, principalmente com os mais jovens, portanto, a língua carrega um valor cultural, étnico e sentimental, e valorizar a língua significa valorizar suas origens e sua história.

> *Meu (...)* ***Main Got*** [Meu Deus]. *E quando tem uma pessoa (...) jovem que fala em alemon* ***MAIN GOT*** *quando tu enxerga isso, quando tu enxergas as filhas da [...] que falam em alemon, a gente se acha, parece (...) mais segura, mais realizada, tem coragem de conversá. (...) sei lá como é que pode isso (...) sei lá* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Ainda com relação ao pertencimento étnico e identitário, alguns informantes relataram:

> *COM CERTEZA, porque é a minha pronúncia, meu jeito de ser, do jeito que eu vim, da família que eu pertenço e isso eu assumo 100%. Eu não sei sê diferente (...) ela faz parte de minha personalidade* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

> *Ahh, com certeza faz, porque, como a gente falô no início, ela foi a minha língua materna. Então, muita coisa que [...] os PAIS da gente ensinaram pra gente, foi tipo do resgate, da origem deles, da Alemanha, e se hoje eu sou o que EU SOU devo muito a minha origem né, e mesmo assim, a questão da língua, hoje eu tenho que dar graças aos meus pais que me ensinaram a falá o alemão né, porque hoje eu vejo o quanto ela me ajuda né, no meu dia a dia, me deu oportunidades [...] e não adianta eu querê falá diferente que é meu jeito e pronto [...] às vezes teve aqueles momentos de tirá um sarrinho pelo fato de não pronunciá corretamente o português [...] mas em momento algum eu me senti assim (...) ahh eu queria falá diferente [...] eu acho que a gente tem que ser o que é e acho que tem muito mais a somá do que ... Faz parte da minha maneira de ser* (INFORMANTE F1 – 38 ANOS).

A partir das observações, nota-se que uma língua em comum revela a identidade étnica e o sentimento de pertencer, de fazer parte de um determinado grupo onde o isolamento já não está tão presente como no passado.

4.2.2 Do isolamento/enquistamento para a união do grupo étnico

Um dos motivos que levam à manutenção da língua alemã é a concentração populacional em pequenas áreas geográficas. Autores como Roche (1969), Willems (1980) e Seyferth (1994) afirmam que o isolamento fez com que os imigrantes se mantivessem unidos, e, deste modo, se conservasse a língua, as tradições, suas crenças e seus valores. O uso da língua alemã é mais expressivo nas comunidades mais isoladas, nas quais os falantes não estão tão sujeitos, diariamente, à pressão da língua majoritária. Sobre o

assunto, o relato do informante M1 – 60 anos e de um pioneiro de 74 anos, ambos moradores da cidade, confirmam o já afirmado por Roche (1969), Willems (1980) e Seyferth (1994):

> *AS FAMLIAS NO INTERIOR (...)* ***tii vuu in tii Kholonie voone tii tuun al Taitsch spreche (...) ava hia (...) hia in tii Vila is schwealich (...) véma in tii Kholonie keen, tuma mit tti Laid ales Taitsch spreche*** *(...)* [Aqueles que moram no interior, eles falam tudo em alemão, agora aqui, aqui na vila é difícil] (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

> *[...] a não SER no interior né, no interior, com aquelas famílias em casa falam o alemon mas aqui na cidade, como se diz, tá praticamente em extinção.* P: Então o senhor acha que a localização, quanto mais no interior mais se conserva ainda a língua? *Sim, porque tu vai na Linha São Pedro, lá tu não encontra, raro tu encontrá alguém que não fala o alemon, tu vai em Linha São José é raro tu encontrá alguém que não fala o alemon. Então, essas comunidades (...) éhh, tradicional, de origem alemão, eles lá (...) eles falem, eles falem o alemão*(I.K. – PIONEIRO DE MISSAL – 74 ANOS, em 29/09/2011).

Roche, em relação ao isolamento, comenta que:

> [...] os imigrantes alemães e seus descentes distinguiram-se do restante da população rio-grandense pela devoção e pelo zelo religioso [...] a religiosidade dos colonos parece mesmo ter aumentado, em virtude, sem dúvida, da coesão familiar e do controle exercido pela comunidade dentro de relativo isolamento de sua vida pioneira (ROCHE, 1969, p. 671).

As palavras de Roche (1969), em alusão à população rio-grandense, podem servir também para o contexto da presente pesquisa, e confirmam a importância que a família e a religiosidade tiveram na preservação dos costumes, da língua e cultura alemãs devido ao isolamento em que se encontravam. Pensamento idêntico é encontrado em Willems (1980) no que se refere ao isolamento em que viviam os imigrantes alemães. O autor comenta que o enquistamento e isolamento contribuíram para que os costumes e a língua alemã se mantivessem.

A manutenção da língua alemã, como no caso citadodo pelo informante M1 – 60 anos, de que as famílias no interior de Missal *falam tudo em alemão*, deve-se, em grande parte, ao que diz Fishman (1979) sobre domínios linguísticos, ou seja, em casa, no domínio familiar, prevalece a língua materna e nas demais interações sociais, como por exemplo, na

escola, nas instituições públicas e no contato com pessoas de outras etnias, a língua majoritária, ou institucionalizada é a que prevalece.

A este respeito, Heye e Vandresen comentam que "o isolamento de comunidades rurais em ilhas linguísticas favorece o monolinguismo infantil em LM [Língua Minoritária]" (HEYE e VANDRESEN, 2006, p. 394). Um exemplo de monolinguismo infantil foi relatado por uma família, moradora da localidade de Boa Esperança, cujos moradores são, em grande maioria, falantes do alemão e a distância da localidade até Missal, não ultrapassa os cinco quilômetros.

Num dos contatos interativos que se teve com esta família, o pai relatou que o filho, até os seis anos de idade, só falava em alemão. A comunicação entre eles, segundo a mãe do menino, se dava na língua materna, e esta disse que fez questão de ensinar o alemão, pois sente orgulho desta língua e etnia.

Perguntou-se à família se ainda hoje ele fala em alemão, e a mãe respondeu que não, dizendo: "*desde que ele começô a í na escola foi lentamente desaprendendo a falá o alemão, e agora só fala mais o português"* (Anotações da pesquisadora).

Este relato confirma que o isolamento em comunidades linguísticas rurais (HEYE e VANDRESEN, 2006) favorece o monolinguismo, porém, a partir do contato com outras línguas, ocorre a substituição pela língua majoritária, que neste caso, é o português, pelo contato que esta criança teve no ambiente escolar.

Sobre a ligação direta das pessoas à localidade em que residem, Damke (1997, p. 147) verificou que na história das migrações do povo alemão, a partir dos antigos povos germânicos, sua *Ortsgebundenheit* (fixação/ligação à localidade) não é muito consistente. O gosto pela aventura do povo alemão, que inclui as constantes migrações, chamado pelo autor (Ibidem, p. 15) de *Wanderlust* (gosto pelas migrações/mudanças), é bem conhecido e vastamente cantado em músicas populares.

Também Roche atenta para a "mobilidade" do povo alemão: "[...] o colono teuto-brasileiro, não sendo sedentário, não sente essa ação telúrica cuja propagação parece proteger o camponês europeu, não experimenta esse apego tradicional ao solo, que se considera a virtude essencial à condição de camponês" (ROCHE, 1969, p. 650).

A não fixação ao solo pode ser explicada em decorrência das necessidades e do desejo de melhorar de posição social e esta mobilidade deve-se ao fato de o colono teuto-brasileiro não ter encontrado o equilíbrio do verdadeiro camponês (ROCHE, 1969) diante da vastidão de terras em solo brasileiro. Assim, o colono teuto-brasileiro "[...] está sempre

disposto a vender suas terras e sua casa, recomeçando a vida em outra zona mais ou menos longínqua, cujas possibilidades econômicas lhe louvaram." "Falta-lhe o enraizamento à terra, a fidelidade ao torrão" (ROCHE, 1969, p. 650).

Verifica-se que na linguística brasileira não há estudos, além do citado acima, muito menos terminologias para definir esta ligação das pessoas à sua terra natal ou à localidade em que residem e muito menos sobre a relação direta desta mais forte ou mais fraca fixação à terra com a manutenção de sua língua e cultura.

Na linguística alemã, segundo Damke (1997) há inclusive *dois* termos que definem esta ligação: *Ortsgebundenheit*, já citado, que define a fixação física e geográfica à localidade de residência e *Ortsloyalität* que indica a ligação mais emocional, sentimental à terra natal ou ao lugar em que moram os falantes.

No início da imigração alemã para o Brasil, e a história mostra que isto também ocorreu em Missal, além da língua materna, dos usos e costumes trazidos da terra natal, a perda da *Heimat* era também compensada pelo espírito de união e solidariedade entre os elementos do grupo.

Quando havia alguns moradores num determinado lugar, se uniam para construir a *Schuulkapelle*[13] (capela/escola), que era uma pequena igreja de tábuas que servia também como escola. Estas escolas, "[...] na maior parte dos casos, eram consideradas também escolas confessionais, porque estavam diretamente vinculadas a uma confissão religiosa" (KREUTZ, 1994, p. 152) e o professor, na grande maioria dos casos, era pessoa ligada diretamente à Igreja.

Um dos pioneiros de Missal comenta sobre a estreita ligação escola/igreja:

> *Enton, aquele tempo, lá no sul, a comunidade (...) o primero homem na Igreja era o professor porque era de* ***Faarschuul, Farainschuul*** [escola paroquial] *a comunidade católica* ***tas vóo en Katolische Farainschuul*** [escola paroquial católica] *pra não dizer* ***Farainschuul*** *porque a comunidade que sustentava o professor (...) cada aluno pagava um poquinho pra ajudá* (I.K. – MORADOR E PIONEIRO DE MISSAL – 74 ANOS, em 29/09/2011).

Kreutz ainda afirma que, sobre à ocupação das terras pelos imigrantes, havia uma recomendação para o assentamento destas famílias:

[13] "Semanticamente a tradução literal seria 'capela-escola'. Usamos a terminologia 'escola-capela'em nosso trabalho por ser esta a forma conhecida e usada na região" (DAMKE, 1988, p. 98).

> Na ocupação do espaço físico destinado aos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, a orientação era a de se favorecer a formação de picadas ou linhas, isto é, núcleos populacionais em torno de 80 a 130 famílias, cada qual morando em seu lote, do tamanho suficiente para seu sustento, variando, em média, de 25 a 75 hectares. O princípio básico era o de que para um determinado número de agricultores se dispusesse de um centro (vila), com a infraestrutura de artesanato, comércio, atendimento religioso e escolar fundamentais (KREUTZ, 1994, p. 152).

A citação de Kreutz confirma que, pela formação de pequenas vilas, os agricultores mantiveram-se unidos e que a escola e a religião eram baluartes importantes na manutenção da língua e da cultura alemãs.

A ajuda/contribuição que os colonos prestavam na comunidade para levantar as construções recebia o nome de *Frohnarbeit* (trabalho voluntário). Este espírito de solidariedade e união existia também nas atividades privadas dos colonos, uns ajudavam os outros na construção de pontes, das casas, galpões, na roçada e derrubada do mato etc.

O trabalho voluntário (*Frohnarbeit*) foi comentado por um pioneiro que, relatou sua história sobre os dias de sua chegada à Missal, no ano de 1964:

> *Nós cheguemos sábado de manhã com a mudança e era pra tá coberto já [...] aí nós descarreguemos a mudança botemo a lona por cima e fui a Aurora do Iguaçu comprá telha né e aí trouxemo as telha já era noite né, naquela noite nada dava prá fazê. Enton, no otro dia de manhã o padre* (José Backes): *Olha, temos que cumprimentar mais uma família, fulano e tal (...) tá lá o caminhão carregado de telha quem pudé vai lá ajuda eles a cobrí a casa deles, hoje é domingo mas isso alí é força maior tem que cobrí a casa porque o tempo pode chovê e essa família fica desamparada (...) aí veio uns dez, doze pra ajudá* (I.K. – PIONEIRO DE MISSAL – 74 ANOS, em 29/09/2011).

Também Lunkes (2005) cita a solidariedade e espírito de união entre os pioneiros de Missal. Acrescenta que todos se ajudavam mutuamente, tanto na doação de madeiras quanto com o trabalho braçal, no que fosse necessário. De modo que a ajuda ia desde a construção de igrejas, escolas, casas, pavilhões, estradas, pontes etc, e diz ainda que os moradores doavam a madeira para este fim, conforme mostra a Figura 12.

FIGURA 12 - Construção de ponte em Missal na década de 1960
FONTE: Museu Municipal de Missal (2011)

Esta ajuda se estendia também ao trabalho agrícola, quando, em período de colheita, os vizinhos ajudavam-se mutuamente, pois não havia, naquela época, lavoura mecanizada, como nos moldes da tecnologia de hoje, como mostra a Figura 13.

FIGURA 13 - Trabalho voluntário em colheitas na década de 1960
FONTE: Museu Municipal de Missal (2011)

Damke, em uma pesquisa para testar a *Ortsgebundenheit* dos falantes questionava-os a respeito da disposição de deixar a localidade em que moravam e ir morar

em outro lugar, obteve as seguintes respostas, expressivas, que comprovam a forte fixação das pessoas à localidade em que residiam, bem diferente que nas outras épocas:

> ***Och was sol ich noch in de Stat?*** [Ah, o que eu ainda iria fazer na cidade?], ***Ne, ich will dii alde Tóoche hia in Ipê romprenge!*** [Não, eu quero passar meus velhos dias aqui em Ipê!], ***Das Umwanre wea mea doch tsu fil!*** [A mudança seria demais para mim!] DAMKE (1997, p. 151).

Assim como na pesquisa de Damke (1997), foi encontrado nos relatos dos sujeitos da presente pesquisa, sentimento similar. É possível verificar, nas falas a seguir, o sentimento de ligação que unia a informante à sua terra *(Ortsloyalität)*, à sua *Heimat*. Em seus relatos, ficou evidente o sentimento pela emoção demonstrada no momento da sua narrativa. Notou-se que a senhora, nos momentos da entrevista que se referiam ao passado, a sua *Heimat*, emocionou-se ao contar de seu passado, de sua história e das dificuldades de adaptação no "outro lugar":

> ***In Paranóo vanre vóo mia schlim. Vóo mia schlim fót vanre***. *Otro lugar né*. [Morar no Paraná foi muito difícil. Foi muito difícil sair do lugar onde eu morava] (INFOMANTE F3 – 79 ANOS).

> ***Vuu ich net tsufriide vóo in*** *Alfonso Rodrigues* ***kevánat sen. MAIN COT VÓO ICH TII VELT TOT TSULEDICH IMA***. [Onde eu não estava contente em morar era em Alfonso Rodrigues. Meu Deus, eu estava enjoada do mundo, morar lá para sempre] *Lá eu comecei de falá muito em portuquês, lá em Alfonso Rodrigues quando fomo morá lá. Era tudo idaliano e nós alemon lá tentro [...] non tinha amiçade em alemon, tinha de me...****ich mustmich tsvinge kél portuquês falá, un ich khónt veenich (...) ich khónt, kháma sóon, kóonics*** [Eu tinha que me esforçar para falar português, e eu não sabia praticamente nada, eu não, como dizer, não sabia nada] *vicinhança, tudo idaliano (...) tinha uns alemon, mas (...) a xente não esquece isso* (INFORMANTE F3 –79 ANOS).

Os depoimentos dos informantes mostram que a ligação mais emocional, sentimental, geralmente extrapola o próprio tempo de residência num determinado lugar. Muitos disseram que têm uma ligação afetiva, sentimental, que às vezes pode ser traduzida em saudade da terra natal, geralmente a *Colônia Velha*, que tiveram que deixar ao migrarem para Missal.

Os dados mostram que o sentimento de fixação à terra, de ligação ao lugar de residência é sempre mais forte entre as pessoas de mais idade. A vida moderna, com as novas oportunidades de emprego, leva os jovens a deixarem a casa paterna e a tentarem construir sua vida, muitas vezes, longe da casa dos pais. O fato leva à regressão mais rápida da língua e cultura que (alguns) herdaram dos pais, que pode ser visto pelo relato dos próprios informantes:

> [...] ***Tuut ma tas net mitérve?*** [Isso a gente não traz como herança?] *Isso vem dos pais, aquele dom, aquela coisa que puxa o alemão* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Certamente, o sentimento de compensação, mesmo que inconsciente, teve influência decisiva na manutenção dos valores tradicionais dos primeiros imigrantes alemães, assim como hoje as atividades culturais dos descendentes de imigrantes, também em Missal, são fundamentais para a manutenção da língua alemã.

O isolamento inicial, aliado às dificuldades que tiveram os primeiros imigrantes, e também os pioneiros de Missal, foi lentamente substituído pelo contato entre os grupos pois assegurava o pertencimento para com sua etnia. Assim, os teuto-brasileiros se sentiam com dupla nacionalidade: o *jus sanguinis,* princípio que identifica o sangue alemão, e o *jus solis,* princípio que identifica a nacionalidade. O contato mais intenso e direto deu-se a partir da criação de diversas associações cujo objetivo era de manter vivas as tradições linguísticas e culturais.

Segundo Roche (1969), Willems (1980) e Seyferth (1994) o isolamento fez com que os alemães reivindicassem seu espaço na sociedade, assim, os teuto-brasileiros, unidos pelo uso da língua, pela prática da cultura e dos costumes alemães (princípio *jus sanguinis*) começaram a se organizar para assegurar o seu pertencimento ao Estado Brasileiro (princípio *jus solis),* haja vista que, muitas vezes, eram "[...] deixados à margem da cidadania, apesar de já terem assegurado os direitos civis derivados do *jus soli*" (SEYFERTH, 1994, p. 16).

Gertz também cita estes princípios dizendo que:

> Na tradição brasileira, a cidadania é pensada basicamente como questão ligada ao território, o que no jargão jurídico é denominado de *jus soli*, isto é, brasileiro é todo aquele que nasce em solo brasileiro. Inversamente, na tradição alemã domina o *jus sanguinis*, o que significa que se considera "alemão" todo aquele que possui "sangue alemão", independetemente do

> solo em que tenha nascido. Nesse caso, admite-se que uma pessoa pode, juridicamente, ser cidadão de um outro Estado que não a Alemanha, mas continue pertencendo à abstração "povo alemão" (GERTZ, 1994, p. 30, destaques do autor).

Lentamente, os imigrantes e seus descendentes fundaram associações e clubes no intuito de serem reconhecidos como membros de uma sociedade, o que os levou do isolamento/enquistamento para a união no grupo. Deste modo, as relações foram se intensificando até chegar à integração que se presenciou, tanto na cidade quanto nas comunidades do interior. Um exemplo desta interação e união entre grupos, ainda hoje, são as festas típicas, os bailes de casais, as festas de comunidade, os corais, os encontros de famílias, os torneios de bolão e bolãozinho[14], os torneios de canastra, o encontro de grupos de senhoras e os encontros de Terceira Idade, que serão abordados nos próximos subtítulos.

Em síntese, tanto com base nos autores citados, quanto nos depoimentos dos informantes, pode-se afirmar que o sentimento de união e solidariedade dos imigrantes alemães e seus descendentes em Missal foram, e ainda estão sendo, um fator importante para a manutenção da língua e cultura trazidas de sua *Heimat*.

4.2.3 A cultura como fator de manutenção

Hall (2006) comenta que a contínua transformação pela qual estão passando as sociedades, principalmente nas últimas décadas, não só tem gerado uma "crise de identidade", mas também têm provocado impacto na identidade cultural. A "infiltração cultural" (HALL, 2006, p. 74) pode alterar ou influenciar a cultura nacional ou local, ficando, por vezes, difícil conservar as características particulares de dado grupo ou etnia. Segundo Hall:

> Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, viagens internacionais, pelas imagens de mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares,

[14] O bolãozinho refere-se a outro tipo de jogo, diferente do bolão. No bolãozinho, jogado na maioria das vezes por mulheres, consiste em se jogar com bolas menores que as do bolão, este último normalmente praticado pelos homens. O bolãozinho não é, portanto, diminutivo de bolão. Sobre bolão e bolãozinho, mais detalhes poderão ser encontrados nas páginas 131 a 133.

> histórias e tradições [...] somos confrontados com uma gama de diferentes identidades. Foi a difusão do consumismo [...] que contribui para esse efeito de "supermercado cultural". No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a *identidade*, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca* internacional ou moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como homogeneização cultural (HALL, 2006, p. 75-76, destaques do autor).

Na contramão desta homogeneização cultural, citada por Hall (2006), merece destaque a citação de Vannucchi (1999) sobre alguns elementos que marcam a vida das pessoas:

> Ninguém pode desconsiderar a força telúrica de elementos existenciais como a terra, a casa, a alimentação, a música, a dança, as crenças, o vínculo entre parentes, amigos, vizinhos, as lembranças dos idosos com suas experiências e "causos", as festas tradicionais do lugar, a língua viva, as lutas travadas, os laços de solidariedade desenvolvidos na infância...Tudo isso dá sentido à vida e marca a gente (VANNUCCHI, 1999, p. 43, destaques do autor).

Vannucchi (1999) referindo-se à cultura de modo geral, mas que pode ser trazida para o contexto local, reforça o sentimento dos teuto-brasileiros no sentido de fazer parte de um grupo étnico alemão, dentro do Brasil, o que leva ao entendimento de que a *Deutsches Fest*, o Café Colonial e outras formas de manifestação cultural de origem germânica representam o vínculo para com suas raízes étnicas.

Para Geertz (2008), a cultura é um conjunto de signos interpretáveis. Interpretar é realizar uma leitura do que ocorre, quando, como e por que ocorre, e a partir deste conjunto de fatores entender seu significado, de modo que, para se interpretar as manifestações culturais que acontecem em Missal, é necessário que se entenda o significado que elas têm para seus moradores.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo XXVII, diz que "Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios." Entende-se, a partir desta assertiva, que todos têm o direito de desenvolver suas próprias culturas e que esta pode ser organizada de modo que se fomente a ideia de uma cultural no plural, pois, todas as culturas contribuem de um ou outro modo, com o rico entorno cultural da humanidade.

4.2.3.1 A gastronomia como identificador étnico e cultural

Consome-se ou experimentam-se hoje, por questões de pertencimento étnico ou por simples degustação, diversos alimentos desde os mais exóticos e particularmente estranhos até mais tradicionais e populares. A alimentação opera no imaginário dos seres humanos, evoca a memória de seus antepassados na tentativa de relembrar as tradições e costumes de um povo.

Como resultado deste mosaico gastronômico e cultural a presença das comidas típicas de cada etnia é uma característica que marca identitariamente os grupos, sendo que cada grupo apresenta particularidades de seu passado, de sua cultura e de sua história.

O que para algumas culturas é permitido para outras se torna proibido e assim existem tantas diferenças quanto possibilidades de diferenciar-se. Segundo Woodward (2008), estas diferenças assumem diversas formas e a prática da alimentação e dos rituais está associada ao consumo dos alimentos. A autora cita o exemplo dos muçulmanos em relação ao consumo de bebida alcoólica e carne de porco. Esta proibição marca uma diferença identitária e étnica para com o "outro" e "[...] distingue as identidades daqueles que estão incluídos em um sistema particular de crenças daqueles que estão fora dele" (WOODWARD, 2008, p. 44).

Outro aspecto da cultura gastronômica são os de ordem econômica, como a lei da oferta e procura dos alimentos e os de ordem política. Segundo Woodward (2008, p. 48) "[...] historicamente, a escolha dos alimentos tem se desenvolvido no contexto de sua escassez ou de sua superabundância relativas". E também "[...] o consumo de alimentos tem uma dimensão política. As pessoas podem se recusar a comer os produtos da África do Sul antes do fim do *apartheid*; os alimentos da França, em protesto pelos testes nucleares franceses no pacífico" (WOODWARD, 2008, p. 43).

Pessoas de menor poder aquisitivo acabam por escolher os alimentos que sua dotação orçamentária permite. 66.

Para se entender certos tabus ou certas "crenças" em relação às comidas, como não comer carne de vaca ou de porco, é necessário entender a cultura, a história e as tradições dos povos. Respeitar os hábitos alimentares, os gostos e as peculiaridades de cada comida é respeitar as diversas culturas e suas diferenças.

Dentre as grandes mudanças pelas quais passaram os primeiros imigrantes em terras brasileiras está justamente a alimentação. Roche (1969) afirma que quando os imigrantes chegaram ao Rio Grande do Sul, em 1824, as condições climáticas e geográficas não permitiram a conservação dos alimentos como trigo, centeio, aveia, carne de porco, legumes verdes e a tradicional batata inglesa.

Nas novas condições climáticas os agricultores aprenderam a cultivar e consumir outro tipo de alimentação: milho, mandioca, batata doce, abóbora, chuchu, feijão preto, arroz e o charque, que "[...] apesar da repulsa que sentiam, tiveram de adotar a alimentação local: era uma questão de vida ou de morte" (ROCHE, 1969, p. 637).

Segundo Roche (1969) a abundância das colheitas e o trabalho árduo nas lavouras logo possibilitaram o encontro dos alimentos de origem, da Alemanha: a batata inglesa, a princípio, era cultivada somente para consumo doméstico e estava presente em todas as colônias teuto-brasileiras. Aos poucos, começaram com a criação de porcos, dos quais se produzia a banha, os defumados, a linguiça e o presunto. As aves também começam a fazer parte da mesa dos agricultores sendo servidas, tanto assadas quanto em outras formas de galinhadas, conhecidas hoje por grande parte da população e das quais há, inclusive concurso em Missal. A produção leiteira também começa a se fazer presente nas lavouras e do leite fabrica-se o queijo, a manteiga, a nata e o *Kheeschmier*[15].

Os agricultores, devido às precárias condições financeiras aproveitavam as frutas da época para fazer o *Schmier*. Segundo Roche "[...] por toda a parte, encontravam-se frutas variadas, da laranja à uva, e doces: as famílias de colonos teuto-brasileiros usaram largamente o *Schmier*, mistura de batata-doce e frutas cozidas em calda, que se põe geralmente em fatias de pão, nas pequenas refeições" (ROCHE, 1969, p. 637).

O autor também cita que os alemães gostavam muito de beber vinho e cerveja, porém, o vinho era muito caro e a cerveja, importada da Alemanha. Isso fez com que os colonos fundassem inúmeras pequenas cervejarias, que depois foram absorvidas pelas grandes fábricas de Porto Alegre. Ficou, entretanto, o costume da bebida, principalmente do *Chopp*, tipicamente alemão, amplamente consumido.

Como "prova de adoção", Roche afirma que alemães incrementaram em sua alimentação o churrasco, a aguardente e o chimarrão, este último é uma:

[15] Apesar de a forma correta ser *Käseschmier*, se utilizará, neste trabalho, a forma *Kheeschmier* pois é assim que os informantes falam.

> [...] infusão de erva mate tomada numa cuia e chupada com o pequeno canudo de prata (bomba), que passa de boca em boca: essa falta de higiene como o amargor da beberagem poderiam não ter agradado ao gosto europeu, mas o chimarrão faz agora parte integrante dos costumes teuto-brasileiros, e bem assim a aguardente da cana ou cachaça. Os colonos contentaram-se com batizá-la de *Schnaps,* nome sob o qual sempre os deleitou a tal ponto que substituiu a aguardente de frutas (ROCHE, 1969, p. 639).

Outro alimento que sobreviveu no processo de aculturação dos alemães (WILLENS, 1980) é a cuca. A cuca é encontrada na maioria das casas, não somente de origem germânica, mas também amplamente consumida pelos luso-brasileiros. Geralmente a cuca acompanha o café da manhã, o lanche da tarde, é servido às visitas, juntamente com o chimarrão. A cuca está presente também nos almoços em festas de comunidade e muitas pessoas apreciam a mistura do doce (cuca) com o salgado (churrasco).

Roche, a respeito da sobrevivência da cozinha alemã através das gerações indica que, além do *Chopp* e da *Schmier,* a pastelaria alemã também reapareceu nas colônias. O autor assegura que "[...] a pastelaria alemã [...] é agora apreciada pelos luso-brasileiros, sobretudo a famosa *Kuchen* (cuca em português), que muito se parece a um '*Kugelhopf*' coberto de uma fina camada de glacê e enfeitado com talhada de frutas" (ROCHE, 1969, p. 638).

Em uma oportunidade que se teve de participar de um encontro de algumas senhoras, na casa de uma conhecida falante do alemão, estiveram presentes as informantes F3 e F4. No encontro e em meio a uma divertida e descontraída tarde de jogo de baralho, as conversas eram, em sua maioria, na língua alemã. Quando do momento do café[16], que segundo elas, sempre ocorre às quatro horas da tarde, a Informante F4, com seu bom humor característico, disse que o café daquele dia não estava tão bom, pois a responsável não *tinha as "roscas de polvilho" e sim trouxe "algumas coisas" da padaria.*

As demais senhoras começaram a rir e foi questionado o motivo das risadas. Disseram que a dona da casa geralmente oferecia roscas de polvilho, com nata e melado. Foi perguntado se as roscas vendidas na padaria eram diferentes e disseram que sim. Uma das senhoras disse que:

[16] No café servido nas tardes de baralho, que fica a cargo da dona da casa onde é realizado o encontro, inclui-se também, além de café, chá e o chimarrão, diversos tipos de biscoitos, cucas, roscas, *Waffles*, pão de milho, nata, requeijão, melado, entre outros.

> *O Rosqui do alemon é feito em casa, e tem que sê feita como anticamente se facia, amassada e feito rolinho e colocado no* ***Packoove*** *[*forno à lenha] *em cima de folha de pananera e depois coprí tampém com folha de pananera por cima, pra non queimá, assim fica um costo pem costoso, esse é o rosqui que se facia anticamente* (Anotações da pesquisadora).

O relato das senhoras traz à baila o fato de que gastronomia pode ser considerada como um dos elementos que caracterizam étnica e identitariamente um povo e demonstra que a maneira de fazer a "rosca de polvilho" lembra os costumes e tradições dos antepassados. Nota-se, assim, o sentimento de pertencimento e valorização étnica, que se confirma nas palavras de Woodward (2008) que aquilo que se come pode indicar a origem de um povo. Entende-se, portanto, que a alimentação está ligada à etnicidade e a comida pode despertar o interesse pela manutenção das tradições e costumes das pessoas.

A respeito da alimentação Franco afirma que:

> Os hábitos culinários de uma nação não decorrem somente do mero instinto de sobrevivência e da necessidade do homem de se alimentar. São expressão de sua história, geografia, clima, organização social e crenças religiosas. Por isso, as forças que condicionam o gosto ou a repulsa por determinados alimentos diferem de uma sociedade para outra. O gosto, que muitos acreditam ser próprio, é uma constelação de extrema complexidade na qual entram em jogo, além da identidade idiossincrática, fatores como: sexo, idade, nacionalidade, religião, grau de instrução, nível de renda, classe e origem sociais. O gosto é, portanto, moldado culturalmente e socialmente controlado (FRANCO, 2001, p. 23-24).

Não somente as mulheres referem-se à culinária, mas também os homens fazem referência à gastronomia. O Informante M5 relata como a tradição de fazer o "verdadeiro" pão de milho passou por adaptações, o que sugere uma tradição inventada, porém, não menos valorativa culturalmente:

> *Na verdade hoje é pão misto, que está sendo considerado* ***Milheprôot*** [pão de milho] *um dia vô pedí pra [...] fazê o* ***Milheprôot*** [pão de milho] *de verdade [...] o pessoal ainda considera, se ele é misto, ainda é considerado pão, pão de milho, mas na verdade o pão de milho é diferente* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

O mesmo informante diz, porém, que o "verdadeiro" pão de milho, alimento tradicional no café da manhã na mesa de grande parte de descendentes de imigrantes alemães, é feito praticamente à base de farinha de milho, água e sal:

> *O verdadeiro* ***Milheprôot*** [pão de milho] *eu tive oportunidade de comer ele muitas vezes, porque nós lá em casa a mãe fazia (...) daí ela as veiz dizia:* ***hait pagich mo phua Milheprôot*** [hoje eu vou fazer o puro pão de milho] *era só feito com farinha de milho (...) nada de trigo, isso dá racho,* ***platts pis uf uuve triva*** [inclusive racha por cima] *é bem...é bem (...) uma crosta assim de cascão (...) agora O SABOR, O GOSTO, é excelente, feito num, num (...) só que tem que sê feito num forno de lenha e não pode popá lenha, senão ela senta, ela tem que levantá e tem que permanecê assim, então, o* ***Milheprôot*** [pão de milho] *é é muito gostoso* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

O "pão misto" a que se refere o informante traz, dentre os ingredientes, a farinha de trigo. A tradição de fazer o *verdadeiro pão de milho* surgiu pelo fato de que a maioria dos alemães cultivavam pequenas áreas de terra, e a matéria prima do pão de milho – a farinha de milho – provinha de sua propriedade rural e era moída, geralmente, na própria propriedade ou em pequenos moinhos da comunidade.

A dificuldade em se conseguir a farinha de trigo, geralmente vinda da Argentina, e que entrava de forma clandestina no país, se dava por dois motivos: o preço e distância do produto. Com base em relato de informantes, a farinha de trigo era, quando adquirida, guardada e usada somente para o feitio de pães, cucas e bolachas para as épocas festivas, como Natal, Páscoa, *Kerb*, festas de casamento e outros eventos considerados importantes.

O ***Milheproôot*** citado também foi abordado por uma senhora de mais idade. Segundo ela, o "verdadeiro" pão de milho era aquele feito em forno à lenha, e que deveria ficar com uma "crosta preta" que, ao se cortar, deixava as mãos pretas pelo contato com a parte superior do pão. A mesma senhora relatou que se devia ***tii Khéschtcha esse*** [comer a crosta do pão], pois assim, as crianças aprenderiam a assobiar. O mesmo foi confirmado por relatos de outras senhoras mais idosas. Perguntou-se se hoje os filhos, ou os netos comem a "crosta preta" do pão de milho, e disseram *que hoje nem fazem mais o pão de milho como antigamente*, hoje se compra pão de milho nas feiras e padarias.

Salienta-se que, não era o fato de se comer ou não a "crosta mais escura" do pão que determinava quem aprendia a "assobiar" ou ter as "bochechas mais rosadas" [***rôode Peckelcha***] indicador de boa saúde, mas sim que subjazem, nestes relatos, as dificuldades iniciais passadas pelos primeiros imigrantes e a preocupação em não desperdiçar os alimentos.

O desperdício também foi citado por outra senhora, moradora de um sítio:

> *O alemon procura não tesperdiçá nada, a xente aproveita tudo, como por exemplo, quando se carneia um porco, aproveitamo tudo, só o* ***Khop*** [cabeça] *que eu não fico, esse eu tô pra [...] o resto aproveito tudo, faço* ***Kriipcha*** [torresmo] *, faço sapon e morcilha, a xente não pode tesperdiçá nada* (O.K. – 68 ANOS, MORADORA DE MISSAL).

Em um almoço dominical que foi realizado em seu sítio, a informante comentou o seguinte:

> *Quando o vôvo, o pai do [...] vinham ficar uns tias com a xente, ele sempre costava de comer os* ***Krimelcha dos Kriipcha****,* [farelo do torresmo] *porque eu tempero os* ***Kriipcha*** [torresmo] *com* ***Vóschtkraitche*** [manjerona, tipo de especiaria para temperar carnes, especialmente carne suína] *ele pecava umas treis colheres tos* ***Krimelcha un hat so trive keschtraut*** *por cima do* ***Kheesschmia no Milheprôot*** *e dicia:* ***MAIN COT, SCHMEKT TAS MO KUUT*** [ele pegava umas três colheres do farelo e esparramava por cima do requeijão, no pão de milho, e dizia: MEU DEUS DO CÉU, ISSO É MUUITO GOSTOSO]. *A vôvo cutucava ele e ticia:* ***net sôo fil esse*** [não come tanto] (O.K. – 68 ANOS, MORADORA DE MISSAL).

O relato da senhora mostra que preocupação relacionada aos alimentos se fundamenta historicamente nas dificuldades e na falta de alimentos nos primeiros anos da chegada dos alemães ao Brasil. A sogra desta senhora, (96 anos), referindo-se aos ***Krimelcha dos Kriipcha*** [farelo do torresmo] disse: ***Tas is mo richtich taitsch Esse*** [Isto é realmente típica comida alemã]. Observou-se que esta senhora cuida de seus frangos, de seus suínos, bem como a preocupação em não deixar passar o período de plantio de mandioca e abóboras. Diz também que para ter uma *noção de quantas batatas se precisa para fazer a maionese dos domingos, é só contar uma batata por pessoa.*

Em outra oportunidade, num almoço na casa desta mesma família, casualmente a filha estava fazendo a maionese e lembrou que antigamente o creme da maionese era feito de maneira diferente. Chamou a mãe e pediu que explicasse como era feito:

> *Naquela época a xente não facia o creme ta maionese como se faiz hoje, patida do liquificator. A xente pecava a xema do ovo, cocida, e torava um poco de* ***Waismêel*** [farinha de trigo] *e xogava xunto com a xema do ovo, aí amassava tudo xunto, com o ovo, misturava panha de porco e colocava na padatinha cortada, taí era só salcá e por temperinho verde e a maionese tava pronta. Era muito costoso. Hoje a xente faz no liquificator* (O.K. – 68 ANOS, MORADORA DE MISSAL).

Ainda em relação à culinária, von Borstel, ao estudar a comunidade de Palotina, acerca dos costumes, diz que aquele município tem "muito presente a cultura e costumes de seus antepassados, sendo a culinária um dos principais pontos de constatação da preservação dos costumes alimentares dos primeiros imigrantes" (VON BORSTEL, 2001b, p. 100). A partir do que se pôde observar, não somente por parte dos informantes diretos, mas também de outros moradores de Missal, sobre a culinária e o modo de fazer os pães e roscas, as palavras de von Borstel servem também, para o contexto missalense, pois refletem o mesmo sentimento que os descendentes de imigrantes alemães têm com relação à preservação de sua cultura gastronômica.

Quando questionado sobre a regressão da língua e da cultura alemãs em Missal, o informante M1 relatou o seguinte:

> *Eu acho que sim, porque penso eu que nós (...) falá é a primeira coisa que nós (...) nossos costumes alemães e isso foi perdido ehh (...) a nossa comida alemã* ***Kheeschmier Sirop, Seróona Khees, Waffles, Milheproot*** [requeijão, melado, queijo serrano, waffles, pão de milho] *isso vai se mantendo, mas assim como vão passando as gerações vai disseminando* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

Percebe-se, pelo relato dos informantes e a partir da observação na comunidade, que os alemães mantêm uma estreita relação entre culinária e identidade étnica e a comida representa um vínculo para com sua descendência. Este vínculo foi abordado também por Valeri (1984) citado por Reinhardt (2007). Sobre este assunto, o autor comenta que:

> [...] os imigrantes, embora por vezes abandonem todas as tradições do seu país de origem, permanecem obstinadamente fiéis a algumas tradições culinárias. A ligação simbólica entre estas e a mãe-pátria pode explicar a sua utilização, consciente ou mais freqüentemente inconsciente, como critério de identidade étnica: os alimentos que têm este valor simbólico são oferecidos aos compatriotas (...) O consumo de certos pratos tem, de facto, o valor de um verdadeiro culto de origens (VALERI, 1984, citado por REINHARDT, 2007, p. 157).

Concorda-se com a citação de Valeri (1984), citado por Reinhardt (2007), porém, deve-se relativizar a "fidelidade" em relação a algumas tradições alimentares, pois se percebe que, mesmo os descendentes consumindo e valorizando a culinária alemã, consomem e valorizam também os pratos típicos de outras etnias, como no Concurso da

Macarronada, que remete à culinária italiana e que acontece anualmente em Missal e também a Festa da Feijoada (Linha Padre Feijó). Nestes eventos a participação dos descendentes de alemães é bastante expressiva, o que confirma a existência e a coexistência de uma cultura no plural (CERTEAU, 2005), na cidade de Missal.

A partir das observações feitas pelos informantes, de seus relatos, das lembranças de como seus pais e avós faziam esta ou aquela comida, percebe-se que todos os fatos remetem à história dos antepassados que, pela oralidade, é repassada às gerações vindouras de acordo com suas distintas interpretações. A memória, os relatos e as histórias de vida de cada um tem importante papel na manutenção de uma língua e sua cultura pela referenciação ao passado, na esperança que continue no presente e se projete para o futuro das gerações. A respeito da memória, Pollak diz que é uma:

> [...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes (POLLAK, 1989, p. 07).

Não se herda apenas as características físicas e o sangue dos antepassados, herda-se também a língua, a cultura e a gastronomia, pois, de acordo com Franco "[...] os hábitos alimentares têm raízes profundas na identidade social dos indivíduos. São, por isso, os hábitos mais persistentes no processo de aculturação dos imigrantes" (FRANCO, 2001, p. 24). A partir do que afirma o autor, aliado ao que foi observado nas famílias e nas histórias contadas pelos informantes, entende-se que a alimentação é o elemento que mais tempo se mantém arraigado na memória e na cultura de um povo.

Deste modo, a gastronomia, mesmo que não mantenha totalmente as características de sua culinária "original" tem grande valor, pois, revela a identidade, o pertencimento para com suas origens, o respeito para com as gerações passadas e a esperança da conservação linguística e cultural para as gerações futuras.

4.2.3.2 A *Deutsches Fest* na manutenção da cultura

O respeito pela cultura alemã é mostrado e manifestado pelos moradores e principalmente pelos descendentes de alemães, acima de tudo, em eventos como a *Deutsches Fest* e o Café Colonial. A solidariedade e o "continuar" as tradições dos antepassados é uma tentativa, por parte dos descendentes, da não homogeneização cultural (HALL, 2006) a que estariam sujeitas as pessoas pela "infiltração cultural" e pela difusão do consumismo "[...] mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens [...] que contribui para esse efeito de supermercado cultural" (HALL, 2008, p 75-76).

Não somente os descendentes de imigrantes alemães prestigiam as festas e a gastronomia alemã. Há a presença, na comunidade de Missal, de descendentes de imigrantes italianos, poloneses e outras etnias que, mesmo em menor número valorizam as manifestações culturais e gastronômicas alemãs. Isto vem ao encontro do que diz Damke (2008) a respeito da coexistência de línguas e culturas diferentes e também com o que diz Certeau (2005) sobre a "cultura no plural".

Conseguiu-se da Prefeitura Municipal de Missal o histórico da primeira *Deutsches Fest:*

> A **Primeira Deutsches Fest** foi realizada no município de Missal no ano de **2002**, nos dias 03, 04 e 05 de abril. A partir desta data tornou-se uma festa anual em nosso município. Partindo da premissa de que "o passado é cultura e cultura é vida", a Deutsches Fest é o marco principal do resgate, preservação e cultivo das ricas tradições germânicas, tanto na culinária, na religiosidade, na alegria das danças e da hospitalidade do povo missalense. A **Deutsches Fest**, desde sua 1ª edição em 2002, traduz em uma festa de muita alegria, diversão e *Chopp*. Sabe-se que desde sua 1ª edição em 2002, até hoje, constatou-se a evolução da festa, desde a programação que foi ano a ano incrementada com muitas novidades, bem como o envolvimento da comunidade missalense é cada vez maior. A Festa foi realizada devido a necessidade da divulgação da cultura germânica, tendo em vista que 80% dos missalenses pertencem a esta cultura. Com isso, atrair visitantes dos outros municípios para conhecer a origem do povo missalense, destacando sempre segmentos musicais, gastronômicos, culturais e hospitaleiros de Missal (PREFEITURA MUNICIPAL DE MISSAL).

A Figura 14, a seguir, mostra um dos carros alegóricos presentes nas festividades de 2011. Segundo os responsáveis pelo carro 02, que aparece na foto, o objetivo, ao enfeitar o mesmo, era mostrar, não só para a população local, mas também para os visitantes de outros municípios, como foi a vinda dos primeiros imigrantes ao Brasil. Os integrantes procuraram retratar, a partir da memória dos antepassados e por meio da

oralidade passada de geração e geração, as condições sob as quais aqui chegaram os imigrantes.

Os organizadores tiveram o cuidado de buscar alguns objetos e pertences antigos, guardados como relíquias dos avós, a exemplo dos "velhos baús e malas", algumas delas, bem conservadas por serem de madeira ou material similar, de boa durabilidade. Percebe-se que os utensílios domésticos também são antigos e tinham sempre proporções maiores, pois as famílias, segundo algumas avós descendentes de alemães, tiveram sempre um número elevado de filhos.

Outro material utilizado para ornamentar os carros foram os instrumentos de trabalho utilizados, em sua grande maioria, nas atividades agrícolas, como, pás, enxadas, carrinhos de mão, foices e serrotes.

FIGURA 14 - Desfile de Carro Alegórico em 2011
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

Considerar a *Deutsches Fest* de Missal, como manifestação cultural *autêntica* e *original*, é bastante polêmico e discutível.

Seyferth, a respeito das manifestações culturais como representação, valorização e revitalização étnica afirma que estas podem apresentar certa "artificialidade", certo apelo para o consumo turístico, porém "[...] tais festas tem caráter de símbolo étnico, marcam as

diferenças em relação aos outros brasileiros, reafirmam valores culturais próprios" (SEYFERTH, 1994, p. 25). A autora ainda afirma que:

> Os limites étnicos nunca são unívocos, têm flexibilidade, são manipuláveis conforme a situação; um traço cultural que, num determinado período, pode ser usado como sinal inequívoco de pertencimento étnico tem sua utilização restringida ou modificada quando deixa de ser do domínio geral – caso da língua alemã no contexto teuto-brasileiro. Nos últimos dez anos, proliferaram no Sul as "festas típicas alemãs" com finalidades turísticas, em grande parte aproveitando o sucesso da principal delas – a *Oktoberfest* de Blumenau, realizada todos os anos em outubro. Existe um artificialismo aparente nessas festividades, e a maioria delas de fato valoriza – como folclore – a própria colonização e alguns aspectos da cultura alemã que no passado ajudaram a construir a identidade teuto-brasileira (SEYFERTH, 1994, p. 25, destaques da autora).

A *Deutsches Fest* surgiu a partir da percepção de ruptura para com as tradições dos antepassados e esta ruptura faz ressurgir então, no presente, uma nova tradição, "modificada", "adaptada" ou até "inventada" (HOBSBAWN, 1984), porém não menos importante étnica e culturalmente, pois faz referência à tradição original, do passado.

A informante F4 diz que se não fossem as festas, a língua alemã teria *"caído ainda mais":*

> *O **Toitsch Fest*** [*Deutsches Fest*] *essas coisas alemon, ela vai segurá um poco mais. Senão fosse isso acho que ia caí bastante [...] eu acho que aquela festa, a **Toitsch Fest** essa vai sê uma coisa que vai segurá MUITO pra eles (...) senão senão fizé essas coisas sempre vai se esquecido mais* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Ao ser questionado quais os fatores que levam à manutenção da língua e da prática da cultura, o informante M5 – 67 anos, cita a própria cidade como sendo um dos fatores que ajudam a conservar a língua. Diz também que as festas são importantes para que seja mantida e preservada a língua e cultura alemã:

> *A nossa cidadezinha (...) de modo especial, ela tem assim um certo orgulho de ser de origem germânica (...) então isso eu acho que também ajuda a preservá, porque de nada vale construí edifícios com estilo germânico se ninguém mais fala a língua então, ham, isso, eu acho, [...] o próprio pessoal se compromete através disso porque é uma cidadezinha com nome germânico (...) Tem o **Doitsch Fest** que PROVOCA de, de todas as formas que as pessoas entendam ou mesmo assim o significado da festa e isso faz com que o pessoal então se direciona um poco a cultivá a língua* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

O mesmo informante comenta que uma tradição da cultura alemã e que identifica fortemente a etnia é o prato típico alemão servido na *Deutsches Fest*: o *Eisbein* (joelho de porco cozido com especiarias). Segundo o informante, a gastronomia de certa forma "provoca" as pessoas a procurarem saber mais a língua alemã para saberem o nome e o significado de certas palavras, assim, no entender deste informante, entendimento do qual muitos compartilham, a culinária serve também como um estímulo para aprender e se manter a língua e a cultura alemãs.

> ***Aispain**, [Eisbein] por exemplo, é uma palavra que se alguém não perguntá a alguém o que que isso significa né, porque é uma palavra totalmente alemã né, então, se um italiano qué sabê o que que é **Aispain** (...) então tem que alguém explicá, então isso faz com que algum desperta algum interesse. Então eu acho que todas essas festas elas fazem com que a língua alemã é preservada (...) talvez não no estilo que a gente gostaria que fosse mas ao menos ela se mantém* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

Também as informantes F1 – 37 anos e F5 – 34 anos, partilham da ideia de que a *Deutsches Fest* poder ser considerada um evento que ajuda na conservação da língua e cultura alemãs.

> *COM CERTEZA, ela é sim uma festa assim, de resgate um pouco da nossa cultura alemã. Só que assim [...] sempre existe a preocupação de não deixa caí o resgate (...) então assim que essa festa se transforme numa festa de bebedeira né. Então a gente tem que cuidá muito, [...] que ano que vem vai ter um diferencial é (...) ou de ingresso ou alguma coisa pro grupos ou blocos que vão vir trajados tipicamente]..] então a gente já viu interesse dos próprios grupos, dos blocos [...] de usar o traje típico alemão, então eu acho que já é mais um passo (*INFORMANTE F1 – 37 ANOS).

> *Ajudam, ajudam, e fazem as pessoas que (...) que tem essa origem (...) os vovôs, vovós ser mais valorizados né. Às vezes um jovem NUNCA ia procurá a vó, o vô pra pedí alguma coisa e alí eles vão pesquisá (...) que que faziam como é que, né (...) o desfile alegórico mesmo é uma né, uma busca das raízes, se você vai procurá, você vai entrevistá pessoas. Eu mesmo, quantas pessoas eu conversei, pedí, acho até que as pessoas que falam mais elas são mais valorizadas né, elas se sentem bem e a gente procura buscá a comida, as atividades e eles vão falando né, nós fazia tal atividade (...) mas eles falam na pronúncia alemã daí eles vão tentando traduzí e daí você vai aprendendo né*. P: Então é importante que seja

> preservada a cultura alemã? *É, eu acho que se não fosse essas festas acho que (...) porque, vai aprendê como né (*INFORMANTE F5 – 34 ANOS).

A informante F5 – 34 anos disse ainda que, não apenas a *Deutsches Fest*, mas também outros eventos de origem germânica ajudam para que se conserve a língua e a prática da cultura no município de Missal. Pode-se perceber então, que as festas são importantes eventos, tanto na preservação da língua quanto na busca das raízes culturais, pensamento do qual partilham informantes e, também, outros moradores de Missal que disseram que a *Deutsches Fest* não é apenas uma festa *onde se come, se bebe e se dança, que isso faz parte de qualquer festa, mas esta festa é também uma oportunidade de lembrar de sua origem, de suas raízes, de seus antepassados, e de manter vivas a língua e a cultura alemãs*.

4.2.3.3 O Café Colonial como fator de manutenção da cultura

Müller (1981) traz importantes contribuições a respeito da culinária alemã, principalmente a *Schmier*, (um tipo de geleia) que era, e ainda é, um dos ingredientes do Café Colonial e hoje consumida no dia a dia dos moradores de regiões de imigração alemã. Müller, um dos autores que se ocupa intensamente em descrever a vida rural de regiões de imigração alemã, assim descreve o ritual de *fazer Schmier* e *carnear porco*:

> Entre as várias atividades na vida da colônia, havia algumas que eram festa para as crianças. Entre elas estavam – ainda estarão? O "Schmierkoche", fazer schmier, e o "Schlachte", matar porco. Esses dias alteravam o ritmo das coisas. Até se levantava mais cedo sob o pretexto de que "haid muss viel geschaft werre", hoje há muito que fazer". Até a escola ficava para outro dia... com a desculpa indiscutível "mia hon geste geschlacht", nós carneamos ontem (MÜLLER, 1981, p. 33, destaques do autor).

É com razão que o autor questiona se estas atividades *ainda estarão* entre as que eram festa para as crianças. Hoje, de maneira geral, não estão mais. Há fábricas, geralmente semi-artesanais, que fabricam os diversos tipos de *Schmier* que são vendidos nas prateleiras dos mercados. No entanto, as diversas variedades de *Schmier*, assim com os demais produtos que fazem parte dos Cafés Coloniais da região e assim também no de Missal, são confeccionados de forma artesanal e orgânica por pequenos agricultores.

Em outro momento, o mesmo autor fala sobre alguns produtos que faziam, e ainda fazem parte do Café Colonial: "[...] quando se fala em comida, não se deve esquecer o pão e a schmier (chimia). E para passar por cima da schmier nada melhor do que a 'Keeschmia', requeijão ou Quark" (MÜLLER, 1984, p. 52, destaques do autor).

Os autores Rockenbach e Hübner Flores descrevem como era o Café Colonial de antigamente:

> O "café colonial" tornou-se famoso pela abundância de pães, bolos, cucas, pão-de-ló, rocambole, variedade de geléias, *schmiers*, queijos, nata, *kässchmier*, *doss*, biscoitos, vinho, café, leite e sucos. Esse "café alemão" ficou enriquecido no Brasil, à medida que se venciam etapas socioeconômicas (ROCKENBACH e HÜBNER FLORES, 2004, p. 58, destaques dos autores).

O tradicional Café Colonial de Missal data da época dos antepassados, quando os viajantes, por falta de hotéis e restaurantes, eram acolhidos pelos pequenos proprietários rurais, sendo servidos produtos coloniais: pães, cucas, bolos, tortas, roscas, *Waffles*, queijo, nata, manteiga, melado, torresmo, *Schmier*, (geleias), mel, *Keeschmier*, linguiça, morcilha, café, leite, vinho, etc.

FIGURA 15 - 19º Café Colonial em 2011
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

Em relação à origem do Café Colonial, destaca-se o que diz Lunkes (2011):

> A tradição dos cafés coloniais se tornou conhecida devido à procura de viajantes e de turistas, que ao chegarem tarde da noite em regiões pouco movimentadas, onde não havia hotéis ou mesmo restaurantes, eram acolhidos pelos colonos. Os moradores destas localidades prontificavam-se a atender os viajantes, com alojamento e refeições, colocando à mesa o que havia de melhor dentro dos costumes germânicos. O café colonial também tem sua origem na mesa de muitos agricultores que povoaram as mais diversas regiões agrícolas do mundo. O café matinal representava a mesa farta do colono, que antes de ir, muito cedo do dia, para seus afazeres em suas pequenas propriedades rurais, tomava um reforçado café da manhã. Como ficava o dia todo envolvido no pesado trabalho da roça, o 'café do colono' precisava ser reforçado. Era esse lanche matinal que iria proporcionar energia suficiente para o desempenho das árduas funções do dia (LUNKES, 2011, p. 2).

O Café Colonial, conforme já descrito por Lunkes, não ocorre apenas como um atrativo para o município. Encontra-se também, na mesa das famílias, geralmente em encontros ou em pequenas reuniões sociais.

De acordo com alguns informantes, é costume servir um café colonial, à base de produtos naturais, quando as famílias recebem visitas ou quando alguém "de fora" vem conhecer a cidade ou visitar os parentes. Este costume de receber as famílias ou visitas com café da colônia, ou com alguns produtos da colônia, é visto com normalidade entre os moradores de Missal.

Segundo a informante F5, o povo alemão tem algumas particularidades, que segundo ela, o diferencia dos demais:

> *[...] visitar as pessoas, tudo em volta disso, a roupa principalmente [...] forma de cumprimentar, valorização familiar, as amizades (...) antigas né, pro alemão aquelas amizades, aonde é que ele morô uma veiz, (...) onde é que aqueles vizinhos, aquilo fica pra eles sempre né* (INFORMANTE F5 – 34 ANOS).

Durante a pesquisa, teve-se a oportunidade de visitar várias famílias, e nestes encontros, confirmou-se que muitos se visitam entre si, principalmente os mais idosos, que em suas tardes livres, se reúnem para uma "boa conversa acompanhada do chimarrão, da cuca e de bolachas".

Além do observado empiricamente, o relato da informante confirma o costume da visitação entre as pessoas, principalmente de origem alemã, e nesta visitação é servido um

lanche composto basicamente dos produtos[17] que compõem o Café Colonial, razão pela qual este pode ser considerado como um dos fatores de manutenção da língua e da cultura alemã. Assim, a satisfação não está apenas em visitar um ao outro e sim também na satisfação e no prazer de oferecer e saborear os produtos do Café Colonial.

Comparando a variedade dos ingredientes que compunha o Café Colonial de antigamente com os de hoje, aqui especialmente o de Missal, pode-se reconhecer que a fartura, o sabor, a beleza e a atração da mesa de um Café de hoje (é suspeito em falar quem é aficionado por Café Colonial!), nada deixa a desejar aos Cafés de antigamente.

É com razão que Calvet (2002, p. 12) afirma que "[...] a história de uma língua é a história de seus falantes". Transportando a afirmação para o campo da gastronomia pode-se dizer que a culinária, os tipos de comida que um povo consome são, geralmente, consequência de sua própria história e que são, como aqui em Missal, um dos fatores importantes na manutenção de toda cultura, incluindo a língua alemã.

4.2.3.4 Outras manifestações culturais como fator de manutenção: bailes de casais e de *Kerb*, jogos de cartas, cantos, danças, bolão, bolãozinho e atividades da Terceira Idade

As sociedades são compostas por diferentes grupos sociais e por diferentes culturas e estas, às vezes, convivem em um mesmo espaço geográfico. Assim, nas manifestações culturais de cada grupo ou comunidade, como é o caso dos descendentes de imigrantes alemãs da comunidade de Missal, está subjacente um sentimento de pertencer a uma etnia uma vez que "[...] a etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de 'lugar' – que são partilhados por um povo" (HALL, 2006, p. 62).

Diversas manifestações (re)lembram a cultura germânica, conforme já citado. Entende-se que uma manifestação cultural vai desde o encontro de um pequeno grupo de senhoras que se reúne nas tardes para um jogo de baralho até festas tradicionais, como a *Deutsches Fest* e o Café Colonial. Assim, neste tópico, faz-se a abordagem do encontro das mulheres como uma forma de manifestação cultural.

---

[17] Pães, cucas, bolos, tortas, roscas, *Waffles*, queijo, nata, manteiga, melado, torresmo, *Schmier*, (geleias), mel, *Kheeschmier*, salame, morcilha, café, leite, etc.

Em encontros de baralho com algumas senhoras que costumeiramente se reuniam constatou-se uma interação expressiva, e as conversas, em sua grande maioria, eram em alemão, porém, com alternância para o português. A alternância no uso das línguas se dá em respeito às pessoas de outras etnias que moram em Missal. A informante F4 disse que houve uma época em que elas tiveram um "problema", pois havia uma integrante do grupo de baralho que não falava em alemão. O termo "problema", neste caso, foi relatado pela informante não no sentido depreciativo para com a senhora de outra etnia, ou de algo a ser resolvido, e sim que era um motivo pelo qual a grande maioria das mulheres tinha que falar em português:

> *A Z.P. ela non falava alemon* ***too mustma ima Presilióonisch spreche, iets is tii nime topai, iets is*** *alemon* [A Z.P. não falava em alemão, tínhamos que falar em português, agora ela não participa mais, agora é alemão] (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

O mesmo foi observado nos bailes e outros eventos do interior. Os "bailes de casais" apresentam uma peculiaridade que os distingue dos demais bailes da região: só entra no baile quem estiver acompanhado e o ingresso geralmente é vendido antecipadamente, o que faz com que o número de casais seja limitado, para que possam, conforme relataram os organizadores, *dançar, comer divertir-se à vontade*.

Há dois bailes no município que se distinguem dos demais por serem chamados: *Baile da Cuca e do Salame* e *Baile da Cuca e do Frango*, o último realizado, até o momento, somente na comunidade de Boa Esperança, e o baile da Cuca e do Salame nas comunidades de São Pedro, São José, Esquina Gaúcha, Dom Armando e também na cidade, na sede do Clube 19 de Março e na Associação de Veteranos de Missal (AVEMI).

Nos bailes, dos quais se teve a oportunidade de participar, constatou-se a presença de elementos étnicos que remetem à cultura alemã: as músicas tocadas em alemão e a cuca, que segundo falantes, lembram a cultura e culinária alemã. Em relação ao salame, tradicionalmente ligado à cultura italiana, considera-se necessário dizer que, neste contexto, o "salame" refere-se à linguiça, de origem alemã, que é servida à vontade, aos casais, juntamente com a cuca. Outra particularidade é que o salame é servido, tanto defumado, *in natura*, quanto cozido na água, ficando ao gosto e preferência do paladar de cada um.

Nestes bailes observou-se uma interação verbal maior entre os casais de origem alemã e se observou também que se fala mais em alemão nas comunidades do interior do

que nos bailes de casais que ocorrem na cidade. Muitos casais faziam uso da alternância do alemão para o português na presença de casais de outras etnias, adotando assim, a língua majoritária para a comunicação.

Quando questionado sobre o motivo pelo qual alternam o uso do alemão para o português, um morador disse que era por respeito: "*Tem que respeitá né, tem que respeitá, porque primera coisa tu tem de respeitá pra sê respeitado ou, ou eu tô erado? Eu acha que noon"* (A.B. 78 ANOS).

A respeito da alternância de código (*code switching)* von Borstel (2005) afirma que esta alternância é uma escolha consciente por parte dos falantes:

> O uso do fenômeno de alternância de código no contexto familiar mostra que a escolha da língua depende, principalmente, das relações existentes entre os interlocutores e dos conhecimentos comuns partilhados pelos usuários da interação comunicativa. É uma situação consciente de marcar a sua enunciação, à exigência interior de expressar idéias e pensamentos de maneira mais significativa e relevante (VON BORSTEL, 2005, s.p.).

A citação da autora referencia o contexto familiar, mas pode também ser aplicado a outros contextos, tais como o social, assim como é o caso dos bailes, em que os casais faziam, conscientemente, a alternância de código, devido a presença de casais que não falavam nem entendiam a língua alemã.

Pode-se, portanto, assegurar que as festas de comunidade, as comidas, e os bailes são alguns dos fatores que ajudam na manutenção das tradições e, portanto, da língua e da cultura alemãs.

Outro baile considerado como importante evento integrador da comunidade e mantenedor da língua e cultura alemãs é o baile de *Kerb. O Kerb*, abreviatura de "*Kircheweihfest*" (ROCHE, 1969) é uma festa típica das colônias alemãs que, a princípio, tinha caráter principalmente religioso. Reuniam-se católicos e protestantes a fim de comemorar o dia do padroeiro da comunidade e seu objetivo era primeiro, prestar culto à religiosidade e segundo, conversar e dançar com o intuito de esquecer um pouco o trabalho diário.

O *Kerb* lentamente foi perdendo o caráter essencialmente religioso e se tornou uma festa em que a população se reúne para comemorar e festejar o dia do padroeiro. Inicialmente, a festa começava no sábado, estendia-se no domingo e terminava na segunda feira na casa dos moradores. Hoje, porém, acontece somente aos domingos.

A festa, simplesmente traduzida por *quermesse* ou *festa do padroeiro,* era uma das principais festividades e o ponto alto de todo o ano de uma comunidade**.** Hoje, em alguns lugares, erradamente se usa o termo *KerbFest*.

Semanticamente o *Kerb* (ou os *Kerb*) já significa festa, por isso não há necessidade de repetir *festa, festa de padroeiro.* Junto com os *Kerb* se festejava o *Kerwepóol* (baile de *Kerb).* O baile "[...] iniciava com a *polonaise* (dança de origem polonesa, com passos ternários e andamento em marcha). Depois, muito rodopio ao som de valsas. A copa anexa ao salão era frequentada por casais e jovens namorados" (ROCKENBACH e HÜBNER FLORES, 2004, p. 57).

Roche, a respeito do *Kerb*, alegam que a festa:

> [...] geralmente começa com um culto solene ou missa cantada, de manhã, e associa-se, de tarde, a uma quermesse, com estandes, jogos para crianças e tômbola, etc. Quando o caráter religioso diminuiu ou a festa se tornou comum aos dois credos, também se consagra a tarde à dança. Tomam-se as refeições em família, ao redor de imensas mesas copiosamente guarnecidas, porque grande número de parentes que vivem em distritos vizinhos ou nas cidades, vêm êsse dia. À noite, sempre há baile. Constitui o essencial do Kerb [...] danças e refeições alternam durante toda a noite do domingo e da segunda]...] é seguida não apenas pelos teuto-brasileiros do campo e da cidade, senão também cada vez mais pelos luso-brasileiros (ROCHE, 1969, p. 642).

Rockenbach e Hübner Flores falam que o *Kerb* era uma:

> [...] homenagem ao padroeiro da igreja, rendia três dias de festa. Solene missa ou culto pela manhã; ao meio dia, comilança nas residências repletas de parentes; e à noite, o baile para toda a família. No Kerb ostentava-se vestido novo, matavam-se saudades de parentes e de velhas amizades vindas de longe. Para as crianças que adormeciam havia uma peça anexa ao salão, com enormes camas (ROCKENBACH e HÜBNER FLORES, 2004, p. 56).

Alguns moradores mais antigos das comunidades do interior contam que os moradores se reuniam para o trabalho em coletivo no intuito de arrumar e enfeitar o clube ou salão da comunidade para o *Kerb*. As mulheres ocupavam-se da ornamentação com folhagens, flores de papel crepom e enfeitavam as mesas. Cabia a elas também toda a parte da cozinha: comidas, bolos, saladas e salgados que eram servidos durante a festa. Já aos homens cabia à parte da organização das carnes para o churrasco, a contratação do conjunto ou banda de música, a arrumação das mesas, de bancos e cadeiras, tanto para o

almoço quanto para o baile. Os espetos para o churrasco eram feitos de lascas de madeira específica, pois não havia os espetos tradicionais que há hoje no mercado.

No que concerne à ornamentação do *Kerb*, também Roche diz que "[...] a sala das festas é ornamentada com ramagens, palmas, festões de flores de papel crepom; o parquete[18], encerado com vela; mesas compridas fazem a volta na sala, permitindo que muitos grupos se sentem uns ao lado dos outros" (ROCHE, 1969, p. 642).

Outra contribuição vem de Moraes (1981, p. 125-138) e Müller (1981, p. 87-97). Estes autores descrevem em detalhes como eram a festa e os bailes de *Kerb* dos primeiros tempos da imigração alemã e das primeiras colônias, cuja semelhança na descrição coincide com a de Roche (1969).

Também em Missal, nos primeiros anos da colonização, o *Kerb* era festejado como antigamente, no entanto, aos poucos, como tantas outras atividades culturais, também estas sofreram uma transformação bastante acentuada.

Nas comunidades onde ainda acontece o *Kerb* enfeita-se o clube, porém, estes não têm mais o esplendor de antigamente, descrito por Roche (1969), Moraes (1981) e Müller (1981). Limitam-se, hoje, a enfeitar o clube com um pequeno arranjo nas mesas e em vez de encerar o piso do salão com velas, tem-se o costume de jogar um pouco de farinha de milho, o que facilita a dança, pois a farinha, segundo alguns moradores das comunidades "faz com que se deslize mais facilmente na hora de dançar". Isto, de fato, foi comprovado quando se teve a oportunidade de participar de um baile. A farinha de milho esparramada na pista faz com que se deslize melhor, e para as pessoas não acostumadas, resta apenas segurar firme em seu parceiro, sob o risco de escorregar, provocando risos.

Atualmente, a Paróquia Católica da sede do município realiza a festa da padroeira, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, no dia 8 de dezembro em forma de *festa de Igreja*. O baile de *Kerb* é realizado nas localidades de Dom Armando, Linha Santa Cecília, Linha Caçador, Linha Três Irmãos e no Bairro Renascer, onde se tenta imitar um pouco os bailes de antigamente: o baile começa cedo, é dançada a polonesa com *Krensche* (círculo), é servido cuca com linguiça, as músicas são tipicamente de *Kerb*: marchinhas, valsas, vanerão, etc.

[18] Pequenas peças de madeira, aproximadamente de 10 cm, usadas para assoalhos e tradicionalmente chamadas *Parquet*.

O informante M5 diz que, embora na cidade de Missal os bailes de *Kerb* tenham "*caído muito*" em outras localidades do interior esta tradição ainda existe. A origem e a significação do baile de *Kerb* são relatadas por ele:

> *Olha, aqui, particularmente, na nossa cidade, caiu muito esse costumes dos Kerb, que é (...) no interior ele ainda é bem forte. Dom Armando, por exemplo, Santa Cecília, Linha Caçador (...) eles ainda cultivam a tradição dos Kerb Fest (...) o quermesse é considerado um intercâmbio, é uma troca de visitas que é o verdadeiro sentido do Kerb Fest é o (...) o padroeiro é a festa desta comunidade, então as outras comunidades convidadas visitam ESSA comunidade e se confraternizam que isso aqui, numa cidadezinha maior, isso cai automático porque (...) alí então tem muita gente que vem de otras regiões aonde não era tradição, não era costume ter esses Kerb Fest (...) então nós aqui, ainda se faz a festa da padroeira, que no caso seria o Kerb Fest. Só que daí convida-se a paróquia intera e os municípios vizinhos, mas não nesse sentido de intercâmbio, de troca de visitas e sim para uma festa pública. Ao tempo que nem, essas comunidades fazem a festa NA comunidade e MUITOS E MUITOS deles fazem o segundo e o terceiro dia na casa, na casa daí, (...) geralmente, por exemplo, se domingo é o dia da padroeira daí domingo vai na festa da comunidade e na segunda e terça feira fazem um almoço ou janta e os convidados de uma outra comunidade que tem esse intercâmbio se visitam* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

Foi perguntado o motivo pelo qual as festas se transformaram em baile e diz o seguinte: "*O baile é continuação da festa (...) no dia, a festa é durante o dia e o baile é a noite, é uma sequência, faz parte da festa. É o Kerb Fest com baile (...) é do povo alemão (...) de outra origem eu não vi"* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS), de modo que o relato do informante confirma o que o já citado pelos autores a respeito do *Kerb*.

Outra forma de representação e manutenção étnica são os cantos e as danças. Os cantos/músicas e as danças são manifestações artístico-culturais. Concorda-se com Geertz que "[...] compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade" (GEERTZ, 2008, p.10) o que leva à compreensão de que não é estritamente necessário verbalizar o uso da língua alemã – identidade individual – para sentir-se parte integrante de uma comunidade linguística – identidade coletiva.

Percebeu-se, na comunidade, uma aceitação por parte da população quando da apresentação de cantos-músicas e danças em diversos eventos como no caso da *Deutsches Fest* e Café Colonial, o que coincide com a ideia de Geertz (2008) sobre a compreensão das particularidades de cada cultura.

O canto sempre esteve presente nas comunidades alemãs. Os imigrantes e seus descendentes tinham como diversões favoritas os clubes de tiro (*Schützenverein*) e as sociedades de canto (*Gesangverein*). Segundo Braun, "[...] praticamente todos os vilarejos fundados por alemães no sul do Brasil possuíam essas duas atrações" (BRAUN, 2010, p. 62). O gosto musical foi passado de geração em geração, pois, pelos cantos e pelas melodias podia-se lembrar da terra natal, da *Heimat* e dos antepassados. O canto, como atividade recreativa e cultural dos alemães, também foi citado por Roche e pode ser considerado como um dos fatores de manutenção dos costumes germânicos:

> As sociedades de canto, que estão entre as mais antigas das recreativas, dedicaram-se não só ao canto sacro, senão também ao "*lied*" alemão. Foi o meio mais espontâneo de evocar a lembrança nostálgica da Pátria abandonada, quando se realizavam grandes concentrações de colonos (ROCHE, 1969, p. 648).

Entender o significado dos cantos, das danças e outras formas de manifestações culturais não é apenas levar em conta sua forma artística, mas sim sua essência, sua representatividade, pois está subjacente o respeito ao grupo social e para com a cultura alemã, conforme mostra a Figura 16.

FIGURA 16 - Apresentação Cultural na 19ª *Deutsches Fest*
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

O informante M5, em sua entrevista, disse que se fala muito ainda em alemão, principalmente no clube dos idosos e citou os cantos como um dos fatores que levam à manutenção da língua alemã:

> *Então hoje se fala, se canta [...] nós temo um maestro aqui que é italiano e nós cantamos* ***Herdtschah tengich an tich****, [*Eu penso em você] *e ele aprendeu no primeiro toque já, ele lê, escutô o compasso e já toca (...) alí é uma manera de praticá de novo, nem que seja com pessoas de mais idade,* ***tan vét en pische Taitsch Ksong*** [aí a gente canta um pouco em alemão] (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

Foi perguntado se a música, se os cantos fazem com que se preserve a língua alemã. O informante disse:

> *Sim, faz com que volta, volta o amor a.. a... a... língua né , porque cantando você fala duas vezes né, através da melodia e através das palavras e esses cantos geralmente eles são, eles falam além do que elas dizem né, então isso é interessante, (...) então eu acho que é uma das formas de mantê a língua viva né* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

O informante M1 – 60 anos, diz que os cantos lhe trazem boas lembranças e que estes marcaram sua vida desde a infância. Cita o nome de um canto que faz referência à Missal e diz que gosta desta música por ser Missal o seu lar, a sua pátria, sua *Heimat*[19].

> *A música que eu mais gosto assim, dentro do contexto (...) da alemã não é um (...) típico mas é (...) Missal,* ***Khenst du das scheene Land*** [Missal, você conhece esta terra bonita] *É de Missal, que é um canto que é do NOSSO município, né, ela me (...) ela me cativa muito [...] só que eu como missalense adoro essa música porque ela faz parte,* ***das ist main Haimatland*** [Esta é minha terra natal] (INFORMANTE M1 - 60 anos).

[19] O conceito *Heimat* inclui os dois princípios que marcam a identidade teuto-brasileira: a origem étnica alemã, vinculada ao direito de sangue, e a nacionalidade/cidadania brasileira, com seu princípio territorial" (SEYFERTH, 1994, p. 19). Mey (in Signorini, 1998, p. 70), define *Heimat* como "aquele intraduzível conceito germânico que engloba desde os quitutes maternos até as sepulturas dos ancentrais e a árvore sob a qual beijamos o nosso primeiro amor".

FIGURA 17 - Padre José Backes, cantando, com alguns moradores de Missal, na década de 1960.
FONTE: Museu Municipal de Missal (2011)

Em Missal, o canto esteve presente desde o início de sua colonização, conforme Figura 17, e se estende até hoje, principalmente no Coral da Terceira Idade. Assim como na citação de Müller, os alemães de Missal ainda hoje se reúnem para cantar e conversar. Segundo alguns dos pioneiros, aquelas tardes eram boas, pois "*se esquecia um pouco do duro trabalho da semana*.

Damke, em recente pesquisa realizada em Missal sobre músicas populares alemãs colheu um número expressivo de depoimentos em que os informantes expressam a importância do canto como fator de manutenção da língua e da cultura alemãs.

Os cantos também são citados por Müller. O autor afirma que:

> É sabido que os alemães são muito dados ao canto, como, de resto à música em geral. Por isso não é de se estranhar, que na colônia alemã, no passado, muito se cantasse. Aos domingos à tarde, quando grupos de amigos se encontravam, sentados à sombra de uma bela árvore, em frente de casa, sempre havia quem começasse um canto. Depois outro e mais, e mais outro (MÜLLER, 1984, p. 43).

Para a informante F4 – 59 anos, os cantos representam certo "saudosismo". Citou o canto *Titanic*, pois para ela, lembra sua avó e as histórias contadas por ela das dificuldades de quando saíram do Rio Grande do Sul para o Paraná.

No momento da entrevista com a informante F3 – 79 anos, esteve presente na casa dela um sobrinho e este lembrou que havia um padre que soltava foguetes quando viam a família chegando com a mudança e começavam a cantar. Neste momento, a informante F3 disse que as pessoas se reuniam e cantavam ***In de Haimat, in de Haimat da kipts ain Wiiderseehn*** [Na *Haimat:* terra natal, na *Haimat*, a gente se encontra de novo]. No momento em que citou este canto, seu sobrinho, a informante F4 e seu esposo e uma filha do casal que também esteve presente, começaram a cantar ***In de Haimat.*** Disseram ainda que, quando esta música era cantada as pessoas começavam a chorar.

Foi perguntado o motivo da emoção e a informante F3 disse que era de alegria pela chegada de novas famílias. Lembrou com muito carinho dos tempos passados e da alegria que sentiam quando mais famílias, geralmente alemãs, chegavam para morar nas proximidades. A emoção e a alegria podem ser interpretadas como o fortalecimento, a união e o sentimento de pertencimento ao grupo étnico.

Ainda em relação aos cantos, cita-se que há em Missal um programa de rádio dedicado aos ouvintes, principalmente de origem alemã. O programa, da Rádio Comunitária Nativa FM, vai ao ar nas manhãs de sábado e seu público ouvinte é, em sua grande maioria, as pessoas de mais idade.

A responsável pelo programa interage com a comunidade na língua materna alemã e as músicas são muito apreciadas pelos mais idosos, que inclusive, ajudam a cantar. Este programa, segundo alguns moradores, é muito importante, pois é uma forma de valorizar, as pessoas, pelo canto, especialmente os mais idosos que gostam de ouvir músicas em alemão.

Thompson, citado por Armiliato (2010) fala sobre a importância dos meios de comunicação no que se refere à continuidade cultural:

> A mídia fornece os meios de sustentar a continuidade cultural, apesar do deslocamento espacial, e de renovar a tradição em novos e diversos contextos através da apropriação de formas simbólicas mediadas. Por isso os meios de comunicação desempenham um papel importante na manutenção e no renovamento da tradição entre os imigrantes e grupos deslocados (THOMPSON, 1998, p. 178, citado por ARMILIATO, 2010, p. 66).

A partir do citado por Thompson, referindo-se aos meios de comunicação em geral, nos quais se incluem-se as emissoras de rádio, conclui-se que este desempenha um importante papel: serve como valorização dos mais idosos e ajuda, tanto na valorização quanto na manutenção da língua e da cultura alemãs.

Além do citado, referente à Rádio Nativa FM de Missal, muitos moradores ouvem também programas de Rádio de Marechal Cândido Rondon – PR, e outros municípios da região cuja população é descendente de imigrantes alemães. Nesses programas, assim como no de Missal, o locutor interage com os ouvintes e as músicas são apresentadas em alemão.

Percebe-se, portanto, que os cantos são outro fator que ajuda na manutenção da língua e da cultura alemãs, pois são considerados como elementos transmissores da cultura uma vez que a letra e a melodia expressam um sentimento de pertencimento e valorização das raízes alemãs.

Outras práticas bastante características da cultura alemã são o jogo de bolãozinho entre as mulheres, praticado regularmente nas Sociedades de Damas da cidade e das localidades do interior e o jogo de bolão entre os homens. Mesmo que a prática não seja mais tão intensa quanto antigamente, como descreve MÜLLER (1981, p. 102-106), tanto na cidade de Missal quanto nos clubes do interior, o bolão é praticado com bastante regularidade e intensidade entre os homens, havendo seguidamente os torneios e campeonatos de bolão. O mesmo pode-se dizer dos jogos de bolãozinho, prática constante na cidade e nas comunidades do interior.

O bolãozinho é um jogo que consiste em empurrar uma bola pequena com um taco de madeira com o intuito de derrubar os pinos (pequenos paus de madeira) que estão sobre uma mesa. Contam-se quantos pinos são derrubados e no final do jogo, ou da rodada, a jogadora que mais pinos derrubou é a vencedora. O bolãozinho se assemelha ao boliche, porém é jogado sobre uma mesa de madeira.

À época da pesquisa, foi possível participar de um torneio de bolãozinho na comunidade de Boa Esperança, do qual dezesseis equipes das comunidades do interior, com seus respectivos uniformes, participaram.

Esta prática ainda é bastante difundida em Missal e a realização do torneio é anual. Aos domingos, geralmente as mulheres se reúnem em suas comunidades para o jogo de bolãozinho e quem faz mais pontos recebe os brindes de maior valor.

FIGURA 18 - Torneio de Bolãozinho no dia 24/09/2011, na Comunidade Boa Esperança, município de Missal
FONTE: Arquivo da pesquisadora (2011)

O torneio começou no sábado, dia 24 de setembro de 2011, às 09h30min e terminou por volta das 16h00min, sendo servido almoço para as todas as pessoas presentes. No total, participaram 256 mulheres, além de outras que vieram apenas prestigiar, assim, estima-se que estiverem reunidas aproximadamente 300 mulheres. Uma jogadora relatou as regras do torneio:

> *São dezesseis componentes cada equipe e cada equipe vai jogá em três mesas e quem fizer (...) a equipe que fizer maior pontos é campeão do torneio e à tarde é o encerramento com a escolha da Rainha (...) a mulher que mais faz pontos (...) a Rainha, a 1ª Princesa e a 2ª Princesa. E esse evento é anual, cada ano a gente faz, (...) é, (...) a Prefeitura, a Administração Municipal que (...) faz assim o churrasco, fica o dia intero,o almoço, então ele paga né, uma parceria com a Administração Municipal e quem tá promovendo esse evento é o Departamento da Cultura, do Esporte junto com a Secretaria de Educação, Cultura e Esporte* (MORADORA DE BOA ESPERANÇA E JOGADORA DE BOLÃOZINHO).

Cada equipe traz a bandeira da Sociedade de Damas a qual pertence e objetivo do torneio é a confraternização e a integração entre as mulheres. A bandeira é trazida pela presidente de cada sociedade que é colocada em local específico, uma ao lado da outra.

O bolão, esporte bastante difundido entre os alemães, faz parte da cultura de Missal desde o início da colonização, conforme Figura 19, e se estende até os dias de hoje.

FIGURA 19 - Jogo de bolão, na década de 1960, em Missal
FONTE: Museu Municipal de Missal (2011)

Há inclusive, uma música do conjunto *3 Xirus* que faz referência ao esporte. A letra da música apresenta interferências linguísticas características da fala em português com interferências do alemão. Destaca-se também que a música não tem sentido pejorativo, mas tenta "imitar" a fala do alemão, e apresentar a maneira que determinado povo tem de falar, e esta maneira é uma particularidade, uma idiossincrasia que deve ser respeitada.

CAMPEÃO DE BOLÃO

Na minha *tera* tem um *crupo te polon*
Que representa a *comunitade*
Ali a *chende tudu chundo* reunido
Vive momentos de *crande* felicidade.

Quando saímos pra *chogá* em torneios
A nossa turma vibra com *crandi emoçon*
Porque o *Chacó* que pertence ao nosso *crupo*
É conhecido como *campion* do *polon*.

[...]

O *Chacó canhô* muitas *metalhas*
É respeitado por todo a *region*
Cada *pola qui* ele larga na plancha
Pode conta nove pau cai no *chon*.

[...]

Quando é a *pola to Chacó* que vem rolando
Nunca *ta panda* voa pau pra todo lado
E o *curri* que *trapalha te* armador
Lá pelas tantas fica até *tesacusuado*

[...]

Viva o *campion to polon* viva viva
E viva a nossa *comunitade*
E viva o *Chacó*
E viva todos os *crupos* de *polon* do *Prasil*

(*OS 3 XIRUS;* In: WILD, 1992).

Wild (1992)[20] realizou um estudo sobre as interferências linguísticas nas músicas do grupo Os 3 Xirus. A autora analisa as estrofes e as associa às regras e a maneira de se jogar. Aqui, destaca-se a palavra "*panda*", que em português quer dizer "banda" e no jogo refere-se "quando o jogador desvia a bola de cima da plancha, mesmo indo até o final, não derruba nenhum pino, não é somado ponto e a essa jogada dá-se o nome de 'banda' (WILD, 1992, s.p.)" em alemão "panda".

Em relação ao jogo de bolão, um morador e assíduo jogador do esporte comentou como é esta modalidade esportiva e citou que o bolão é um importante fator de integração entre as pessoas:

> *O bolão é um esporte que é difundido mais no sul, nos três estados do sul, que consiste numa pista, duas pistas ou até quatro pistas estreitas, em torno de 30 cm e tem nove pinos na ponta aí você pega uma bola pesada, varia o peso, mas os homens normalmente usam uma bola de dez a onze quilos, aí arremessa a bola para derrubar os pinos (...) quando derruba todos eles, são os nove que caem num arremesso que é o melhor arremesso (...) daí é um esporte que se joga entre dois, um contra o outro, entre quatro, dois contra dois [...] e em grupo aí saem muitos amistosos, por exemplo, a terceira idade (...) vem o grupo da terceira idade de Santa Helena jogá contra o grupo da terceira idade de Missal [...] e nesses eventos a primeira bola se não der os nove ela é tida como experiência e não conta aí pode jogá de novo (...) a próxima então já vale, nem que não dê nove. E aí tem as competições também (...) os Jogos Abertos do Paraná, Campeonato Costa Oeste, Campeonato Municipal é*

[20] Ver trabalho monográfico de Bona Wild (1992): As *interferências lingüísticas na música do grupo os 3 Xirus.*

> *um esporte assim que não tem idade pra jogá nem sexo porque MUITAS MUITAS mulheres jogam bolão e jogam muito bem... Todo sábado à tarde, todo domingo à tarde os amigos se reúnem e jogam assim (...) por uma cerveja* (L.K. – 70 ANOS, MORADOR E JOGADOR DE BOLÃO DE MISSAL, em 22/09/2011).

FIGURA 20 - Amistoso de Bolão no dia 25/09/2011, Clube 19 de Março, em Missal
FONTE: Arquivo da pesquisadora (2011)

Foi perguntado ao morador se apenas alemães jogam o bolão e se o jogo pode ser considerado como um fator de integração e pertencimento entre as pessoas, e o morador relata o seguinte:

> *COM CERTEZA, porque (...) nós temos muita integração com outros grupos por exemplo da região aqui, do oeste do Paraná com grupos de outros estados, Santa Catarina, Rio Grande do Sul [...] então é uma integração interestadual e claro que os bolonista cultivam uma amizade muito grande quem se conheceu no bolão fica amigo (...) é difícil assim dar um atrito, uma intriga. O bolão já vem de gerações [...] se fala* ***ales tórich nana*** [tudo misturado] *se fala em alemão, se fala em português,* ***ales tórich nana*** *(...) aí vem a hora das piadas tem piada em alemão tem piada em português* (L.K. – 70 ANOS, MORADOR E JOGADOR DE BOLÃO DE MISSAL, em 22/09/2011).

No dia 25 de Setembro de 2011, na sede social do Clube 19 de Março, houve um amistoso[21] de bolão entre um grupo de idosos de Missal, denominado Grupo da Melhor Idade e um grupo de idosos da cidade de Santa Helena – PR. Neste encontro amistoso contatou-se a importância que as pessoas dão à amizade, ao respeito, à manutenção das tradições e ao convívio harmonioso e pacífico, não somente no seu grupo étnico, mas também para com outras etnias, como por exemplo, "os gringos" (italianos), que segundo A.B., um dos jogadores de 79 anos, residente há 46 anos em Missal e falante de alemão, fez questão de relatar. A referência que o senhor faz aos "gringos" não é no sentido pejorativo e sim que é o termo que usam quando se referem às pessoas de origem italiana.

O informante falou da importância do bolão como elemento integrador de culturas. Destacou que, acima de tudo o bolão é uma atividade onde se pode encontrar e fazer novas amizades e disse que o bolão é uma atividade salutar, não somente à saúde física como também para a saúde mental.

> *Se a xente não progura amigos como tu qué ter amigos porque (...)* ***Easchtmo vas tuu machemust*** *[*O que você primeiramente precisa fazer] *é cuitá da físiga, da saúde* (A.B. – 78 ANOS, MORADOR DE MISSAL E JOGADOR DE BOLÃO, em 25/09/2011).

Outro integrante da equipe de bolão, que também faz parte Grupo da Melhor Idade de Missal, disse que do dia da semana do qual eles mais gostam é a quarta feira. Nesse dia os idosos se reúnem no Centro de Convivência do Idoso Alfredo Augusto Butzke[22] para uma tarde de descontração com atividades diversas.

Pelos depoimentos coletados é o dia mais esperado da semana, pois os idosos se encontram para dançar, jogar baralho, conversar e para se divertir à vontade. Segundo relato de alguns moradores "as mulheres se arrumam, usando uma roupa de festa, ficam bonitonas e usam até maquiagem, até casamento entre viúvos já saiu desses encontros". Um integrante do grupo disse que: *"Lá primero tem a (...) uma reza né e depois tem as dança, tem dança a tarde intera né (...) o resto da tarde (...) tem um lanche né, tem gente que joga baralho e assim vai."*

---

[21] O jogo se denomina *amistoso* (que existe também em outros esportes) porque é um jogo sem características de uma disputa ou torneio oficial.

[22] Este nome foi dado ao Centro de Convivência há poucos meses (Lei 1.011 de 23 de agosto de 2011) em homenagem ao senhor Alfredo Augusto Butzke, falecido em 21 de maio de 2011. O referido senhor foi um dos principais incentivadores do canto em alemão, como também de toda a cultura alemã nos últimos anos em Missal.

Acrescentou que a Prefeitura Municipal incentiva, não somente os jogos de bolão, mas também outras atividades recreativas e culturais. Percebe-se, portanto, que há, no município, políticas públicas voltadas para a valorização do ser humano nas mais diversas atividades culturais, conforme já relatado pelo informante M5, pela moradora e jogadora de bolãozinho da comunidade de Boa Esperança e pelo jogador de bolão.

4.2.4 A família

Outro fator observado e bastante importante referente à manutenção da língua materna alemã é a família. Conforme já citado, um dos quesitos para a aquisição de terras em Missal era a de que as famílias fossem de origem alemã e católica. Segundo relatos dos moradores mais antigos, o Pe. José Backes fazia questão de visitar as famílias com bastante regularidade, o que fazia com que a religiosidade se perpetuasse entre as gerações.

FIGURA 21 - Padre José Backes, com uma família, na década de 1960
FONTE: Museu Municipal de Missal (2011)

A partir da observação e participação da pesquisadora em festas nas comunidades rurais, percebeu-se que, nas famílias de origem alemã, procura-se falar a língua materna

por ser considerada uma língua de herança. Isso confirma o que diz Romaine (1995) de que a família desempenha papel importante na transmissão, manutenção e substituição linguística, o que também pode ser observado pelo relato dos informantes:

> *A minha mãe e a minha vó falam bastante [...] quando eles se reúnem em festas e coisas assim. Eu já nem tanto porque, digamos, fica um pouco mais (...) difícil porque eu não tenho esse alemão que eles falam né (INFORMANTE* M4 – 27 ANOS).

> *Minha família, vó, vô, não falavam português, os quatro, nenhum [...] a vó, que ainda tá viva [...] ela não consegue falá com alguns netos, porque esses já não falam mais o alemão, alguns (...) geralmente esses mais novos (...) Eu sei falá, tenho vinte e cinco anos, meu irmão de vinte, sabe falá, meu irmão de quatro NÃO. E meus pais falam em português e alemão, mas assim, foi (...) quando eu comecei a í na aula, daí meu pai começô a trabalhá na fecularia e a minha mãe passô a ter amigas que não falassem em alemão aí lá em casa o povo começô a aprendê português, senão não saberia também (...) a mãe pegava o dicionário, escutava uma palavra diferente no rádio, ela olhava, porque ela não sabia. Eu tinha dois colegas, na sala, que não falavam em português, a sorte que a* [a informante cita o nome de uma professora] *ela era minha professora e a minha coleguinha não sabia o que era mesa em português, isso eu nunca mais esqueci, isso eu já sabia meu pai já tinha ensinado um pouco em casa o português* (INFORMANTE F2- 25 ANOS).

Constatou-se também, que, com o passar dos anos, aumentam os encontros de famílias, a maioria, de origem alemã. Estes encontros, considerados como tradições familiares, tem o intuito de manter a união, não somente da família em si, mas também da língua e da cultura, uma vez que procuram manter os costumes e as tradições de seus antepassados, porém, como afirma Leão (2007), não basta apenas que as famílias se reúnam, para que haja manutenção da língua materna, é preciso falar e incentivar os filhos a falarem a língua materna:

> Como assinalam estudos como o de Romaine (1995), a família desempenha um papel fundamental nesse processo, no sentido de que não bastam ações sociais coletivas, como ensino da língua, encontro de falantes, dia comemorativo da língua, grupos de teatro na língua, etc., se essas ações não repercutirem de forma positiva e conseqüente no ambiente familiar (LEÃO, 2007, p. 114).

Também Vandresen (2008) faz considerações sobre a manutenção da língua alemã. Em um estudo feito em duas comunidades da região de Pelotas – RS, o autor investigou as atitudes e o uso do dialeto pomerano e da língua portuguesa com enfoque especial nas redes de comunicação. O estudo refere-se ao dialeto pomerano, mas se adapta ao contexto

do dialeto *Hunsrückisch* falado em Missal: "[...] a manutenção do dialeto pomerano nas duas comunidades está ligada, particularmente, ao seu uso com os pais no ambiente familiar" (VANDRESEN, 2008, p. 42).

Os estudos de Mezavila (2007) e Jacumasso (2009), cujo objeto está voltado para a língua e cultura ucranianas, também podem ser trazidos para o contexto de Missal. Pela temática semelhante em relação à manutenção e regressão da língua dos respectivos imigrantes, percebe-se que, tanto na língua ucraniana na comunidade de Cascavel – PR e Itapará – PR, estudadas pelos pesquisadores, quanto para os estudos em Missal, a família tem papel preponderante na manutenção da língua materna e na transmissão dos valores culturais. A este respeito, Jacumasso comenta que: "[...] podemos dizer, *grosso modo*, que o domínio familiar é, aliado à igreja, os grandes responsáveis pela preservação da língua ucraniana em Itapará" (JACUMASSO, 2009, p. 104).

A exemplo das comunidades ucranianas percebeu-se que também, em Missal, são os descendentes de mais idade que falam e procuram preservar a língua e a cultura alemãs com maior intensidade. Sua preocupação no que tange às gerações mais novas é inconteste, porém, sabem que esta geração está lentamente abandonando e esquecendo a língua materna.

Em relação à família e sua importância na manutenção das tradições e costumes, Seyferth, diz que "[...] a família completa a fronteira étnica como principal socializadora dos membros da comunidade étnica" (SEYFERTH, 1994, p. 17). A família assume boa parte da responsabilidade em relação à manutenção e transmissão da língua e cultura de origem.

Percebe-se, a partir dos relatos, a importância que a família tem na preservação dos costumes, tanto na culinária, quanto no caso do pão de milho feito pela mãe do informante M5, das senhoras que incentivaram seus filhos a comerem a crosta mais escura do pão e da preocupação com o desperdício e no aproveitamento dos alimentos, quanto na manutenção ou tentativa de manutenção da língua alemã.

Quando da participação em festas nas comunidades do interior, verificou-se que procede o relato do informante M1 – 60 anos, a respeito das famílias no interior, ou seja, ***tii vuu in de Kholonie voone tii tuun al Taitsch spreche*** [Aqueles que moram no interior, eles falam todos em alemão]. A grande maioria das famílias, nestas localidades, é de descendência alemã e o uso da língua está mais presente entre os falantes do interior dos

que os da cidade, o que confirma as palavras de Seyferth (1994) referindo-se à família enquanto fronteira étnica.

4.2.5 Políticas públicas em Missal

Em relação às políticas linguísticas, Savedra diz que "[...] a Constituição atual em seus artigos 215 e 216 admite que o Brasil é um país pluricultural e multilíngue, b) no Brasil coexiste um grande número de línguas de imigrantes" (SAVEDRA, 2003, p. 40). Levando-se em consideração o que diz a autora, bem como o afirmado por Damke (2008) há a "necessidade de uma definição de uma política lingüística para o Brasil que inclua as situações de bilinguismo decorrentes de movimentos migratórios e situações de fronteira" (DAMKE, 2008, p.4).

Ainda que seja notória a diversidade linguística e cultural, há a necessidade de políticas linguísticas que levem em consideração as línguas minoritárias e as línguas de imigrantes, línguas eclipsadas pela língua hegemônica - o português.

Concorda-se com o que diz Damke (2008) sobre a coexistência pacífica de línguas e cultura diferentes, porém, nem sempre isso foi assim. No contato entre povos e culturas, inevitavelmente, há uma interferência, tanto linguística quanto cultural, e esta interferência pode ser livre ou forçada.

Os estudos de T. Pereira (2006) também fazem referência às políticas linguísticas e acesso ao aprendizado das línguas estrangeiras nas escolas do Rio de Janeiro. A autora comenta que:

> O processo de globalização traz à tona a questão do ensino das línguas estrangeiras não só porque entra em jogo a interação internacional mas também porque põe em evidência as condições para que os indivíduos estejam aptos a participarem dessa interação, o conhecimento de línguas é sem dúvida uma delas (T. PEREIRA, 2006, p. 27).

Segundo a autora, o conhecimento de mais de uma língua dá possibilidades de inserir o ser humano na sociedade de forma mais igualitária o que ajudaria a eliminar as diferenças sociais a que estão sujeitas as pessoas em condições linguísticas diferentes.

A informante F4 partilha da ideia de T. Pereira (2006) sobre a importância do conhecimento de mais uma língua e demonstra preocupação em relação ao futuro das crianças em não mais saberem a língua materna:

> *Talvez até eles* (a informante refere-se aos órgãos governamentais competentes) *podiam começá a mexê, pensá pra por (...) começá isso na escola com as crianças porque (...) os adultos que falam alemom eles sempre chegam mais pro final e quem vai começá a erguê essa língua de novo senão começá com as criança. Tem que sê lá embaixo que começá de novo porque* ***Ven mia mo nimi too sen (...) IAA, tan sprecht nimant me Taitsch tas mistoch farichtich in te Schuul nomo óongefang keve, mit di Klêene*** [Se a gente não estiver mais aqui, E AÍ, então ninguém mais vai falar em alemão, isso precisaria, por certo, começar na escola, com as crianças] *Por um pouco junto isso (...) pra trazer de novo [...] senão vai sê esquecido (...) imagina* ***ven unsa Cherasson nimi tôo is*** [Imagina se a nossa geração não estiver mais aqui] *e os pequeninhos? Eles nem sabem que existia essa língua* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Merece destaque o depoimento de uma moradora de 76 anos que confirma o que diz T. Pereira (2006) sobre a importância do conhecimento de mais de uma língua. Esta senhora disse que acha *importante* que seja falada mais de uma língua, pois a língua faz com que as pessoas tenham mais conhecimento das coisas e do mundo:

> *Melhor sapê tuas línquas do que uma ou melhor duas, três né. Sempre tizem que quem sape uma línqua é uma pessoa, quem sape duas é tuas pessoas, e quem sape treis é treis pessoas né (...) por exemplo, no turismo hoxe, em Foz to Iquasu quem sape a línqua alimã é pem págo trapalhá nos hotéis né* (S.R. – 76 ANOS, MORADORA DE MISSAL).

Os primeiros imigrantes alemães, ao chegarem ao Brasil, defrontaram-se com uma realidade completamente diferente da sua, incluindo a língua, já que se comunicavam em sua língua materna vernácula, o alemão. A dificuldade de acesso devido ao isolamento, não somente geográfico, mas também político, fez com que os imigrantes criassem suas próprias escolas e os professores eram, geralmente, da própria comunidade. A este respeito, Roche diz que:

> Quando se fundaram as primeiras colônias na borda da Serra, seu isolamento condenava os imigrantes a conservar o uso de sua própria língua. Sem contatos com os elementos luso-brasileiros, não tinham necessidade nem ocasião de aprender o português, que recuava mesmo à

> medida que se estendia a zona de colonização. Essa ignorância do português era, por volta de 1875, quase total nas colônias (ROCHE, 1969, p. 654).

Os contatos não tão frequentes que os imigrantes tinham com o falante brasileiro fizeram com que se mantivesse o uso da língua materna vernácula. As línguas dos imigrantes, aqui do alemão, porém, foram proibidas em 18 de março de 1938 em decorrência da política de nacionalização de Getúlio Vargas, na década de 1940 e fez com os alemães sofressem perseguições e castigos (DAMKE, 1997, p. 10).

Na ocasião da entrevista com a informante F3, seu esposo, que estava presente, interveio dizendo:

> *Eu fui o primero ano em alemon, aprendi a escrevê meu nome em alemon e tudo e o secundo ano xá xá trocô (...) non, non potía falá alemon, taí foi otra professora o secundo ano e tercero ano foi otra* ***(...) fia, fia, fia môol in tee Shuul (...) fia Iôa un iedes Iôa een professoora*** [Quatro, quatro, quatro vezes na escola (...) quatro anos e cada ano uma professora] *primero professora em alemon depois professor, depois professora te novo e depois otro professor te novo* (ESPOSO DA INFORMANTE F3).

O texto a seguir mostra o pequeno diálogo que ocorreu entre a pesquisadora, a informante F3 e seu esposo a respeito do uso da língua alemã nos primeiros anos de escolarização:

> P: Mas, quando o senhor começou a estudar não falava nada em português?
>
> Esposo*: Non.*
>
> Informante F3*: Aquela vez era proipido falá em alemon.*
>
> P: E a senhora, também passou por isso?
>
> Informante F3: *Eu acho que non, eu só escutei de falá.*
>
> P: Quando a senhora começou a estudar, já era o português?
>
> Informante F3: *Era misturado.*
>
> P: E a professora, os professores, falavam também misturado?
>
> Informante F3: *A maioria era em alemon.*

> P: E o senhor (...) teve alguma dificuldade quando chegava na aula e não sabia falar o português?
>
> Esposo: *A xente não falava (...) só em alemon, tudo em alemon (...) e que nem o pai tinha clube lá, tudo em alemon.*
>
> Informante F3: *E se era proipido naquela época, era dificultade*.

Foi comentado com os entrevistados sobre a proibição do uso da língua alemã por parte do governo (Política de Nacionalização de Getúlio Vargas) e se eles presenciaram algo semelhante em relação às repressões aos alemães:

> Esposo: *Ahh, isso aí, tava castigo pra xente né, non potía falá em alemon.*
>
> Informante F3: *A quera* [guerra] era ***selichmo too vóo te Kriich kevêes,*** *era por isso* [Aquela vez teve a Guerra, era por isso].

Em outro depoimento, de um dos pioneiros da cidade, se confirmam as repressões sofridas pelos alemães. O pioneiro cita as aulas de alemão e português que tinha naquela época e lembrou o seguinte fato:

> *Antigamente tinha* (o pioneiro se refere às aulas de alemão), *mas então quando veio durante a guerra isso foi proibido né, durante a segunda guerra foi proibido. Foi proibido na aula e diversos que tem na nossa região lá Cerro Largo, nóis morava oito quilômetros de Cerro Largo, ali praticamente na nossa (...) na nossa comunidade não havia assim (...) que a gente possa dizer porque o povo já se cuidava porque tinha um subdelegado lá do distrito que chamava-se de Menote de Leão e ele era um leão mesmo. Ele patia de chicote quem ele ouvia falá em alemon (...) enton, por exemplo, se vinha numa festa ou num baile e chegava o Menote* ***khe Taitsch spreche, te Menote is khom*** [Não falem em alemão, o Menote veio] *ele patía de chicote, coitado dos alemon. Enton eu nunca me esqueço, tava o meu pai e mais uns amigos tomando uma cerveja, isso meu pai me contô no dia seguinte (...) que enton o dono do baile chegô* ***khe Taitsch me spreche, val te Menote is khom*** [Não falem mais em alemão porque o Menote veio] *enton ele* [o pai] falô: ***Pringmo tsvóoi*** [traz duas] *carrafa de cerveja* [neste momento do relato o pioneiro riu por lembrar da situação em que o pai dele falou, metade em alemão e metade em português]. *E eu conheci, mas eu tinha, eu passava um medo quando esse homem chegava lá em casa* (I.K. – MORADOR E PIONEIRO DE MISSAL – 74 ANOS, em 29/09/2011).

Os alemães se viram então, "obrigados" a falarem, da noite para o dia, a língua portuguesa e o professor de alemão, substituído por professores falantes de português. Esta

súbita mudança gerou, para os alemães, certo trauma e na medida do possível, tentavam falar em português quando estavam na presença de outras pessoas que não fossem de sua descendência, porém, em casa, no ambiente familiar e com seus conterrâneos, a língua materna continuava sendo usada, e isso, fez com que esta não fosse "esquecida". Roche, a respeito da questão escolar, diz que:

> Após tê-los encorajado, depois tolerado, os governos brasileiros preocuparam-se com o fato de que as escolas formavam brasileiros que não falavam o português. Quando veio a temer que a conservação do alemão determinasse igualmente submissão política à Alemanha, quando quis impor a todos os cidadãos brasileiros o uso da língua nacional, não houve outro recurso senão fechar as escolas teuto-brasileiras, tais como existiam, e substituí-las por escolas nacionais, cujos programas eram fixados pelo governo brasileiro e cujo ensino, fiscalizado por inspetores (ROCHE, 1969, p. 670).

Apesar das dificuldades e até das repressões pelas quais passaram os alemães em relação à proibição do uso de sua língua nas escolas, estas não deixaram de ter sua importante participação na transmissão do alemão.

Roche, sobre o assunto, diz que "[...] a escola teuto-brasileira desempenhou importante papel: sem dúvida permitiu aos teuto-rio-grandenses conservar o uso da língua alemã até à quarta ou quinta geração" (ROCHE, 1969, p. 670) e acrescenta que, mesmo que as escolas na língua alemã tenham sido fechadas e o português tenha se difundido o alemão era falado entre os teuto-brasileiros "[...] o uso do alemão tem algumas oportunidades de sobreviver ainda nas famílias, porque outros laços ligam os colonos à língua e à cultura alemãs" (ROCHE, 1969, p. 670).

T. Pereira (2006), ao citar os estudos de Vandresen (1996) e Kreutz (2000) sobre o contexto de imigração diz que:

> Estes autores apresentam exemplos de intervenção lingüística do Estado em relação à educação bilíngüe quando da criação, por iniciativa dos imigrantes, de escolas bilíngües no país na primeira metade do século XX. Criadas para dar suporte à política de imigração estrangeira, e toleradas para camuflar a ineficiência do Estado em relação a sua política educacional, elas foram abolidas quando teoricamente não correspondiam mais aos interesses políticos(nacionalistas) do governo, sem que os direitos dos imigrantes e de seus descendentes tenham sido levados em consideração (T. PEREIRA, 2006, p. 50).

As intervenções linguísticas podem ser tanto positivas quanto negativas. Negativas como o exemplo da proibição da língua de imigrantes, quando não foi levada em consideração a opinião dos falantes da língua alemã, ocorrida no Governo de Getúlio Vargas, e positivas quando há uma política linguística que leve em conta o plurilinguismo e a diversidade étnica existentes no Brasil. Partilha-se, portanto, da ideia de T. Pereira (2006) de que:

> [...] é necessário que se observe o modo como as políticas lingüísticas para o ensino de línguas, associadas aos contextos sócioeconômicos dos municípios estudados, podem contribuir para a promoção da inserção social dos indivíduos. A caracterização dos municípios faz-se necessária para avaliar se as políticas propostas são pertinentes com as necessidades reais dos cidadãos (T. PEREIRA, 2006, p. 27).

O relato dos informantes de que as políticas linguísticas devem levar em questão o contexto não só sócio econômico, mas também histórico, como é o caso de Missal, coincide com o ponto de vista de T. Pereira (2006).

Os relatos dos informantes, a seguir, demonstram a preocupação em relação às políticas linguísticas existentes e sobre a continuidade para a manutenção da língua alemã.

Chama atenção o fato de que a preocupação dos pais em relação à transmissão da língua materna não estava somente na esfera familiar, e sim que esta manutenção deveria também partir das instituições públicas. Observou-se assim, que os pais desejam que seus filhos falem a língua alemã, mas, paradoxalmente, eles mesmos, falantes do alemão, em muitos casos, usam a língua majoritária quando falam com seus filhos. Para os entrevistados, a revitalização da língua alemã é de consenso, porém, deveria ter um incentivo mais intenso através das políticas linguísticas:

> *Sim, mas ele* (CELEM[23]) *é oportunidade PRA QUEM QUÉ aprendê, mas eu quero dizê assim: talvez se eles* (O Governo Municipal) *que nem assim, no Município, iam começá assim, as cabeça (O Governo Municipal) colocá isso assim pelo menos uma hora por semana, eles tinham de por isso em prática assim, na escola, prás crianças [...] porque em Missal foi programada pra ficá o alemon, primero nem queria aceitá as otras... então na realidade devia de ficá isso [...] o município devia de segurá isso* [o ensino da língua alemã nas escolas) (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

[23] Centro de Estudos de Línguas Estrangeiras Modernas

> *[...] porque na verdade hoje você vê essas pessoas (...) de segunda, de primeira geração, que nem, por exemplo: meus pais ainda falam alemão, eu falo, meus filhos já não falam. Então a gente percebe isso muito isso, que tá decaindo muito, por isso a gente de repente até caberia a NÓS que somos descendentes de alemães, que hoje ainda falamos de repente ACHARMOS um meio de mais cursos de língua alemã de repente (...) até incluí de repente na (...) no currículo escolar, tipo, de tá valorizando mais no nosso município essa língua porque a gente percebe que está decaindo muito* (INFORMANTE F1 – 37 ANOS).

> *Eu sei que tem um projeto prá instituí a língua alemã na escola, só que na época não tinha professores ainda né formados [...] tem pessoas que tão estudando até pra isso aqui na cidade que a gente sabe (...) e eu acho que assim que pudesse né teria que oferecê a comunidade só que teria que sê mesmo meio que gratuito né (...) informação, aulas, brincadeiras, gincanas né, participá como a festa alemã né, tentá instrumentá, senão não é tão fácil assim* (INFORMANTE F5 – 34 ANOS).

Já o informante M5 – 67 anos em seu relato, diz que há sim, um incentivo bastante expressivo por parte dos órgãos oficiais, principalmente para as pessoas de mais idade. Confirma-se, assim, que existem políticas linguísticas no município, porém, para alguns dos entrevistados, estas políticas deveriam ser mais intensas para que se desperte, principalmente na geração mais jovem, a vontade de aprender a língua alemã. Sobre o assunto diz:

> *Em todos os sentidos nós temos que dar exemplos. Mesmo nessas promoções que não tem nada a ver com a língua alemã, nesses encontros cívicos, nesses encontros sacros e sociais (...) eu acredito que o pessoal de origem alemã ele tem seu compromisso a participá pra dá o exemplo da preservação né. E isso (...) isso está sendo feito (...) ultimamente pincipalmente o clube do idoso (...) aqui do centro tá sendo MUITO bem estimulado a preservar essas coisas através da Administração, da Câmara de Vereadores e também do Departamento de Bem Estar Social [...] em tudo a gente nota que o incentivo existe, existe, de que a língua alemã seja preservada e que progrida* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

Além do pertencimento étnico e identitário, o uso da língua alemã também representa, para alguns comerciantes, uma estratégia e um argumento de convencimento. Um dos entrevistados, proprietário de um comércio local, disse que grande parte dos moradores do interior, geralmente idosos e moradores de localidades rurais, contou que as pessoas vêm até seu comércio por, ele, o proprietário, saber falar a língua alemã. O relato

abaixo demonstra que a língua alemã, além dos aspectos sentimentais, traz, também, vantagens comerciais:

> *Eu faço questão de falar o alemão, eu falo tudo. Com os meus clientes inclusive (...) tenho muito cliente idoso em benefício a isso. Quando você parte pro alemão com eles, eles se soltam (...) daí você domina assim bem fácil o atendimento com eles. E eles se sentem bem. Tem uma cliente em Dom Armando que diz:* ***Te vuu Taitsch sprecht, ISA TOOOO****?* [Aquele que fala alemão, está aqui?] (INFORMANTE M2 – 48 ANOS).

Também a informante F1, relata situação semelhante:

> *Então, muita coisa que [...] os PAIS da gente ensinaram pra gente, foi tipo do resgate, da origem deles, da Alemanha, e se hoje eu sou o que EU SOU devo muito a minha origem né, e mesmo assim, a questão da língua, hoje eu tenho que dar graças aos meus pais que me ensinaram a falar o alemão né, porque hoje eu vejo o quanto ela me ajuda né, no meu dia a dia, me deu oportunidades* (INFORMANTE F1 – 38 ANOS*).*

Um informante, que tem um comércio, mas hoje são seus filhos que cuidam, disse que uma das funcionárias fala o alemão e isso é muito importante para atender os clientes, já que os que moram no interior falam mais e gostam de ser atendidos na língua alemã. Além desta funcionária, observou-se que há outros funcionários, no mesmo estabelecimento, que também falam a língua alemã com os clientes:

> *Que nem a [...] a caixa, ela fala tudo alemon, e completo né e nós achemo bom porque tem freguês que vem que querem ser atendido alemon né, então é muito bom que ela fala o alemon né*. (C.K. – MORADORA E PIONEIRA DE MISSAL – 72 ANOS, em 29/09/2011).

O marido desta senhora acrescentou:

> *Ela fala o alemon, e fala o alemon bem, o alemon bem (...) bem correto, não vô dizê que ela fala o cramatical, o* ***Hoch Toitsch*** [alemão padrão] *mas fala o alemon normal, bem* (74 ANOS, em 29/09/2011).

A língua alemã também proporcionou benefícios para a informante F5. Em seu relato, contou que foi aceita para seu primeiro emprego por saber falar a língua alemã. De acordo com a informante:

> *Quando eu tive meu primeiro emprego né, na seleção, foi uma das coisas que me ajudou, né, no meu primeiro emprego é porque eu sabia falar a língua alemã para entender os clientes, daí logo eu fui selecionada por causa disso* (INFORMANTE F5 – 34 ANOS).

Em outro estabelecimento comercial visitado, a proprietária, descendente de imigrantes alemães e que reside há décadas em Missal, relatou que todos os seus funcionários falam a língua alemã pelo fato de que a maioria de seus clientes serem pessoas de mais idade, e que grande parte deles mora em comunidades do interior onde o uso da língua alemã é mais expressivo do que na cidade. Assim, relata que o fato de seus funcionários falarem o alemão, faz com que o atendimento e a interação comunicativa sejam mais eficientes. Pode-se observar que, assim que os clientes chegam à sua loja, logo se estabelece uma conversação na língua alemã, o que deixa os seus clientes, principalmente os mais idosos, bastante à vontade e até satisfeitos por poderem ser atendidos na língua materna.

Deve-se, porém, enfatizar que em muitas situações ocorre a *alternância de código* (*code switching).* Levando-se em consideração o que dizem Weinreich, Labov e Herzog (2006), o uso alternado de línguas, como no caso do alemão e português, também estudado por von Borstel (1992) e Damke (1997) ocorre devido a dinamicidade natural das línguas, pela interação comunicativa entre os falantes e por fatores extralinguísticos estabelecidos pelo contexto, podendo variar no decorrer da vida das pessoas. Assim, um falante monolíngue em alemão, pode se tornar bilíngue e novamente ser um monolíngue, desta vez, porém, na língua majoritária, o português. Ou pode ainda, fazer o uso alternado dos dois códigos, numa mesma situação de interação, conforme o relato a seguir:

> *Quando a gente fala com os pais, os pais da gente falam em alemão com a gente. A sogra minha fala em alemão com ele né* (a informante se refere ao marido) *eles conversam em alemão, eles respondem em português, eles falam em alemão, porque (...) algumas palavras, às vezes, eu tenho dificuldade de juntar as frases, né, então nós conversamo alemão português o mesmo assunto assim como se fosse a mesma língua [...] tudo* ***tórich nana****, tudo misturado* (INFORMANTE M5 – 34 ANOS).

Em diversas ocasiões, pôde-se contatar que a língua minoritária não deixou de ser falada, não apenas entre a geração mais velha, mas também, com menos intensidade, pela geração mais jovem. O uso da língua materna ainda está presente, principalmente na esfera familiar e com grupo de amigos. Mesmo sem terem tido a oportunidade de conhecer a terra natal de seus antepassados, os falantes sentem orgulho de sua língua e pode-se observar que há um sentimento muito intenso de pertencimento étnico. Isto é passado às gerações

seguintes, fazendo com que o uso da língua e a prática da cultura permaneçam, ainda, de maneira bastante expressivos, em Missal.

> ***Ach Got nachmoole***, [Ahh meu Deus do Céu] *como que vô te dizê [...] faz bem (...) sei lá que se isso vem, não sei da onde, pra mim faz bem se eu posso falá o alemon* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Constatou-se que há uma regressão da língua alemã na comunidade de Missal, porém, em sentido contrário, percebeu-se uma preocupação no tocante à manutenção da língua e cultura. Conforme afirma Hobsbawn (1984) a manutenção de uma tradição só é percebida quando de sua ruptura, e a inovação, a exemplo de eventos como a *Deutsches Fest* e o Café Colonial, são importantes para que as tradições se mantenham, caso contrário, se não houvesse ruptura, os costumes e as tradições e dos antepassados estariam fadados, mais rapidamente, ao esquecimento.

4.2.6 O *Brasildeutsch* como fator de manutenção

Para Sapir (1921, p. 192) é tarefa muito difícil (não será impossível?) encontrar uma língua totalmente isolada. Geralmente é a própria necessidade de comunicação que leva os falantes de uma comunidade a entrarem em contato com membros de outro grupo, o que leva suas línguas a sofrerem influências de uma na outra.

Esta influência ocorre porque "[...] a língua é parte da coletividade e não um organismo independente" e "[...] são os falantes que determinam a evolução da língua" (HORA, 2004, p.130), portanto, sua transformação se dá pelo uso e por influências externas de modo que a língua serve aos falantes e não os falantes à língua(CALVET, 2000)

Segundo Lyons "[...] o encontro de duas populações, e em consequência de suas línguas, se dá por dois motivos: a vizinhança geográfica e o relacionamento cultural entre ambas" (LYONS, 1970, p. 23, tradução nossa). No caso dos descendentes de imigrantes alemães de Missal, o motivo da manutenção de sua língua e cultura se dá por nenhum dos dois motivos. Como já exposto anteriomente, a sua manutenção se dá muito mais porque

esta faz parte de sua própria identidade, como os informantes dizem, "de sua maneira de ser".

Lüdi e Py (1984, p. VIII) afirmam que a metade da população do mundo é multilíngue. O mesmo ponto de vista defende Fausel quando diz:

> Quase não existe nenhuma língua que não esteja em contato com outras línguas. Quase cada fronteira é também uma passagem e uma zona de contatos. Cada língua é um centro irradiador e é alvo de influência de outras línguas. Assim acontecem os processos de aquisição, de empréstimo e de mescla linguística (FAUSEL, 1959, p. 4).

De acordo com Damke "[...] qualquer lingüista e, em especial, o estudioso que se ocupa com a dialetologia brasileira ou alemã não pode ignorar a existência no sul do Brasil da variedade linguística que denominamos *Brasildeutsch*" (DAMKE, 1997, p. 219).

Conforme Damke o termo *Brasildeutsch* não é denominação única para esta mescla entre o alemão e o português (DAMKE, 1997, p. 219). De acordo com o autor, são conhecidos os seguintes nomes: *deutsch-brasilianische Mischsprache* (mescla linguística teuto-brasileira) (BOSSMANN, 1953, p. 96), *Deutsch-Basilianisch* (alemão abrasileirado) (FAUSEL, 1959, p. 6), *Brazilian German* (alemão brasileiro) (SCHAPELLE, 1971, p. 24), *Brasildeutsch* (BARANOW, 1973, p. 161; HEYE, 1978, p. 194; DAMKE, 1997, p. 219; VON BORSTEL, 2011, p. 49) ou simplesmente *Hunsrückisch* (STAUB, 1983, p. 35; ALTENHOFEN, 1996, p. 27). A última terminologia em si, não estabelece a diferença entre *alemão "supostamente" puro* e *alemão misturado* como é o *Brasildeutsch.*

Pela situação bilíngue que ocorre em Missal, considera-se importante acrescentar o que diz Heye a respeito de bilinguismo societal e da origem do termo *Brasildeutsch*:

> O bilinguismo societal se manifestava pelo uso alternado do português e do alemão. O uso do alemão, porém, foi caracterizado pela presença de duas variantes, o alemão padrão, enquanto variedade A(lta), e uma variedade B(aixa) que se manifestava, de acordo com a origem dos descendentes dos imigrantes alemães, ou como 'Hunsrückisch' ou como '*Platt*'. Esta última formada por um conjunto de dialetos do norte da Alemanha, com uma extensão que ia da fronteira da Holanda até o que hoje é a Polônia (a região do 'pomerano'). Este conjunto de dialetos se enquadra no que se rotula de 'Niederdeutsch' ou 'Plattdeutsch'. A outra variedade B, o 'Hunsrückisch', precisa ser visto como uma categoria que engloba uma grande variedade de dialetos alemães de diferentes regiões, que vão do próprio Hunsrück, no centro da Alemanha, até a Suíça e o norte da Itália, formando, desta maneira uma categoria pouco especificada e uniforme. Ao longo dos anos, com o aumento do nível de

> escolaridade nas respectivas comunidades e através da convivência diária com falantes de ambos os grupos de dialetos dentro das mesmas comunidades, surgiu uma variante intermediária, que foi rotulada de 'Brasildeutsch' e que assume uma dupla função dentro do sistema diglóssico (HEYE, 2006, p. 70).

Percebe-se, a partir do que diz Heye (1986) que a variedade denominada *Brasildeutsch*, é, portanto, uma:

> [...] variedade superposta ("A") o alemão padrão da Alemanha é uma variedade composta que compreende elementos do português, de um lado, e elementos dos dialetos alemães constituintes de outro (pomeramo e outras formas de *platt*) e se formou através de vários processos de mistura e nivelamento desses dialetos, causados por interação social extensiva entre os membros dos diferentes grupos. O uso do *Brasildeutsch* é comum em conversas informais em família, entre amigos e colegas (HEYE, 1986, p. 218, destaques do autor).

Importante é saber que o *Brasildeutsch* é uma variedade linguística formada tendo como base principal, não única, o *Hunsrückisch*, que recebeu, e continua recebendo elementos do português que são germanizados de acordo com a estrutura fonético-fonológica e morfossintática do *Hunsrückisch.* Damke (2008), sobre o assunto, diz que:

> O *Brasildeutsch*, a grosso modo, é uma variedade linguística utilizada ainda com bastante intensidade pelos descendentes de imigrantes alemães no sul do Brasil. [...] Basicamente é formada a partir da língua alemã, em especial partindo do *Hunsrückisch* que, por sua vez, é mesclado com elementos *germanizados* da língua portuguesa (DAMKE, 2008, p. 116, destaques do autor).

Com certeza, os imigrantes já tiveram os primeiros contatos com a língua portuguesa no próprio navio durante a viagem ou no momento da chegada à nova terra (provavelmente alguns já tenham tentado aprender as primeiras palavras antes mesmo da viagem). Foi aí que verdadeiramente nasceu o *Brasildeutsch*.

Damke tem pensamento similar ao de Roche sobre o contato da língua materna com outra. Segundo aquele autor, "[...] é um fenômeno muito complexo a evolução da língua falada pelos colonos" (ROCHE, 1969, p. 657). Continua sua análise dizendo que os imigrantes, no começo da colonização, não falavam o "*bom alemão*" (*Hochdeutsch*), mas os dialetos usados em seu local de origem e estes foram conservados pelo isolamento conforme a região (Pomerânia, Vestfália, Hunsrück, Renânia).

Willems (1980) em relação à formação do linguajar teuto-brasileiro fez um estudo sobre o vocabulário incorporado pelos colonos à sua língua. A maioria das palavras se refere à vida cotidiana dos colonos: animais, plantas, noções geográficas, alimentação, entre outros. Os exemplos a seguir mostram termos da língua portuguesa adaptados ao linguajar pelos teuto-brasileiros, o que caracteriza, segundo Willems, uma "verdadeira hibridização do falar dos colonos": *adelogo* – até logo; *arumiren* – arrumar; *bayól* – paiol; *bangré* – pangaré; *bau* – pau; *fazendenloje* – loja de fazendas; *fogét* – foguete; *fum* – fumo; *garúp* – garupa; *kazoze* – gasosa (WILLEMS, 1980, p. 198- 213). Estas são apenas algumas das palavras incorporadas ao linguajar do teuto-brasileiro.

Willems também concorda que o isolamento foi um dos fatores importantes na manutenção da língua alemã, porém, assevera que esta conservação não se manteria intacta por muito tempo devido ao contato entre pessoas de diferentes etnias. Diz que a mudança linguística se deve, principalmente por três grandes fatores: 1) O meio em que se encontravam era diferente do europeu e havia a necessidade, portanto, de terminologias que suprissem as lacunas linguísticas; 2) As comunidades raramente eram homogêneas e o contato entre línguas e culturas diferentes levava a um processo de difusão linguística e cultural; e 3) O processo de simbiose a que estiveram sujeitos os imigrantes levava à aquisição de elementos novos, de outras culturas, eram então, incorporados à sua língua e à sua cultura (VILLEMS, 1980, p. 195).

Conforme já citado anteriormente, os imigrantes não vieram apenas de uma parte da Alemanha e cada qual tinha seu dialeto, que, em contato com os falantes luso-brasileiros resultou em interferências lexicais, principalmente do português, o que confirma o dito por Damke de que foi aí que nasceu o *Brasildeutsch*.

Já em 1878 Friedrichsen falava de "uma língua repleta de um número considerável de elementos do português [...] com léxico misturado às vezes correto, outras vezes corrompido" (FRIEDRICHSEN, 1878, p. 74, tradução nossa).

Também Roche diz que "[...] a influência do meio rio-grandense não foi tão marcada pela criação de palavras novas, com raízes alemãs, quanto pela adoção de palavras e giros de origem brasileira" (ROCHE, 1969, p. 657).

Damke diz que "[...] com a vinda dos imigrantes alemães para o Brasil a língua alemã, aqui o *Hunsrückisch,* devido aos contatos com a língua oficial, o português, e às novas situações de vida, não poderia ficar inalterada, isto é, sem sofrer influências". Para os imigrantes restavam duas alternativas: "[...] ou a discriminação, regressão até seu

desaparecimento, ou a adaptação ao novo contexto de vida dos imigrantes" (DAMKE, 1997, p. 221, tradução nossa).

De acordo com o exposto pelos autores, da análise das falas dos entrevistados e da observação de outros falantes da comunidade, concorda-se que a formação do *Brasildeutsch* se deve, acima de tudo, à disposição dos falantes em adaptar-se à nova situação de vida que incluía a adaptação linguística. Se o *Hunsrückisch* e os demais dialetos alemães que os imigrantes trouxeram de sua pátria tivessem se mantido, isto é, não mesclados com o português, estes talvez já tivessem desaparecido ou, com certeza, sua utilização não seria mais tão intensa quanto ainda é em muitas regiões do sul do Brasil, incluindo Missal.

Com relação à manutenção ou desaparecimento do *Brasildeutsch* já em 1959 Fausel escrevia:

> Hoje, na história da língua alemã no Brasil, nos encontramos numa encruzilhada. Ou o imigrante alemão vê a mescla linguística como uma etapa intermediária que resultará no desaparecimento da língua materna ou ele tentará conservar sua forma atual e com ela sua identidade, sua maneira de ser cidadão teuto-brasileiro e até sua história (FAUSEL, 1959, p. 61, citado por DAMKE, 1997, p. 222).

Os numerosos exemplos trazidos por Willems (1980, p. 198-214), Damke (1997, p. 234-274) e por von Borstel (2011, p. 101-111) comprovam a importância do *Brasildeustch* para a manutenção da língua alemã.

Não apenas nos depoimentos dos informantes, mas também na observação e nos apontamentos realizados, surgiu um número bastante elevado de exemplos de *Brasildeutsch* em Missal, dentre os quais se citam alguns: *alemon* – alemão; *craviat* – gravar; *compriat* – comprar; *namoriire* – namorar; *fiscaliziire* – fiscalizar; *conserviire* – conservar; *demoriat* – demorar; *conquistiat*– conquistar; *pesquiat* – pescar; *observiat* – observar; *en profesora*, *polon spiile*, *Milheprôot.*

Também Damke apresenta exemplos de verbos formados com a desinência *iire: deklariat, madruguiire, dividiire, apresentiire, tripliat, coloriat, etc* (DAMKE, 1997, p. 239).

Estes são apenas alguns dos inúmeros termos "hibridizados", "germanizados ou *Hunsrückizados"* (DAMKE 1988) da língua portuguesa com o *Hunsrückisch,* que resulta no *Brasildeutsch.*

Além dos termos citados, isoladamente, percebe-se também o uso do *Brasildeutsch* nos depoimentos dos entrevistados e no cotidiano das pessoas. É comum ouvir, na interação, a alternância de código, ou seja, as frases apresentam estrutura parcial do alemão com empréstimos e interferências do português, ou o inverso. Observou-se que, a maioria destas trocas ocorre, principalmente, entre a geração mais idosa.

São inúmeras as palavras e partes de conversa em que aparece *Brasildeutsch*. Seguem alguns trechos de entrevistas e conversas informais com os moradores:

> ***Tas is cróot [...] vii mia Presilióonisch spreche*** *essa pronúncia, esse sotaque alemom* ***tii*** *netos* ***tii lache sich nekst Kaput iva mich*** *mas eu nem to aí* [Isso é igual a gente falar em português, essa pronúncia esse sotaque em alemão, os netos quase morrem de rir de mim, mas eu não estou nem aí] (S.R. – 67 ANOS, MORADORA DE MISSAL).
>
> *[...] a xente entende mais o significado em alemon [...] é mais ponito [...] tem mais sentido (...) a xente entende (...)* ***fasteed pesa tii Véda né***, ***voma sóon*** [A gente entende melhor as palavras né, vamos dizer] *o significado tas palavra né, em pra (...) em portuquês a xente não sabe o portuquês coreto né* (A.R. – 70 ANOS, MORADOR DE MISSAL).
>
> *O alemão me une mais a minha família [...] é como se fosse (...) eu estou entre os antigos alemães e os novos portugueses, eu sei os dois, até a maneira de me comportar influencia,* ***ich vêes net kans genau vas (...) ava ales vuu ich kelént hon*** [eu não sei explicar certo, mas tudo o que eu aprendi] *tem influência* (INFORMANTE F2 – 25 ANOS).
>
> ***Pringmo tsvóoi*** [traz duas] *carrafa de cerveja* (I.K. – 74 ANOS, MORADOR DE MISSAL).
>
> *Olha,* ***tuu sóost fun tii Khérich*** [você fala da Igreja] *então aquele tempo, lá no sul...* (I.K. – 74 ANOS, MORADOR DE MISSAL).
>
> *E o salão cheio de mulherada,* ***tas vóo fol mit Fróolait kesits tat*** (Isso estava cheio de mulheres sentadas lá) *e eu tocando matiné lá* (C.K. 72 ANOS, MORADORA DE MISSAL).
>
> *Ele me acompanhô com um cabo de vassora assim,* **ava tas vóo schêen kevêest**, (Isso era bem bonito*) pena, tiraram uma foto e a foto não prestô* (C.K. 72 ANOS, MORADORA DE MISSAL).
>
> ***Iôo, hi triva, an*** [Sim, ali em cima no] *Vivero Municipal,* ***pische runatsus uvascht sait*** [um poco pra cima, do lado de lá] (A.B. 78 ANOS, MORADOR DE MISSAL).
>
> *Ahhh, eu costo de* ***khóode kén*** [jogar baralho] *eu costo* (M.H. MORADORA DE MISSAL).

Mesmo que a língua e cultura alemãs no Brasil se encontrem num paulatino processo de regressão, a presente pesquisa a e realidade mostram que em Missal o *Brasildeutsch*, e com ele toda cultura alemã, estão com uma vitalidade ainda bastante expressiva, de modo que se pode afirmar que o *Brasildeutsch é visto com naturalidade e bastante falado* em Missal, podendo ser considerado como um dos fatores que ajudam na manutenção da língua alemã.

4.3 FATORES DE REGRESSÃO: QUAL O FUTURO DA LÍNGUA ALEMÃ?

Será que a afirmação do pioneiro I.K., com relação ao futuro da língua e cultura alemãs em Missal pode ser vista como uma profecia?

> *Olha, eu não quero sê pessimista, mas o fim tá bem próximo, se ninguém mais falá o alemon* (I.K. – 74 ANOS).

O depoimento, que abre este tópico, mostra aquilo que foi relatado pela grande maioria dos informantes e moradores: de fato há uma regressão da língua alemã no Município de Missal, principalmente na geração mais jovem. Esta constatação leva a algumas interrogativas: Qual o motivo desta regressão? Que fatores influenciam na regressão de uma língua? Há interesse por parte dos seus falantes quanto à sua manutenção? A língua alemã, assim como qualquer outra língua minoritária deveria ser conservada? Tentar-se-á, responder a algumas destas perguntas, porém, outras, só seus falantes e o próprio futuro poderão responder.

No item anterior observou-se que há vários elementos que ajudam na manutenção da língua e da cultura: família, gastronomia, políticas públicas, manifestações culturais, o próprio *Brasildeutscht,* entre outros. Estes elementos tem forte representatividade na identidade individual e coletiva, de modo que, a partir dos depoimentos e da observação, constatou-se que a língua e a cultura alemãs estão sendo mantidas na comunidade, porém, (principalmente a língua) não estão sendo "transmitidas" como gostariam alguns, principalmente os falantes mais velhos. A afirmação do pioneiro não seria então, de fato, uma profecia? De certa forma sim.

Segundo o Relatório Mundial da UNESCO (2009), as causas da regressão, ou do desaparecimento das línguas minoritárias, estariam ligadas a fatores externos e internos:

> As causas que estão na origem do perigo de desaparecimento das línguas podem ser externas (a globalização, as pressões políticas, as vantagens econômicas etc.), internas (a atitude negativa de determinada comunidade à sua língua) ou, na maioria dos casos, a combinação de ambas. O prestígio da língua dominante e o seu predomínio na vida pública podem levar uma comunidade a desvalorizar a sua própria língua. Assim, a revitalização das línguas depende, antes de mais nada, da reafirmação da identidade cultural, por parte de uma comunidade (RELATÓRIO MUNDIAL DA UNESCO, 2009, p. 14).

Segundo Grosjean (1982), para que a língua minoritária tenha continuidade e seja falada, é necessário que os pais ou avós falem e encorajem seus descendentes a falarem. Quando dentro do lar há um estímulo, a criança poderá falar as duas línguas, sendo proficiente em ambas. Há que observar, porém, apoiados em Heye (2003) e von Borstel (2011), que a proficiência deve ser relativizada, não exigindo-se do falante um domínio amplo demais, ou, conforme afirma Mackey (1968), o falante não precisa dominar com perfeição as quatro habilidades pois cada falante possui características individuais que podem ocorrer em graus variáveis.

Constatou-se, pelos depoimentos dos informantes que várias são as causas que levam à regressão da língua alemã em Missal: a família, que não mais tem a prática regular no uso da língua, principalmente com os mais jovens, o meio social em que o falante vive, o relacionamento profissional, a escola, os meios de comunicação, os casamentos inter étnicos, a convivência com outras etnias e, acima de tudo, as atitudes dos próprios falantes em relação à língua. De acordo com Romaine & Nettle:

> A linguagem não é uma entidade autossustentável. Ela só pode existir aonde existe uma comunidade que a fala e a transmita [...] quando as comunidades não podem prosperar, suas linguagens estão em perigo (ROMAINE & NETTLE, 2000, p, 5, tradução nossa).

Assim, quando há o uso e o incentivo da língua materna no domínio familiar, ou na sociedade onde está inserido o falante, e havendo motivação, por parte deste falante, ela tende a ser mantida. Porém, se seu uso é cada vez menor, de fato, haverá uma regressão, que poderá levar à "morte" ou a "extinção" (ROMAINE & NETLLE, 2000) dessa língua. Em relação à morte linguística Romaine & Nettle afirmam que:

> [...] as línguas não são vítimas de idades avançadas ou doenças [...] elas não tem existência tangível como árvores ou pessoas [...] as línguas não morrem por uma causa natural. Se elas morrem "languaje murder" ou "language suicide" é porque as pessoas deixam de usá-las (ROMAINE & NETTLE, 2000, p, 5, tradução nossa).

Sob o aspecto político, segundo Woodbury, a regressão e extinção de uma língua pode ainda ser consequência da própria intolerância da classe dominante:

> Em muitos casos, como mostram pesquisas linguísticas, a perda da língua é muito mais uma consequência direta frente à diversidade, principalmente quando exercida por parte dos mais poderosos contra os mais fracos (WOODBURY, 2001, p. 40).

Em relação à afirmação de Woodbury, sobre a perda estar relacionada à pressão dos mais poderosos, nossos dados comprovam que este não é o caso de Missal.

A preocupação quanto à manutenção da língua alemã é mais forte entre a geração mais velha. Os avós falam com os filhos em alemão, os filhos, por sua vez, falam com os seus filhos, na maior parte do tempo, em português por não entenderem o alemão e, por último, os netos já se dirigem a seus avós na língua portuguesa, conforme se pode perceber no depoimento a seguir:

> P: Em sua família se fala em alemão?
>
> Informante M1 – 60 anos: ***IA VÔOL***, [SIM].
>
> P: E Com as crianças também?
>
> Informante M1 – 60 anos: ***Tii fasteehn nicks. Tii sin schon al groos*** [Eles não entendem, eles já são grandes].
>
> P: Em sua família se fala em alemão?
>
> Informante M2 – 48 anos: *Não. Muito pouco, é uma vergonha, mas é pouco assim. É tudo força do hábito né, você não se habituou a falar então hoje em casa o M.* [filho do informante] *assim, a gente procura (...) ele dá risada né [...] em casa praticamente a gente não fala.*
>
> P: E em outras situações, você fala alemão?
>
> Informante M2 – 48 anos: *Com a mãe eu falo bastante em alemão. Quando eu vô lá na mãe ela diz:* ***Alo, tuu Taitsch fatseele, tan tuun ich***

> ***fasteehn*** [Vamos, tu é pra falar em alemão, aí eu entendo]. *A mãe é assim, bem fechado mesmo o português dela é bem ruim.*

Segundo Damke (2008) é difícil identificar as causas bem como comprovar se a manutenção de uma variedade está próxima de sua "morte", de sua "extinção". O autor cita os estudos de Schlieben-Lange (1991) sobre manutenção, renascimento ou extinção das línguas e afirma que, segundo a autora, os fatores que levam à regressão "[...] podem ser os mais diversos: *a pressão sofrida pelas línguas pode ser econômica, social, cultural, religiosa, política ou militar, ou uma combinação destes fatores"* (DAMKE, 2008, destaques do autor). Ainda segundo Damke:

> São três os fatores que têm importância fundamental nestes processos: a competência, o desempenho e as atitudes dos falantes com relação às variedades utilizadas. Na maioria dos casos, como afirma Schlieben-Lange (1991, p.108ss.), os três fatores agem juntos, assim, a uma maior utilização da língua corresponde, em geral uma maior competência e atitudes mais positivas com relação às variedades utilizadas (DAMKE, 2008, s.p.).

O autor traz ainda à tona a discussão sobre as implicações que a regressão, ou até a perda linguística, tem na vida dos falantes e da sociedade na qual está inserido. Segundo Damke (2008) a preocupação é recente entre os pesquisadores e cita o que diz Woodbury:

> Sociolingüistas e lingüistas-antropólogos estão apenas agora começando a entender os efeitos da perda ou da mudança de línguas nas comunidades. O processo é complicado porque a perda pode ser voluntária ou involuntária, embora sempre haja algum tipo de pressão. Qualquer que seja o caso, percebe-se freqüentemente uma perda de identidade social, como um símbolo de derrota pela força colonial, se não ainda por aqueles que abandonam a língua, então pelos da geração seguinte (WOODBURY, 2001, p. 39).

O autor (Ibidem) fala das consequências que a perda de uma língua traz para o falante e para o grupo social:

> Além disso, a perda não é somente uma questão de percepção da identidade. Muito da vida cultural, espiritual e intelectual de um povo é transmitido pela língua: rezas, mitos, cerimônias, poesia, oratória, vocabulário técnico, saudações, despedidas, registros conservacionais, humor, maneiras de falar com as crianças, e os termos para hábitos, comportamentos e emoções. Quando se perde uma língua tudo isso

> precisa ser refeito numa outra língua com diferentes categorias de palavras, sons e estruturas gramaticais. Pesquisas lingüísticas em comunidades onde a mudança está ocorrendo mostram que quase sempre este 'refazer' implica numa perda abrupta de tradições mesmo quando é mantida a identidade social (WOODBURY, 2001, p. 39).

Damke citando Ammon afirma que a perda ou regressão linguística nem sempre culmina na morte linguística (*language death)*:

> Alguns dos aspectos da perda lingüística ou regressão de uma língua observados no contexto sob análise, que não chegam, porém, a morte lingüística, *language death*, já foram descritos por Crystal. Ammon (1973, p. 570), já naquele ano, ligava a regressão lingüística, denominada por ele *Sprachauflösung*, à seqüência de gerações (DAMKE, 2008, s.p.).

Também Silva faz referência ao termo "perda da língua". Para o autor a perda da língua se refere "[...] às situações em que ocorre o abandono da língua materna por parte do indivíduo em favor do uso de outra língua, o que pode resultar até mesmo no esquecimento daquela língua" (SILVA, 2011, p. 123).

Os termos "morte", "extinção", "assassinato" ou "suicídio" são também citados por Romaine & Nettle:

> [...] esses termos, aplicados às línguas, são metáforas, porém, essas metáforas são úteis? Queremos arguir a perspectiva que os termos morte e extinção (ou até mesmo o assassinato) são utilizados porque as línguas estão intimamente ligadas aos seres humanos, nossas culturas e nosso meio ambiente (ROMAINE & NETTLE, 2000, p. 6, tradução nossa).

Nesta pesquisa, os informantes demostraram preocupação em relação à regressão do alemão em Missal. Esta preocupação vem ao encontro do pensamento de Cavalvanti e Cezar (2007) a respeito do prestígio da língua portuguesa ou inglesa, o que apaga ou invisibiliza o ensino das línguas minoritárias ou de imigrantes. Os informantes comentaram que, para que haja uma revitalização do alemão por parte da juventude o ensino do alemão deveria ser ofertado na escola:

> *Na verdade assim, introduzir na escola, junto a escola, só que só que o grande problema tá hoje na juventude o interesse né (...) Existe interesse por parte deles disso? Não* (INFORMANTE M2 – 48 ANOS).

Chama a atenção um depoimento de uma moradora antiga da cidade que diz que seus netos "dão risada" dela quando fala ou canta em alemão, mas ela diz que "não tá nem aí". Perguntado se o motivo da risada era no sentido de "deboche" a avó disse que é porque "não entendem" e não por tirarem "sarro" da pronúncia ou da fala da avó:

> ***Tas is cróot [...] vi mia Presilióonisch spreche*** [Isso é o mesmo como nós falarmos em português] *a nossa pronúncia, sutaque alimón né,* ***tti netos tii lache sich kaput iva mich*** [os netos quase morrem de rir de mim] *mas EU NEM TO AÍ* (S.R. – 76 ANOS, MORADORA DE MISSAL).

Já o relato a seguir, da informante F5, apresenta outra situação. Foi perguntado à ela quais os motivos que levam à regressão da língua, principalmente entre os jovens. Segundo ela, os jovens não falam alemão por "vergonha". Nos depoimentos coletados durante a pesquisa, bem como em outros vivenciados, em Missal e no interior, a grande maioria, tantos dos jovens, quanto dos mais velhos, disse ter orgulho de sua origem, e mesmo não falando o alemão, dizem que não tem vergonha da língua, pois ela faz parte de sua identidade. Esta situação relatada pela informante F5 é um dos poucos casos que se encontrou, merecendo, também seu relato, pelo fato de que neste trabalho, o objetivo maior é demonstrar os fatores que levam à manutenção e a regressão. E neste sentido, uma das causas que levam à regressão se dá pela certa "resistência" que os jovens têm em aprender por vergonha do "sotaque":

> Informante F5: *Os jovens, eles tem uma certa resistência, até eu, quando eu saí trabalhá arrumei emprego e tudo, mas depois a gente foi tirando isso porque ficô o sotaque e ele é muito né, é caçoado né a própria juventude faiz isso, até um certo tempo era importante né, só que as pessoas não conhecem [...] você é bem pago, você, se falá a língua alemã, se você se formá e tivé suas qualidades e soubé falá ,você é muito bem sucedido* (INFORMANTE F5 – 34 ANOS).
>
> P: Então tu acha que eles não falam, que eles (os jovens) estão falando cada vez menos, regredindo, você acha que em parte é por vergonha de serem caçoados?
>
> Informante F5: *SIMM, como o gordo é caçoado, como o preto é preto, o alemão também é. O sotaque da língua alemã é isso e isso eu falo assim, porque, quando você vai pra Curitiba, num lugar assim, logo as pessoas te identifica né: você é alemã né? Pelo sotaque. Eu tenho MUITA dificuldade né, e como aqui é uma cidade de origem alemã, na escola assim eu não conseguí corigí muito bem isso depois, eu me habituei, eu*

> *misturei e tenho dificuldade né em corigí isso né. Você sai e é identificado, eu sô* (INFORMANTE F5 – 34 ANOS).

Outro depoimento mostra que a língua alemã é mais usada entre a geração mais velha. O informante diz que dependendo do grupo usa determinada variedade linguística:

> *Se necessário é sim, tipo assim (...) dificilmente a gente toma a iniciativa né, (...) MAS se as pessoas, tipo assim, a gente vê que são pessoas que são mais de IDADE e procuram pra que você fale, a gente fala sim. Depende da situação, do grupo de pessoas* (INFORMANTE M2 – 48 ANOS).

Os depoimentos acima confirmam que o alemão é falado com mais intensidade por pessoas mais idosas. Na geração mais nova, o uso da língua materna está em franca regressão.

Outros relatos também mostram que a grande maioria dos mais jovens não fala a língua de seus pais, o que vem a confirmar que a língua alemã não está mais sendo transmitida para a geração mais jovem. O informante M1 disse que é muito difícil eles falarem o alemão, pois não há interesse:

> *Muito difícil a não ser que eu puxo, eu puxo a língua alemã, eu bato um papo, dou uma risada aí eles:* ***IA, IA VÔOL, IOUU, VAS IS TAS***? [SIM, SIM SENHOR, O QUE É ISSO?] *Que que é isso? Né, então eles já já tem problemas, como é que se diz (...) de aprofundamento da língua alemã (...) tem uma dificuldade (...) eles entendem mas (...) eles não sabem dá o conteúdo da frase* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

Ao ser perguntado à informante F4, se havia interesse por parte da juventude, disse o seguinte:

> *É que eles não escutam e isso isso não interessa pra eles. [...] eles parece que tá sendo esquecido né, dexado de lado essa língua, EU acho* (INFORMANTE F4 – 59 ANOS).

Os depoimentos levam então à questão: Qual o motivo de esses jovens não falarem a língua de seus antepassados?

De acordo com a Revista UNESCO (2000), *as línguas nascem, se transformam e desaparecem com as sociedades que as falam* e a grande maioria das 6.000 línguas existentes estão ameaçadas de extinção. Segundo Woodbury:

> Hoje são faladas no mundo entre 5.000 a 6.000 línguas, mas daqui a cem anos este número vai certamente cair para mil ou até para algumas centenas de línguas. Comunidades antigamente auto-suficientes, hoje mais do que nunca, se encontram sob a pressão intensa de se integrarem com os vizinhos poderosos, forças regionais, ou invasores, o que frequentemente leva à perda de sua própria língua e de sua identidade étnica (WOODBURY, 2001, p. 39, tradução nossa).

Uma das causas deste desaparecimento é a mundialização. Outro fator para a regressão das línguas minoritárias, segundo depoimento dos informantes, é a supremacia e a hegemonia da língua inglesa como a língua do comércio e das relações internacionais

Mesmo reconhecendo que há diversidade linguística, não só no Brasil, mas também no âmbito mundial, concorda-se com o exposto pela Revista UNESCO (2000) em relação ao desaparecimento, cada vez maior, das línguas minoritárias na atualidade.

Calvet (2000) diz que o inglês é considerado, hoje, uma língua centralizadora e que ao seu redor encontram-se em torno de dez línguas e ligadas a centenas de línguas "periféricas". O mesmo autor comenta que devido à incerteza em relação ao futuro de algumas delas, há uma crescente mobilização e preocupação quanto à sua proteção. Sustenta também que a preocupação não está restrita apenas às línguas minoritárias e cita o exemplo de organizações americanas que se opõem ao bilinguismo por temer que este se instaure devido ao grande número de pessoas falantes de espanhol. Outro exemplo dado por Calvet é a tentativa, por parte do governo francês, de "[...] *regulamentar el empleo del francés luchando contra los términos tomados de otros idiomas"* (CALVET, 2000, p. 35).

Outro fator responsável pela regressão da língua alemã é o contato com a língua majoritária. A informante F5 – 34 anos, disse que aprendeu a falar o alemão em casa, mas que hoje fala muito pouco, porém entende. Diz que hoje encontra dificuldade em falar, ao contrário de antigamente, quando foi aceita na Cooperativa Agropecuária Três Fronteiras Ltda (COTREFAL) - atualmente denominada Cooperativa Agropecuária Lar - por saber falar o alemão

O depoimento da informante confirma que quando não incentivada e não mais usada constantemente a língua minoritária acaba sendo substituída pela língua majoritária. Quando perguntada se gostaria de responder as perguntas em alemão ou em português, disse que responderia em português, pois "*não acho algumas palavras, falo pouco".*

Assim, a língua materna, minoritária, pelo contato com a língua portuguesa, majoritária, sofre mudança. De acordo com Silva:

> [...] a mudança que ocorre nas situações de contato se dá pelo fato de os falantes de uma língua minoritária que, numa situação de contato com a língua majoritária, tendem a se aproximar progressivamente do sistema da língua majoritária. Assim, Martínez (1994) afirma que a mudança lingüística decorrente do contato é essencialmente unilateral – da língua minoritária à língua majoritária, ou seja, a tendência é para a homogeneização lingüística a favor da língua majoritária (SILVA, 2011, p. 40).

Segundo a informante F2 – 25 anos, o contexto escolar, os meios de comunicação (rádio, televisão, internet, jornal) influenciam para que os jovens não mais queiram aprender a língua materna, minoritária e sim que preferem o inglês, ou simplesmente falam o português por ser a "língua da escola". Cita o exemplo de uma aluna sua, de descendência alemã, que ao ser perguntado seu sobrenome, disse que era Reis, que se pronunciava "Reis" e não "Rais" (pronunciado em alemão com som de *a* e não de *e):*

> ***Vas mia noch vee toon*** *vamo dizê assim* (O que ainda me dói) *(...) metaforicamente falando é (...) dois anos atrás* ***vóo son Meetche saine Nóome is Rais, ich vêes, tii sin fun Caçador. Tii sin net Reis, tii is ava RAIS fun Caçador, tuu kenste óoch tii Rais fun Caçador (...) un ich sóot RAIS, un tii: NEE, main nôme is*** *REIS (...)* ***NEE, ich sóot: portugueese IÁ, ava auf Toistch tuu pist*** *RAIS* [tinha uma menina, o nome dela é Rais, eu sei, ela é de Caçador. Eles não são Reis, eles são Rais, de Caçador. Você conhece eles também, os Rais, de Caçador (...) e eu falei RAIS, e ela: NÃÃO, meu nome é REIS. NÃÃO, eu falei: em português sim, mas em alemão você é RAIS] *e queria discutí comigo: Não meu nome é Reis. Alí deu pra vê que ela não queria sabe de alemão (INFORMANTE F2 – 25 ANOS).*

Foi perguntado o motivo da insistência dela em dizer que seu sobrenome era Reis. A informante disse: *"vergonha talvez, não sei, é uma família bem conhecida, não sei, agora ela mora aqui na cidade e de repente ela quis ser aceita nessa comunidade".*

O depoimento da informante F2 sugere que sua jovem aluna, moradora de uma comunidade do interior, onde se fala praticamente só o alemão, não queria aprender por talvez, querer ser aceita em outro grupo social. Nesta aluna pode-se perceber uma motivação integrativa para com outro grupo linguístico, o português:

> A motivação integrativa está relacionada ao desejo do indivíduo de aprender uma língua para se tornar um potencial membro do outro grupo social. O desejo de ser aceito na cultura do outro é, muitas vezes, movido

> pelas experiências negativas que o indivíduo vivencia em relação à sua própria cultura no seu meio social (MELLO, 2011, p. 150).

Segundo Roche, um dos fatores que ajudaram na propagação da língua portuguesa entre a população teuto-brasileira foram os meios de comunicação e cita a radiodifusão como um dos instrumentos marcantes. A grande maioria das pessoas não tinha acesso a outros meios de comunicação senão o rádio e, por meio deste veículo transmissor, ficavam "a par" do que acontecia tanto a nível local, nacional, e mais raro, internacional. Para Roche:

> Um dos mais importantes meios de propagação do Português é o mais recente, o rádio. Sem ter sido pedido, sem aplicar nenhum sistema, sem exercer nenhuma coação, o rádio tem, talvez, feito mais que a escola pela expansão da língua nacional nas colônias, não só entre as crianças, completando-lhes e vivificando-lhes as aquisições escolares, mas principalmente entre os adultos que não podiam ser recambiados à escola (ROCHE, 1969, p. 655).

Assim como as emissoras de rádio tiveram, naquela época, influência na propagação da língua portuguesa, os meios de comunicação são, hoje, os que mais influenciam na regressão do uso da língua materna ou de outras línguas minoritárias, como as indígenas, por exemplo.

Nos tempos atuais, modernos, onde a maioria da população está concentrada em áreas urbanas, o contato entre outras pessoas se torna cada vez mais intenso. No contexto de diversidade étnica, o uso da língua e a prática da cultura minoritária, neste caso específico o alemão, inevitavelmente, serão influenciados, também, pelos meios de comunicação. Nos centros urbanos, os avanços tecnológicos, principalmente a informática, exigem o conhecimento de mais de uma língua e esta, geralmente, é a língua majoritária, ou o inglês. A língua minoritária, portanto, principalmente entre os mais jovens, acaba sendo substituída. Fishman (1991) citado por Silva, sobre o assunto, afirma:

> [...] o processo de urbanização para os recém chegados oriundos da zona rural envolve interação com estrangeiros em quase todos os momentos: na vizinhança, no trabalho, na escola, nas compras, no transporte, no lazer e nas funções cívicas, de um lado; e um enorme aumento da densidade da comunicação por outro lado. O resultado dessa dupla ocorrência é uma avalanche sem fim de mensagens etnolingüísticas na língua franca a qual difere da maioria das línguas usadas no domínio da família e que facilmente rivaliza e desloca a língua do lar e da família daqueles que foram removidos de seus lugares de origem, especialmente

> em relação aos jovens (FISHMAN, 1991, p. 58, citado por SILVA, 2007, p. 42).

Como já afirmado, em Missal, que a utilização da língua minoritária, principalmente pelos mais jovens, é cada vez menor. De certa forma, isso pode ser visto como algo previsível. A qualificação para o mercado de trabalho exige cada vez mais o domínio da língua institucionalizada, o português. Também visando uma ascensão profissional e acadêmica, aprender o inglês é considerado necessário e *mais importante*, segundo alguns jovens de Missal. Assim, pode-se dizer que, de certo modo há uma pressão externa que faz com que se deixe a língua minoritária "de lado", ainda mais quando ela não traz benefícios econômicos diretos, e se busque a língua majoritária ou a "das relações internacionais" visando uma melhora no nível de vida.

Silva (2007), baseado em Baker (1997), afirma que:

> [...] nas situações em que uma comunidade de língua minoritária tem dificuldades para ingressar na sociedade majoritária em decorrência da falta de qualificação para o mercado de trabalho, os indivíduos do grupo minoritário se vêem pressionados a adquirir e a usar a língua majoritária como um instrumento de acesso aos meios de vida, visto que precisam ter uma interação maior e de melhor qualidade em termos lingüísticos com o grupo majoritário. É a partir de tais situações que a língua majoritária passa a fazer parte do cotidiano da vida dos imigrantes, podendo resultar no deslocamento da língua minoritária (SILVA, 2007, p. 43).

Os casamentos inter étnicos também podem levar à regressão da língua materna e até ao monolinguismo. Segundo Silva (2007), a partir das observações feitas por Grosjean (1982); Romaine, (1994); Mota, (1996) e Fishman (2006), afirma:

> O casamento, por exemplo, pode ser um passo para o deslocamento de uma língua. Quando uma pessoa bilíngüe de uma comunidade de língua minoritária casa-se com um monolíngüe de língua majoritária, o resultado pode ser que as crianças sejam bilíngües ou monolíngües na língua majoritária; isso dependerá da política adotada pela família. A situação mais comum parece ser a acomodação em direção à língua majoritária, devido às pressões do contexto circundante majoritário (SILVA, 2007, p. 42).

De acordo com o relato da informante F1 – 37 anos, muitas pessoas que falam alemão na casa dos pais, quando casam, na sua própria casa não falam, pois o cônjuge não é da mesma etnia. Isto faz com que os filhos também não falem, nem a língua da mãe, nem

a língua do pai, ficando o uso da língua restrito à língua institucionaliza ou majoritária, o português:

> *Então, com o meu esposo eu não falo em alemão né. Como ele não é descendente de alemão, ele não fala* (INFORMANTE F1 – 37 ANOS).

As informantes F3 – 79 anos e F1 – 37 anos, disseram que uma das causas de não mais se falar tanto o alemão em Missal, como se falava antigamente, é a presença de pessoas de outras etnias:

> *Por causa das xentes, tem muita xente que non fala em alemon* (INFORMANTE F3 – 79 ANOS).
>
> *O fato de ter mais mistura de raças né. Se eu falo em alemão, eu tenho que falar nas duas línguas porque tem pessoas que não entendem o alemão né, então (...) isso já um dos motivos que já está regredindo (...) essa mistura de raças* (INFORMANTE F1 – 37 ANOS).

Também Roche (1969) comenta que um dos fatores de manutenção e transmissão da língua materna são os casamentos endogâmicos. Cita que as dificuldades iniciais e o isolamento geográfico fizeram com que as pessoas se mantivessem unidas dentro do mesmo grupo e, naturalmente, a língua era passada de geração a geração:

> A princípio, a endogamia foi total porque as colônias agrícolas eram "ilhas" perdidas no mar da população luso-brasileira e a floresta que se desenrolava. A vocação pioneira foi a endogamia. Por longe que em volta pudesse ir o pretendente, só encontrava moças da mesma origem, da mesma profissão. Estas não podiam esperar senão noivos vizinhos (ROCHE, 1969, p. 610).

Roche afirma ainda que esta situação:

> [...] prolongou-se até os nossos dias, nos distritos puramente rurais das antigas colônias e reproduziu-se nas novas. Não era, pois, a influência de uma tradição étnica, mas de uma espécie de fatalidade geográfica que circunscrevia o horizonte familiar dos colonos dentro da endogamia (ROCHE, 1960, p. 611).

As palavras de Roche afirmam que os casamentos até então, endogâmicos, se davam devido ao isolamento e aos poucos contatos com pessoas de ouras etnias. Com o passar do tempo, e com a aproximação e o contato cada vez maior dos teuto-brasileiros

com os luso-brasileiros a situação começou a mudar. Casamentos entre pessoas de outras etnias são realizados e a língua alemã, lentamente, no novo contexto familiar, começa se reduzir, ou até, deixar de ser falada. Roche afirma que a endogamia só começou a diminuir a partir do momento em que "[...] entraram em contato elementos de origem étnica diferente, quer nas vilas, quer na periferia de certas colônias, na vizinhança de luso-brasileiros ou de outros colonos" (ROCHE, 1969, p. 611).

Constata-se então, a partir da afirmação do autor e pelos depoimentos levantados durante a pesquisa, que os casamentos interétnicos são um dos fatores que levam à regressão da língua materna, ou seja, os filhos, cujos pais são usuários de duas variedades linguísticas diferentes por serem de origem étnica diferente, entram em conflito linguístico e tendem a falar a língua majoritária, a língua entendida tanto pelo pai quanto pela mãe e pela sociedade em geral.

A realidade hoje, de casamentos exogâmicos, também está presente na comunidade de Missal. Mesmo que a maior parte da população seja de descendência alemã, a presença de outras etnias na cidade resulta num contato maior que leva aos casamentos interétnicos. Estes ocorrem com maior frequência na cidade, haja vista que, em algumas localidades do interior, a grande maioria das pessoas é falante do alemão, e nos casamentos realizados no interior, há uma tendência maior que os filhos sejam bilíngues em alemão/português. Mas, até quando? Até quando se falará a língua alemã? Que consequências sua regressão, ou até sua perda terá para seus descendentes?

No acelerado processo da globalização, a tendência à homogeneização linguística e cultural (HALL, 2006) está cada vez mais próxima de ser tornar realidade se as línguas minoritárias, e com elas, suas culturas, não forem mantidas.

Muitas vezes, as línguas minoritárias são pressionadas, estigmatizadas e até desprestigiadas pelos falantes de línguas majoritárias ou línguas de *status*, fazendo com que, se deixarem de ser faladas, ficarão reduzidas a um número cada vez menor de falantes, chegando ao ponto de, realmente, desaparecerem.

Então, as línguas minoritárias deveriam ser salvas? Que consequência teria se deixassem de existir?

Segundo o relatório da UNESCO:

> As línguas são os vetores das nossas experiências, dos nossos contextos intelectuais e culturais, dos nossos modos de relacionamento com os grupos humanos, com os nossos sistemas de valores, com os nossos

> códigos sociais e sentimentos de pertencimento, tanto no plano coletivo como individual. Sob o ponto de vista da diversidade cultural, a diversidade linguística reflete a adaptação criativa dos grupos humanos às mudanças no seu ambiente físico e social (RELATÓRIO MUNDIAL DA UNESCO, 2009, p. 12).

A consequência da homogeneização linguística e cultural seria, então, a perda da diversidade linguística e cultural existente no mundo. Se a "[...] linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que esta relação é a base da constituição do ser humano" (ALKMIN, 2005, p.21), entende-se que as línguas, e dentre elas às minoritárias, não são somente meios de comunicação, mas "[...] representam a própria estrutura das expressões culturais e são portadoras de identidade, valores e concepções de mundo" (RELATÓRIO MUNDIAL DA UNESCO, 2009, p. 12).

Conforme apresentado no início deste tópico: Qual o futuro da língua alemã? Ela permanecerá em uso pelos falantes? Isto, só o futuro e seus falantes é que poderão responder, ou, como afirmam Romaine & Nettle (2000): as línguas em si não morrem de uma causa natural, como se pudessem ser comparadas a árvores ou pessoas que, sabe-se, um dia terão seu fim. Se elas morrem ou deixam de existir é porque as pessoas deixam de usá-las, porém, deve-lhes ser garantido, por meio de políticas públicas, o direito ao aprendizado e o incentivo à sua valorização sob pena de desaparecer, conforme afirma Bjeljac-Babic (2000), um *patrimônio linguístico e um tesouro cultural*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objeto o estudo dos fatores que levam à manutenção e a regressão da língua e cultura alemãs no Município de Missal.

Durante o processo de pesquisa, observou-se, em entrevistas e depoimentos dos informantes, bem como na observação *in loco*, que a língua e a cultura alemãs, apesar das profecias a respeito do desaparecimento das línguas minoritárias, estão ainda sendo mantidas de forma bastante expressiva na comunidade.

Em relação ao primeiro objetivo, constatou-se que os fatores mais importantes da manutenção são: a identidade e o pertencimento étnico; a união em relação ao grupo étnico; manifestações culturais como gastronomia e festas típicas, bailes de casais, bailes de *Kerb*, prática do bolão e bolãozinho, cantos, danças, jogos de cartas, atividades da Terceira Idade; a família; a mescla linguística *Brasildeutsch* e as políticas públicas. Todos os fatores citados influenciam, de forma positiva e significativa a manutenção da língua e da cultura alemãs.

Em relação à identidade e pertencimento étnico, pode-se afirmar que a língua faz parte da identidade, da maneira de ser e de viver das pessoas. O convívio com outras pessoas traz um sentimento de pertencimento, satisfação, interação social, valorização cultural, e está presente na união do grupo, principalmente nos mais idosos, que apresentam um sentimento mais intenso para com sua etnia. Em relação à juventude e sua identidade étnica, percebeu-se que elas estão em transformação, o que confirma as palavras de Damke (1998) que as identidades vêm, parte do berço e parte constituídas a partir das relações sociais.

O isolamento e as dificuldades iniciais fizeram com que os alemães se mantivessem unidos sob vários aspectos, do religioso às formas de manifestação cultural. A união e o espírito de solidariedade entre os alemães fizeram com que a língua, os costumes, os valores e as tradições se mantivessem de geração em geração.

Outro fator importante é a gastronomia. Verificou-se que as comidas estão relacionadas à identidade étnica e representam um vínculo dos falantes para com sua descendência. Os informantes disseram que as comidas lembram os costumes e as tradições dos antepassados, o que se confirma nas palavras de Woodward (2008) de que as

comidas que um povo consome podem identificar sua origem de modo que a gastronomia em Missal os caracteriza etnicamente, são expressão da identidade e de sua história.

Quanto às manifestações culturais destacam-se as festas típicas como a *Deutsches Fest* e o Café Colonial como as de maior representatividade e identificação étnica, o que vem ao encontro das palavras de Seyferth (1994) que o caráter étnico e a simbologia das festas reafirmam os valores culturais dos grupos.

A maioria dos informantes disse que se não fossem as manifestações culturais, a língua alemã seria "menos falada". O depoimento a seguir refere-se à *Deutsches Fest* e ao Café Colonial, porém não desmerece nem desvaloriza as outras formas atividades culturais.

> *Isso é importante é (...) é o marco do nosso município, mas isso não é o tudo, tem que continuar falando o alemão (...) é divulgá e demonstrá a sua cultura, mostrá sua gastronomia, mostrá seu (...) como é que vô dizê (...) mostrá o que que NÓS SOMOS, a nossa origem, a nossa etnia* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

O informante M1 sugere que a cultura deve ser mantida com encontros e outros eventos no intuito da continuidade das tradições:

> *Até, até (...) vamos supor, encontros né. Porque, encontros ou seminários (...) uma coisa assim (...) pra manter o INCENTIVO para o resgate da língua alemã e eu acho os seminários gastronômicos ou até encontros culturais, encontros folclóricos, teatros, estas coisas todas né, fazer um planejamento regional e principalmente estas cidades polos que nós temos em todo o Brasil (...) para que se faça um planejamento, um cronograma, para que realmente se faça um movimento, não um movimento A LA ALEMANHA, mas para se manter essa cultura* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

Outras etnias presentes em Missal também valorizam as manifestações culturais e o respeito entre elas se dá de forma harmoniosa, o que vem a confirmar a citação de Ribeiro sobre a coexistência pacífica das diversas etnias:

> A confluência de tantas e tão variadas matrizes formadoras poderia ter resultado numa sociedade multiétnica, dilacerada pela oposição de componentes diferenciados e imiscíveis. Ocorreu justamente o contrário, uma vez que, apesar de sobreviverem na fisionomia somática e no espírito dos brasileiros os signos de sua múltipla ancestralidade, não se diferenciaram em antagônicas minorias raciais, culturais ou regionais,

> vinculadas a lealdades étnicas próprias e disputantes de autonomia frente à nação (RIBEIRO, 2000, p. 20).

A valorização das manifestações culturais típicas de outras etnias confirma a coexistência harmoniosa e pacífica de línguas e culturas citado por Damke (2008). Mesmo com a constatação da união, de pertencimento étnico e identitário entre os descendentes alemães é relevante afirmar que o respeito para com o outro existe:

> [...] as comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da hibridização e da *difference* em sua própria constituição. Sua integração vertical a suas tradições de origem coexiste como vínculos laterais estabelecidos com outras 'comunidades' de interesse, prática e aspiração reais ou simbólicos. Os membros individuais, principalmente as gerações mais jovens são atraídos por forças contraditórias. Muitos 'estabelecem' seus próprios acordos ou os negociam dentro e fora de suas comunidades (HALL, 2006, p. 83, destaques do autor).

Em relação à coexistência pacífica das etnias em Missal, pode-se afirmar que ela, de fato, existe, conforme relatado por jovens em relação aos integrantes de outras etnias presentes em Missal que integram os vários "blocos" que animam a *Deutsches Fest.* O mesmo foi relatado por um jogador de bolão, citado neste trabalho, que diz respeitar os outros para ser respeitado, pois, de acordo com Damke:

> Não pode haver dúvidas, portanto, com base num regime democrático e no ritmo da globalização cada vez mais acentuado, que a coexistência pacífica de línguas e culturas diferentes, num mesmo contexto político, deve ser vista como algo perfeitamente normal, e possível (DAMKE, 2008, p. 4).

Pelo uso frequente do alemão em casa, a família é considerada, pelos informantes, elemento importante na transmissão da língua e da cultura alemãs, e isso se dá pela valorização das raízes étnicas e identitárias, uma vez que, conforme afirma Scherre:

> [...] as línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função da sua língua (SCHERRE, 2005, p.10).

Os relatos dos informantes demonstram que os órgãos públicos, tais como Prefeitura Municipal, Secretarias de Educação, Cultura e Esportes, Instituições de Ensino e outros departamentos incentivam a língua e a cultura, não só alemãs, mas também de outras etnias, valorizando-se a diversidade linguística e cultural.

Damke comenta sobre a diversidade linguística e cultural existentes no Brasil, e diz que "[...] não basta reconhecer o pluralismo étnico, lingüístico e cultural, é necessário que se adote uma política lingüística adequada a este contexto" (DAMKE, 2008, p. 3).

Outro fator importante na manutenção refere-se à língua falada em Missal, o *Brasildeutsch.* A partir dos depoimentos coletados sobre o uso do *Brasildeutsch* em várias situações, com várias pessoas e em diversos ambientes, pode-se afirmar, amparados em Damke (2008) que:

> Um outro processo, o qual, sem dúvida alguma, deve ser visto como uma das causas principais para a forte conservação da língua alemã, são os milhares de empréstimos do português, o que levou à formação da mescla lingüística *Brasildeutsch*. Foi assim que este pôde, quase como uma língua parasitária, sobreviver até hoje *ancorado* ao português. Este fato já foi comprovado em trabalhos anteriores Damke (1988, 1997) e novamente confirmado em análises mais recentes (DAMKE, 2008, s.p.).

Em relação à regressão, concorda-se com Calvet (2000) de que "*el porvenir*" de uma língua não depende unicamente de políticas linguísticas e sim, na maioria da vezes, das atitudes dos próprios falantes e do uso da língua e da prática da cultura no cotidiano das relações, de modo que, "*el porvenir*", se deve, às atitudes dos falantes para que a língua de determinado grupo minoritário se mantenha. A regressão da língua alemã, principalmente entre a geração mais jovem, é uma atitude que decorre principalmente da necessidade, ou vontade, que o ser humano tem de se integrar a outro grupo, diferente do seu, conforme exposto por Lambert e Lambert (1972).

Percebeu-se, nas entrevistas, a preocupação para que a língua e a cultura se mantenham. A maioria dos informantes disse que, de fato, a língua regrediu bastante em Missal, principalmente entre a geração mais jovem. Contudo, na contramão desta regressão, as atitudes positivas, por parte dos próprios falantes e as políticas públicas, sinalizam uma revitalização linguística e cultural.

Conforme relato de um informante, a preocupação e as atitudes positivas sugerem sua revitalização:

> *[...] olha, nós, hoje, eu acho que nós tamo avançando de novo um poco assim a melhorá (...) porque estava caindo no esquecimento daí um grupo de pessoas provocô ehh, através do canto assim, uma certa insistência em NÃO deixá caí essa tradição da tradição da (...) da tradição alemã* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

A regressão do uso da língua pela população mais jovem é notória, porém, a prática da cultura é bastante prestigiada pela participação ativa nas diversas manifestações culturais.

Poderia questionar-se aqui, por que a língua alemã não é considerada "importante" pelos jovens e o motivo pelo qual eles não a falam com a mesma intensidade que os mais idosos. Calvet (2000) afirma que as línguas devem servir aos homens e não os homens às línguas e que, se algumas morrem, outras nascem, isto acontece justamente devido ao contato e da proximidade entre as pessoas de etnias diferentes.

A decisão pelo aprendizado de uma língua deve ser respeitada, visto que é dever de todo cidadão o respeito para com a diversidade linguística e cultural existente no Brasil.

O que se presenciou, entre os jovens, foi justamente o que Calvet (2000, p. 35) afirma em relação às línguas: não que a língua alemã não tenha seu valor, o que ocorre é que estes jovens veem em outras línguas, como a inglesa, uma nova opção profissional e social.

Em relação à diversidade e opção linguística, concorda-se com Solé (1975), quando, referindo-se ao espanhol nos Estados Unidos, mas que pode perfeitamente ser trazido para o contexto da língua alemã em Missal, afirma:

> *En tales circunstancias nos encontramos frente al dilema de si el abandono del lenguaje materno es cosa necesaria y quizás hasta deseable, ya que es buen síntoma de asimilación e integración a la sociedad dominante, o si existe la posibilidad de lograr los mismos fines mediante la visión más amplia de pluralismo cultural que incluya también el aspecto lingüístico* (SOLÉ, 1975, p. 16).

No mesmo sentido vai o apelo de Grimm para que os "concidadãos alemães emigrados por sobre o mar salgado" não se descuidem da aprendizagem e manutenção da língua alemã:

> Meus queridos concidadãos alemães, não importando a que país ou a que credo pertençam, entrai no salão da língua de vossos antepassados, aprendei-a, santificai-a e ficai ligados a ela com firmeza, pois vossa força

> e unidade dependem dela [...]. Também para vós, meus queridos cidadãos alemães emigrados por sobre o mar salgado, será repassado o livro que traz as lembranças doloridas e amorosas da língua materna ... (GRIMM, 1854, v. 1, p. LXVIII).

Seyferth traz o desabafo de um colono de Brusque com relação à questão étnica de ser teuto-brasileiro e de falar a língua alemã:

> Eu não entendo muito de política. Só sei que um bom cidadão contribui para a grandeza de sua pátria, e minha pátria é o Brasil. Só que na nacionalização não tinha mais direitos, só deveres. Não entendi bem essa história de nacionalização. Nacionalizar o quê? Os teuto-brasileiros nunca negaram sua cidadania, nunca negaram que também são brasileiros. Não sei em que alguém pode prejudicar o Brasil só porque fala alemão e tem orgulho de sua origem. Afinal, tenho muito orgulho de ser de origem alemã (SEYFERTH, 1981, p. 190-191, apud RAMBO, 1994, p. 52).

Pode-se questionar como fica a identidade de "brasileiro" destes moradores que nasceram e residem em solo brasileiro. Damke (1997) faz referência às palavras de Schneider quando diz que *mesmo tendo descendência alemã, somos, antes de tudo brasileiros.* Schneider sobre a manutenção da língua e cultura dos descendentes de imigrantes alemães no Brasil afirma:

> Nós somos brasileiros, e sobre isto não pode haver dúvidas. Assim como os filhos e netos dos portugueses se tornaram brasileiros, assim também nós nos tornamos cidadãos brasileiros. [...] Nós amamos esta terra, pois é nossa pátria. Ano após ano, nós ajudamos a construir o progresso desta terra, nós ajudamos a transformar pequenas vilas em cidades, e cidades em grandes metrópoles, nós nos sentimos em casa aqui, nós amamos esta terra. [...] À nossa maneira de ser, aos nossos costumes pertence, em primeiro lugar, a nossa língua. Nós queremos cuidar dela, sem esquecer com isso nossa grande pátria brasileira. Nós devemos cuidar para que também nossos filhos sejam bons brasileiros. [...] Nossa gratidão e honra nos levam a cultuar, em primeiro lugar, a língua de nossa nova pátria, o português, e depois a língua de nossos antepassados, o alemão (SCHNEIDER, 1984, in GLOBUS, nº 3, p. 120, citado por DAMKE, 1997, p. 277).

Concorda-se com Schneider (1984), Seyferth (1994) e Damke (2010) de que somos, incluindo-se entre os descendentes de imigrantes alemães, acima de tudo, brasileiros e mesmo a favor do pluralismo linguístico e cultural, é a identidade de brasileiros que deve-se respeitar em primeiro lugar:

> Apesar de concordarmos com a ideia de todas as culturas serem de fronteira, não se pode esquecer nunca, que o indivíduo que faz parte de uma minoria está dentro de um contexto maior ao qual pertence, ao qual deve respeito em primeiro lugar (DAMKE, 2011, s.p.).

O reconhecimento igualitário de todas as variedades linguísticas no Brasil foi também uma das resoluções do XXII Congresso da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) sobre os direitos humanos e linguísticos realizado em Recife em outubro de 1987:

> Todos os grupos sociais devem ter o direito de se identificar com umas ou mais línguas, assim como terem reconhecida e respeitada esta identidade pelas outras pessoas. [...] Há a necessidade de esclarecer outros indivíduos, grupos e o Estado sobre os direitos linguísticos e exigir atitudes positivas com relação ao multilinguismo para provocar mudanças na estrutura social com o objetivo de provocar igualdade de direitos aos falantes de línguas e variedades linguísticas diferentes (ABRALIN, nov. 1987, p. 2).

As palavras de Indira Gandhi, concordando com o que determinou o Congresso da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), enfatizam o direito ao pluralismo linguístico e cultural: “Quero as culturas de todas as terras correndo soltas o mais livremente possíveis, mas não quero ser pisoteada por nenhuma delas” (INDIRA GANDHI). A citação de Indira Ganhdi, antiga Primeira Ministra da Índia, refere-se à cultura, mas aqui se inclui também a língua, por considerar-se que a língua faz parte e expressa a cultura de um povo.

Percebe-se, a partir dos postulados de Certeau (2005), Labov (2008), Geertz (2008) e Damke (2008), que a língua e a cultura são partes integrantes e constitutivas da identidade étnica do ser humano e são elementos integradores do homem na sociedade.

A língua e a cultura são meios pelos quais o homem interage com seu semelhante, articula ideias, demonstra sentimentos, e constrói sua identidade A língua e a cultura não são somente usados para comunicação e expressão cultural, mas também como meio pelo qual o homem se identifica como pertencente a um grupo étnico e identitário em comum. É isto se que verificou com os falantes em Missal.

Embora convivam com costumes e tradições de outros grupos étnicos, os moradores de Missal preservam seus costumes e tradições no contexto da diversidade linguística e cultural da região oeste do Paraná, o que vem ao encontro do que afirma

Napolitano (2005), que Brasil é um *grande mosaico nacional* onde *vários brasis se encontram*.

Preservar a língua e a cultura alemãs significa não perder as suas origens e seu uso representa a expressão da identidade, o respeito para com as gerações passadas e a esperança da manutenção linguística e cultural para as gerações futuras.

Ao finalizar este trabalho, deve-se reconhecer que os descendentes de imigrantes alemães contribuíram para o desenvolvimento econômico, político e social e nesse sentido, a valorização dos costumes, da língua e da cultura de um povo, quer alemão, quer brasileiro ou de qualquer outra etnia presentes no cenário local e mundial, deve ser a de respeito para com a diversidade linguística, cultural e étnica, e assim, deve-se entender a identidade destas pessoas como um contínuo construir e reconstruir em um presente que ainda está fortemente marcado pelos traços linguísticos e socioculturais do passado.

E como conclusão, repete-se a pergunta: e "*el porvenir*" (Calvet, 2000) da língua e cultura alemãs em Missal?

O próprio Calvet traz a resposta quando diz que as línguas:

> […] pertenecen a los que las hablan y cambian día a día, se adaptan a sus necesidades: han de servir al hombre y no a la inversa. Pues las lenguas evolucionan sin cesar, en sus formas y en sus relaciones. Y si unas mueren, otras nacen, a veces frente a nosotros (CALVET, 2000, p. 35).

Com relação ao contexto de Missal, o que vale para outras situações de línguas em contato, é válido e necessário que se envidem esforços, se definam políticas públicas em favor do pluralismo linguístico e cultural, mas somente a efetiva valorização e o uso da língua pelos falantes e a prática da cultura determinarão se estas farão parte, e até quando, da identidade e das histórias de vida dos descendentes de imigrantes alemães.

REFERÊNCIAS

ABRALIN – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. *Noticiário da ABRALIN*. Rio de Janeiro: ABRALIN, nov. 1987.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos linguísticos*. São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio-ago. 2008. Disponível em http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf.

ALKMIN, Tânia M. Sociolinguística**.** In MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2005.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul***:** ein Beitrag zur Beschreibung einer Deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

ANDRÉ, Marli E.D.A. *Etnografia da prática escolar.* Campinas: Papirus, 1995.

ANDRÉ, Marli. *Tendências atuais da pesquisa na escola*. Cad.CEDES [online].1997, vol.18, n.43, pp. 46-57.ISSN 0101-3262. doi: 10.1590/S0101-32621997000200005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0101-32621997000200005. Acesso em 31 mar 2011.

ARMILIATO, Tales Giovani. *A comunicação no rádio e a preservação de uma identidade linguística regional*: o Talian. Universidade de Caxias do Sul, 2010. Dissertação de Mestrado.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico* o que é como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BARANOW, Ulf Gregor. *Studien zum deutsch-portugiesischen Sprachkontakt in Brasilien*. München: 1973. Tese de Doutorado.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. La cultura como práxis. Barcelona: Paidós, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BJELJAC-BABIC, Ranka. Seis mil lenguas, un patrimonio en peligro. In: UNESCO: Revista El Correo: *Guerra y paz en el frente de las lenguas*. Francia, 2000. Disponível em http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001194/119473s.pdf. Acesso em 05 set 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BOSSMAN, Reinhold. Zur deutsch-brasilianischen Mischsprache. In: *Letras 1*. Curitiba. S.96-115, 1953.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em 04 fev 2011.

BRASIL, Declaração Universal Dos Direitos Humanos. Disponível em http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Acesso em 11 ago 2011.

BRAUN, Felipe Kuhn. *Memórias do povo alemão no Rio Grande do Sul*. Nova Petrópolis: Amstad, 2010.

BUTZGE, Clóvis Alencar. *Linguagem e identidade de pescadores do lago de Itaipu.* Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. Dissertação de Mestrado.

CALVET, Jean-Louis. El porvenir de las lenguas. In: UNESCO: Revista El Correo: *Guerra y paz en el frente de las lenguas*. Francia, 2000. Disponível em http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001194/119473s.pdf. Acesso em 05 set 2011.

CALVET, Jean-Louis. *Sociolinguística:* uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CALVET, Jean-Louis**.** *As políticas linguísticas*. Tradução Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, IPOL, 2007.

CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. In: *DELTA*: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada., vol.15, specialissue pp. 385 – 447, São Paulo, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300015&script=sci_arttext. Acesso em 06 set 2011.

CAVALCANTI, Marilda C.; CÉZAR, América L. Do singular ao multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda C.; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2005.

CEZAREO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In. MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In. MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.

CRUZ NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

DAMKE, Ciro. *As interferências do alemão como língua materna na aprendizagem do português.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988. Dissertação de Mestrado.

DAMKE, Ciro. Linguagem e Ideologia. In: *Letras & Letras*, Cascavel, n. 1, p. 19-25, 1992.

DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinseln in Südbrasilien***.** Frankfurt: Lang, 1997.

DAMKE, Ciro. Variação lingüística e a construção do sujeito. In. JELL *Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários*. Marechal Cândido Rondon – PR, Escala, 1998.

DAMKE, Ciro. O Brasildeutsch em músicas populares alemães. In: *Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos*. 2. São Paulo. Anais. São Paulo, 2005. CD-ROM.

DAMKE, Ciro. Língua em contato*:* o caso do alemão x português. In: FIUZA, A. F; OLIVEIRA, S. R. F. (Orgs.). *O bilinguismo e seus reflexos na escolarização no oeste do Paraná*. Cascavel: Edunioeste, 2006, p. 35-46.

DAMKE, Ciro. Políticas linguísticas e a conservação da língua alemã no Brasil. Espéculo. *Revista de estúdios literarios*. Universidad Complutense de Madrid, 2008. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero40/polingbr.html>. Acesso em 05 fev 2011.

DAMKE, Ciro. É possível ser bom brasileiro tendo identidade de imigrante? In: *II Seminário de Bilinguismo,Discurso e Política Linguística e I Jornada Internacional de Estudos da Linguagem.* Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, 2011.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Acesso em 10 ago 2011.

DESLANDES, S.F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung*. Probleme, Vorgang und Wortbestand. Berlin: Schmidt, 1959.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje.* Barcelona: Ariel, 2009.

FISHMAN, Joshua. *Language loyality in the United States.* Mouton: The Hauge, 1966.

FISHMAN, Joshua (Org.). *Advances in the sociology of language.* Paris: Den Haag, 1971.

FISHMAN, Joshua. *Sociología del lenguaje*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1979.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed/Bookmann, 2009.

FOUQUET, Carlos. *Der deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien: 1808-1824-1974.* São Paulo: Instituto Hans Staden; Porto Alegre: Federação dos Centros Culturais "25 de Julho", 1974.

FRANCO, Ariovaldo. *De caçador a gourmet***:** uma história da gastronomia. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

FRIEDRICHSEN, Ad. Wie der Deutsche in Südbrasilien spricht. In: *Kozeritz Kalender*. Porto Alegre: 1878.

FRITZEN, Maristela Pereira. *Ich kann mein name mit letra junta und letra solta schreiben:* bilingüismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no sul do Brasil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. Tese de Doutorado.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERTZ, René E. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil.* Canoas: ULBRA, 1994.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

GRIMM, Jakob; GRIMM, William. *Deutsches Wörterbuch.* Leipzig: s. e., v.1; 1854.

GROSJEAN, F. *Life with two languages:* An introduction to bilingualism. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GROTHE, Hugo. *Im Kamp und Urwald Südbrasilien*. Berlin: Weisenhaus, 1936.

GUMPERZ, Jenny Cook. *A construção social da alfabetização*. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

HAGUETTE, Teresa M.F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEYE, Jürgen. Diglossia and dialect levelling German speaking immigrants in Brasil. In: von DRESSLER, Wolfgang U., MEID, Wolfang (Org.). *Proceedings of the Twelfth Internacional Congress of Lingistics*. Wien: s. e., 1978.

HEYE, Jürgen. Sociolinguística. In: PAIS, Cidmar T. (Org.). *Manual de linguística*. Petrópolis: Vozes, [1978]; 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

HEYE, Jürgen. *Linguística***:** Panorama da linguística contemporânea: resumos das principais áreas de pesquisa. Rio de Janeiro: PUC, 2001. CD-ROM.

HEYE, Jürgen. Considerações sobre bilinguismo e bilingualidade: revisão de uma questão. Revista *Palavra – PUC – Rio*, n. 11, p. 03-38, 2003.

HEYE, Jürgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

HYMES, Dell H. *On Comunicative Competence.* In: Sociolinguistics. PRIDE, J.B; HOLMES, J. (editors). Penguin Books, Harmondsworth, 1972.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWN E.; RANGER, T. *A invenção das tradições***.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1984.

HORA, Demerval da. *Estudos sociolinguísticos*: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB – BC, 2004.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=411605. Acesso em 05 ago 2011.

JACUMASSO, Tadinei Daniel. *Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas:* estudo de uma comunidade ucraniana de Irati – PR. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2009. Dissertação de Mestrado.

JOCHEM, Toni Vidal. *A epopéia de uma imigração* : resgate histórico da imigração, fundação da Colônia Santa Isabel e emancipação político-administrativo do município de Rancho Queimado. Águas Mornas: Ed. do Autor, 1997.

KLAUCK, Samuel. *Gleba dos bispos*: colonização no Oeste do Paraná – uma experiência católica de ação social. Porto Alegre: EST, 2004.

KREUTZ, Lúcio. *Identidade étnica e processo escolar*. Caderno de Pesquisa, nº 107, p. 79-96, julho/1999. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a03.pdf. Acesso em 06 jun 2011.

KREUTZ, Lúcio. Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994.

LABOV, William (1970). The study of language in its social context. In: FISHMAN, Joshua (Org.). *Advances in the sociology of language*: basic concepts, theories and problems; alternative approaches. v. 1. Paris: Den Haag, 1971.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia Social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

LEÃO, Paula Bielgemeier. *Transmissão Intergeracional do Alemão em Contato com o Português em Vale Real – RS*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Dissertação de Mestrado.

LYONS, John. *Linguistique générale*. Paris, 1970.

LÜDI, Georges; PY, Bernard. *Zweisprachig durch Migration*. Einführung in die Forschung der Mehrsprachigkeiot am Beispiel zweier Zuwanderer-Gruppen in Neuenburg (Schwiez). Tübingen: (Romanistische Arbeitshefte 24), 1984.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisas em educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUNKES, Gisela. *Missal:* tem muito futuro neste passado. Marechal Cândido Rondon – PR: Germânica, 2005.

LUNKES, Gisela. A origem do Café Colonial. *Jornal Oeste Notícias.* 14. ed. Missal, p. 2. 22 de Junho de 2011.

MACKEY, W.F.The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (Org.). *Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, 1968.

MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de pesquisa*: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

MARSIGLIA, Regina Maria. O Projeto de pesquisa em Serviço Social. In: *Capacitação em Serviço Social e Política Social*. Módulo 5. Brasília: UNB, Centro de Educação Aberta, Continuada a Distância, 2002.

MAURO, Suzeli. *Uma História da Matemática Escolar Desenvolvida por Comunidades de Origem Alemã no Rio Grande do Sul no final do Século XIX e início do Século XX*. Rio Claro – SP: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2005. Tese de Doutorado.

MELIÁ, Bartolomeu. Identidad en movimiento sustituciones y transformaciones. In: *Simpósio Nacional de Ciências Humanas* (1.: 2006; Marechal Cândido Rondon – PR) Cascavel: Scussiatto, 2006, p. 6 a 8.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. *O falar bilíngue*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. Atitudes linguísticas em uma comunidade bilíngue do sudoeste goiano. In: SILVA, Sidney de Souza. *Línguas em contato*: cenários de bilinguismos no Brasil. Campinas: Pontes, 2011.

MELO, Gladstone Chaves. *Origem, formação e aspectos da cultura brasileira.* Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1974.

MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNIRINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp. 1998.

MEZAVILA, Albertina. *Ucranianos em Cascavel:* A História, a Religião e a Língua. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. Dissertação de Mestrado.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MISSAL. *Plano Diretor de uso e ocupação de solo municipal*. 2008. Disponível em http://www.missal.pr.gov.br/prefeitura/html/main.jsp?cat=mun&pg=historia.

MOITA LOPES Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas*: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

MORAES, Carlos de Souza. *O colono alemão:* uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo. Porto Alegre: EST, 1981.

MOTA, Kátia; SANTOS, Vera Lúcia Brito dos. *Línguas e culturas africanas*: valores, crenças e atitudes circulantes na sala de aula. In: MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denize (Orgs.). Salvador: EDUFBA, 2006.

MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã*: imagens do passado. Porto Alegre: EST, 1981.

MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia Alemã* – 160 anos de história. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EdUCS, 1984.

MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã*: histórias e memórias. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1981.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música:* história cultural da música popular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NARDI, Jean Baptiste. *Línguas minoritárias e memória*. Seminário do Centro de Memória da Unicamp – Centro de Memória da Faculdade de Educação. "As múltiplas faces da memória. Territórios e cenários das lembranças", Campinas/São Paulo, 12-14 de março de 2003. Disponível em http://www.apreis.org/docs/bresil/Lang.minor.mem_jbnardi_vp.pdf. Acesso em 31 ago 2011.

OBERACKER Jr., Karl H. *Der Deutschen Beitrag zum Aufbau der Brasilianischen Nation.* São Paulo: Herder, 1955.

PEREIRA, Maria Ceres. *Naquela comunidade, os adultos falam alemão e "brasileiro". Na escola, as crianças aprendem o português*: um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada. Campinas: Universidade de Campinas, 1999. Tese de Doutorado.

PEREIRA, Telma Cristina de Almeida Silva. *O ensino de línguas estrangeiras como fator de inclusão social*: o desafio da francofonia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2006. Tese de Doutorado.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

PORTO, Aurélio. *Die Deutsche Arbeit in Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, 1934.

PRUDENTE, Mabel Pettersen. Um estudo sociolinguístico sobre a comunidade Árabe em Goiânia. In: SILVA, Sidney de Souza. *Línguas em contato*: cenários de bilinguismos no Brasil. Campinas: Pontes, 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de Identidade em lingüística: é chegada a hora de uma consideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicada. Mercado das Letras: São Paulo, 1998.

RAMBO, Arthur Blasio. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil.* Canoas: ULBRA, 1994.

REINHARDT, Juliana Cristina. *Dize-me o que comes e te direi quem és*: alemães, comida e identidade. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007. Tese de Doutorado.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIBEIRO, Isis. *Atitudes linguísticas e aprendizagem de línguas:* um estudo de caso em Foz do Iguaçu. Cascavel: Unioeste, 2007. Dissertação de Mestrado em Letras.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social*: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROCKENBACH, Sílvio Aloysio e HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. *Imigração alemã:* 180 anos – história e cultura. Porto Alegre: CORAG, 2004.

ROMAINE, Suzanne. Bilingualism. 2. ed. *Language in society*; 13. Oxford, England: Blackwell Publishing, 1995.

ROMAINE, Suzanne; NETTLE, Daniel. *Vanishing Voices. The extinction of the world's languages*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

SAPIR, Eduard. *Languaje, introduction to the study of speech*. New York, 1921.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral.* 30. ed. Tradução de Antonio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2003.

SAVEDRA, Mônica M. G. *Política Linguística no Brasil e no Mercosul*: o ensino de primeiras e segundas línguas em um bloco regional. *Palavra- PUC/Rio.* Volume Temático: Línguas em contato, n.11, 2003 p. 39-54.

SAVEDRA, Mônica M. G. Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual. In: SALGADO, Ana Claudia Peters; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil*: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: uma homenagem ao professor Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

SCHAPELLE, B.F. *The German element in Brazil*. Colonies and Dialect. Philadelphia: s.e., 1917.

SCHERRE, Maria M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle*: variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *Soziolinguistik:* eine Einführung. Stuttgart/Berlin/Köln: Kohlhammer, 1991.

SCHNEIDER. Adolfo B. Der deutsche Einwanderer. In: *GLOBUS*, a.l. n. 3, 1984.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro. *Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil.* Canoas: ULBRA, 1994.

SEYFERTH, Giralda. *As identidades dos imigrantes e o melting nacional*. Horizontes Antropológicos, vol.6 no. 14 Porto Alegre Nov. 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832000001400007&script=sci_arttext. Acesso em 03 out 2011.

SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. *Linguística aplicada e transdiciplinaridade*: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

SILVA, Sidney de Souza: *Alemão, uma língua em desuso*: relatos de remanescentes da Colônia do Rio Uvá. Universidade Federal de Goiás: Faculdade de Letras de Goiânia, 2007. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Sidney de Souza. *A colônia do Rio Uvá*: um contexto de imigração alemão e deslocamento linguístico. In: SILVA, Sidney de Souza. *Línguas em contato*: cenários de bilinguismos no Brasil. Campinas: Pontes, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOLÉ, A. Carlos. *El Espanhol en los Estados Unidos:* perspectiva sociolinguística. Bogotá: Manuscrito, 1975

SOUZA, Andréia Cristina de. *Análise de aspectos sociolinguísticos em propagandas comerciais*. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2010. Dissertação de Mestrado.

STAUB, Augustinus. *O empréstimo linguístico*: um estudo de caso. Porto Alegre: Globo, 1983.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2005.

TEIS, Denize Terezinha. *A (re)construção da identidade do aluno brasiguaio.* Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2004. Dissertação de Mestrado.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística.* Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO) *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos.* Barcelona: s. e.,1996.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Revista *El Correo*: Guerra y paz en el frente de las lenguas. Francia, 2000. Disponível em http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001194/119473s.pdf. Acesso em 05 set 2011.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATIO (UNESCO). *Relatório Mundial da Unesco:* Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. UNESCO: 2009. Disponível em http://unsdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf. Acesso em 08 out 2011.

UNSER, Otaviana Aparecida Baseggio. *Língua, cultura e identidade em contexto de línguas em contato no município de Missal.* Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. Dissertação de Mestrado.

VAN DIJK, Teun A. Semántica del discurso e ideología. In: *Discurso & Sociedad*, v. 2, n. 1. 2008. p. 201-261. Disponível em: http://www.dissoc.org/ediciones/v02n01/DS2(1)Van%20Dijk.html. Acesso em 28 ago 2011.

VANDRESEN, Paulino. O bilinguismo pomerano-português na região de Pelotas. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro II*: contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: EdUFF, 2008.

VANNUCCHI, Aldo. *Cultura brasileira:* o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. *Aspectos do Bilinguismo*: Alemão/Português em Marechal Cândido Rondon-Paraná-Brasil. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992. Dissertação de Mestrado.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. *Contato linguístico e variação em duas comunidades bilíngues do Paraná*. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 1999. 202 fls.mimeo. Tese de Doutorado.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. Bilinguismo: situações sociolinguísticas. In: *Revista Varia Scientia*. Cascavel, n. 1, ano 1, 2001a.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. Estudo sócio-histórico e cultural da comunidade de fala italiana de Palotina. In: *Jornada de Estudos Linguísticos e Literários*. Marechal Cândido Rondon – PR. Anais. Cascavel: Edunioste, 2001b.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. Identidades étnicas e situações de usos de línguas. In: SAVEDRA, Mônica e HEYE, Jürgen. *Palavra – PUC/Rio*. Volume temático: Línguas em Contato. n. 11, 2003.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. Poliglossia em contextos de ilhas linguísticas. In: *Anais da 6ª Jornada de Estudos Linguísticos e Literários*. Marechal Cândido Rondon: Escala, 2004, p. 110-125.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. O conflito étnico/cultural e interlingüístico de descendentes de poloneses. *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid, 2005. Disponível em http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/polones.html. Acesso em 18 set 2011.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. Estudos sociolinguisticamente complexos. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus; PEREIRA, Maria Ceres; ALVES, Lourdes Kaminski (Orgs.). *Lingüística Aplicada & Letras Virtuais*: questões de Linguagem e Ensino. Cascavel, PR: Edunioeste, 2006, v. 1, p. 1-11.

VON BORSTEL, Clarice. *A linguagem sociocultural do Brasildeutsch*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

WEINREICH, Uriel. *Sprachen in Kontakt*: Ergebnisse und problem der Zweisprachigkeitsforschung. München: Beck, 1976.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Tradução: Marcos Bagno. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WILD, Marta Beatriz de Bona. *As interefências linguísticas nas músicas do grupo Os 3 Xirus*. Marechal Cândido Rondon – PR.: UNIOESTE, 1992. Trabalho de Conclusão de Curso.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil:* estudo antropológico dos imigrantes e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Nacional, 1980.

WOLF, Cristina Scheibe; FLORES, Maria B. Ramos. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil.* Canoas: ULBRA, 1994.

WOODBURY, Anthony. Línguas em extinção. In: HEYE, Jürgen. *Linguística***:** Panorama da linguística contemporânea: resumos das principais áreas de pesquisa. Rio de Janeiro: PUC, 2001. CD-ROM.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE I -	Roteiro de Entrevistas	187
APÊNDICE II -	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	189
APÊNDICE III -	Termo de Uso de Dados em Arquivo	191

APÊNDICE I – ROTEIRO DA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE **CURSO:** MESTRADO EM LETRAS **ACADÊMICO(A):** ELIANE KREUTZ ROSA **OBJETIVO GERAL DA PESQUISA:** Analisar os fatores manutenção e regressão da língua e cultura alemãs no Município de Missal - Paraná. **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**: Entrevista **LOCAL DA PESQUISA**: Missal/PR.

DATA DA ENTREVISTA: ____/_____/2011	**Nº DA ENTREVISTA: _____**

ROTEIRO DA ENTREVISTA

DADOS PESSOAIS:

Nome:

Local e data de nascimento:

Idade:

Gênero/sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Estado civil:

Grau de escolaridade:

Profissão:

Há quantos anos mora em Missal?

DADOS SOCIOCULTURAIS:

01. Considerando a sua descendência, você gostaria de responder as perguntas em alemão ou em português?
02. Você fala em alemão? Em caso afirmativo, que tipo de alemão (dialeto) você fala?
03. Onde você aprendeu?
04. Em sua família se fala em alemão? Em que situações?
05. Você fala alemão em outros locais? (Clube, igreja, praças, amigos, mercado, lojas)

06. Com relação ao uso da língua e prática da cultura, você acha que estão em fase de regressão ou não? Por quê?
07. Você acha importante falar ou saber falar alemão? Por quê?
08. Em sua opinião, você acha importante que seja preservada a língua/cultura alemãs? Por quê?
09. Você acha que as músicas, danças, cantos, comidas típicas e outros eventos, como por exemplo, a *Deutsches Fest*, Café Colonial, Bailes de *Kerb*, ajudam a conservar a língua/cultura alemã?
10. Em sua opinião, o que precisaria ser feito, por parte dos órgãos competentes, como Prefeitura, Secretaria de Educação e Cultura e das pessoas, para que a língua alemã continue a ser falada na comunidade?
11. Você acha que a língua/cultura alemã faz parte de sua maneira de ser identidade? Por quê?
12. Cite duas músicas populares alemãs que você conhece de criança.
13. Cite duas histórias/fábulas alemãs que você conhece desde criança.
14. Quais as cinco palavras ou expressões que você mais gosta em alemão?
15. Conte um pequeno fato/história de sua vida.

APÊNDICE II- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Fatores de manutenção e regressão da língua e cultura alemãs no Município de Missal - Paraná.

Pesquisador responsável e colaboradora: Professor Doutor Ciro Damke e Eliane Kreutz Rosa

Convidamos o(a) Sr.(a) a participar voluntariamente de nossa pesquisa que tem como objetivo analisar os fatores de conservação e desaparecimento da língua e cultura alemãs e como a identidade dos falantes se apresenta, face à língua e cultura de seus antepassados.

Para isso será realizado o seguinte tratamento à sua pessoa: entrevista individual, pois entendemos que neste tipo de entrevista o(a) Sr.(a) terá a liberdade de expor sua opinião de maneira que mais lhe convier, podendo falar sobre o que considerar adequado respeitando-se, sempre, sua opinião pessoal.

O procedimento para a entrevista consistirá em gravar e depois reproduzir as mesmas e nos comprometemos que todas as informações serão mantidas em sigilo e que sua identidade será preservada.

Os riscos serão mínimos para os participantes, já que adotaremos as medidas para manter o sigilo e as providências para que nada possa identificá-lo. O local para a entrevista será de acordo com sua disponibilidade e será escolhido pelo Sr. (a), podendo também ser na própria casa, se assim o desejar, ou em outro local a ser escolhido de acordo com sua preferência, com a presença unicamente do Sr. (a) e da entrevistadora. Se for de sua vontade a entrevista poderá ter a presença de algum membro de sua família ou outra pessoa, indicada pelo Sr(a) se assim o desejar. Se também for de sua vontade que a entrevista seja em local diferente, e se para isso necessita de transporte, as despesas serão pagas pela pesquisadora colaboradora, não havendo, portanto, nenhuma despesa para o Sr(a). A entrevista poderá ainda ser interrompida a qualquer momento, se assim desejar, bem como terá a liberdade de não mais participar da presente pesquisa. Caso necessite, durante a entrevista, de auxilio médico, nos colocamos à disposição para levá-lo ao hospital ou ao pronto socorro mais próximo.

Informamos também que o Sr. (a) não receberá pagamento e que não vai pagar para participar desta pesquisa. As informações obtidas, resultante desta pesquisa, somente serão usadas para a realização da Dissertação de Mestrado e publicações ou em apresentação em eventos científicos, sendo suas identidades preservadas uma vez que adotaremos, na análise da transcrição dos dados, siglas e não o nome dos participantes, como por exemplo: M1, M2, F1, F2.

A pesquisadora compromete-se a esclarecer quaisquer dúvidas e a reparar danos ou prover meios para a reparação, se estes surgirem. A qualquer momento o Sr.(a) poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre sua participação ou sobre esta pesquisa diretamente ao pesquisador responsável – Professor Doutor Ciro Damke - pelo telefone celular 45-9972-0728 e a pesquisadora colaboradora – Eliane Kreutz Rosa - pelo telefone celular (45) 8822-4372, ou ainda ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIOESTE Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pelo telefone (45) 3230-3272.

Este Termo consta de duas vias, sendo uma para o participante da pesquisa e outra ficará com os pesquisadores.

Missal/PR, _____/_____/_____.

Nome do responsável: _____

Assinatura: _____

Nós, Professor Doutor Ciro Damke, pesquisador responsável e Eliane Kreutz Rosa, pesquisadora colaboradora, declaramos que fornecemos todas as informações referentes à pesquisa ao participante e/ou responsável.

Professor Doutor Ciro Damke
Pesquisador responsável
Professor Orientador da Dissertação
Mestrado em Letras
Tel: (45)-9972-0728

Eliane Kreutz Rosa
Pesquisadora colaboradora
Mestranda em Letras
Tel: (45) 8822-4372

APÊNDICE III - TERMO DE COMPROMISSO PARA USO DE DADOS EM ARQUIVO

Título do projeto: Fatores de manutenção e regressão da língua e cultura alemãs no Município de Missal – Paraná.

Pesquisador Responsável: Professor Doutor Ciro Damke
Pesquisador Colaborador: Eliane Kreutz Rosa

O(s) pesquisador(es) do projeto acima identificado(s) assume(m) o compromisso de:

1. Preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa cujos dados serão coletados;
2. Que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
3. Que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa.
4. Que serão respeitadas todas as normas da Resolução 196/96 e suas complementares na execução deste projeto.

Cascavel/PR, _____ de _____ de 2011.

_____
Professor Doutor Ciro Damke
Pesquisador Responsável

_____
Eliane Kreutz Rosa
Pesquisadora colaboradora

ANEXO I

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

PARECER 081/2011-CEP

Súmula: Avaliação de proposta de projeto de Dissertação, tendo como pesquisador responsável Ciro Damke.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, analisou na sessão ordinária do dia 31/03/2011, Ata 002/2011 – CEP, o processo CR nº 864/2010, referente ao projeto de Monografia intitulado "O Ensino/Aprendizagem de língua Espanhola: Dois Caminhos: Obrigatoriedade Versus Livre opção" tendo como pesquisadora responsável Ciro Damke.

Solicitou-se a Alteração no Titulo do projeto em questão, Para "fatores de conservação e desaparecimento da língua/cultura alemã no município de missal/Paraná". A solicitação se justifica uma vez que será efetuada uma expansão da amostra analisada

Assim, mediante a importância social e científica que o projeto apresenta, a sua aplicabilidade e conformidade com os requisitos éticos, somos de parecer favorável à alteração do projeto classificando-a como **APROVADA**, pois a mesma atende aos requisitos fundamentais da Resolução 196/96 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e/ou a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Cascavel, 31 de março de 2011.

Dra. SÔNIA DE LUCENA MIORANZA
Coordenadora do CEP/Unioeste